AGITAÇÃO

IV

MARÇO
1933

EDIÇÃO DO GRUPO AGITACIONISTA

UZINA CATENDE

— DE —

A. F. da Costa Azevedo

—o—

ASSUCAR E ALCOOL

— MUNICIPIO de CATENDE —

PERNAMBUCO

Capacidade productora	500.000 saccos
Producção annual de assucar, media	400.000 saccos
Producão çannual de alcool, media	2.000.000 de litros
Capacidade productora	2.500.000 de litros

Escriptorio e Armazem:
RUA VISCONDE DE ITAPARICA nº 7 — 1.º and.
(antiga do Apollo)
TELEPHONE, 9161 — RECIFE — PERNAMBUCO

NEHEMIAS GUEIROS

O ESTADO E A IGREJA

PUBLICADO COM UMA INTRODUCÇÃO

— POR —

OCTACILIO ALECRYM

ESTE LIVRO QUE E' UMA RESPOSTA A' "PREPARAÇÃO A' SOCIOLOGIA" DE TRISTÃO DE ATHAYDE, E' ENCONTRADO EM TODAS AS NOSSAS LIVRARIAS.

EDIÇÃO DO GRUPO AGITACIONISTA

I vol.: 5$000

AGITAÇÃO

IV

MARÇO

1933

EDIÇÃO DO GRUPO AGITACIONISTA

— DA —

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

№. 378344
Бл. 8524446

I N D I C E

Paginas

ENCERRANDO A SUA ATIVIDADE 5

TERCEIRO CENTENARIO DO NASCIMENTO DE BARUCH SPINOZA — Evaldo Coutinho 7

POSIÇÕES — Aderbal Jurema 32

O ELEMENTO INDIGENA NA MUSICA DO NORDESTE — Diégues Junior 43

TECNICA DE UMA "DEMOCRACIA" IMPERIALISTA — Octacilio Alecrim 47

POEMAS — Carlos J. Duarte e Joaquim Cardoso 57

IOTAS PARA UM ENSAIO SOBRE A PERSONAGEM — Bezerra Coutinho 59

A SCIENCIA E A RELIGIÃO — Methodio Maranhão 74

NOTAS 81

Encerrando a sua atividade

O Grupo Agitacionista surgiu na Faculdade de Direito do Recife com um sentido todo elle de larga renovação de valôres. Para isso, arregimentou aquelles elementos que melhor poderiam comprehender a sua finalidade, e com o concurso delles realizou um dos movimentos mais interessantes de nossa vida universitaria.

Tendo agora terminado alguns dos seus elementos o seu curso juridico e outros se afastado de nossa terra defronta-se o Grupo com uma situação inelutavel — a de encerrar em definitivo a sua atividade.

"Agitação", orgão do Grupo, completando hoje o seu ultimo compromisso para com os seus colaboradores materiaes e culturaes tem, pois, o seu ultimo numero de acordo com o que acabam de resolver os seus diretôres.

Terceiro centenario do nascimento de

BARUCH SPINOZA

1632 — 1932

EVALDO COUTINHO

O philosopho que em todos os tempos — antes de Socrates e depois de Nietzsche — buscou sempre a explicação dos phenomenos relacionados com todas as facetas da vida, é alguem que nunca viaja sozinho nem tão pouco fecha os ouvidos aos rumores da vizinhança. E' um perscrutador para poder ser um revelador. No momento em que olha para si olha para os outros e é dessa dualidade de perspectiva, dessas maneiras differentes de ver, que surgem os seus grandes pontos de vista, a sua caracteristica quando não toda a estructura do systema. E tambem a grande opportunidade de autocritica, o motivo de uma grande neutralidade como o de uma larga integração. Nietzsche jamais exigiria uma reforma no calendario si não tivesse a dois passos de distancia a Allemanha de seu tempo, cheia das "ideas modernas", o peior conteudo que já possuiu o typo mediano da cultura. Mas si o modelo nihilista, talvez o ultimo divinizador da qualidade — o que a sentiu mais profundamente — desdenhava sem nenhum euphemismo o que existia mai salem de sua epiderme, outros typos houve que sentiram a necessidade de juntar-se aos outros tel-os em contacto, dar um tanto de sua energia do mesmo instante em que buscavam certa dóse de calor alheio, numa ansia de vida em conjuncto: de sentir-se elevar como parcella. Além dessas duas formas de conducta ha outras intermediarias oscillando entre os autonymos. E que phenomeno explicará, porventura, essa discrepancia de conducta? Não deve existir para essa questão nenhum effeito de myopia philosophica. A retina não entra no caso e nem Marx nem Nietzsche precisavam de oculos. A vida teve para ambos a mesma quantidade de luz e de sombra. O motivo differenciador surge de dentro delles e não do lado de fóra. E' o que explica aquelle admiravel prologo á **Philosophia na época tragica dos gregos**, sem o que seria impossivel perceber o que existe por traz do **Eterno retorno** ou do **Discurso do Methodo**. A ultima surpresa da mecanica e da physica não consegue destruir a "verdade"

dos systemas de idéas. A agudeza applicada sobre essas abstracções olhará bem no fundo. O **Discurso do Methodo** dirá mais de Descartes do que o retrato de Franz Hals.

O systema philosophico como expressão physiognomonica como pretendeu a maior inquietação do occidente em certo periodo de sua obra, não indicará a causa primeira da conducta desses architectos nem tão pouco a realidade do que elles são interiormente. O cerebro dista muito da sensibilidade e do espirito. Não ha orgão mais insincero do que este que sobrepõe as idéas umas sobre as outras, applical-as na esquina das arestas, nos contornos, nos pilares, nas columnas, como si ellas fossem de pedra e cal. Deve haver u'a medida de um por cento de sinceridade na feitura dos systemas philosophicos. O que enche a vista são os productos directos do cerebro, com toda a sua magnificencia, com toda a sua luz e a sua gymnastica. Poderá ser symptoma dos mais altos valores mas nunca de sinceridade, de verdade. Rousseau escreveu o **Emilio** e collocava os filhos na roda. Mas tal coisa não impediu a Carlyle de elevar este hypocrita á altura do super-homem, para quem o grande inglez exigia ácima de tudo, como caracteristica do heroe, a sinceridade. A infinita complexidade do eu anda não encontrou a sua forma de expressão suffciente· completa, e difficilmente seria o systema philosophico essa forma adequada. Os elementos da forma em si tão bastante insinuantes para adquirirem vida independente, energia propria, indo actuar até contra os principios que devem exprimir, impossibilitando assim toda a exteriorização fiel e perfeita· E esse lado seductor do conjuncto philosophico pode assumir tal importancia a ponto de forçar as posições da subjectividade, falsifical-as em proveito daquillo que em vez de "significado" é apenas "expressão". Taes coisas impedem a revelação da pureza de linhas do conjuncto pessoal, o "eternamente irrefutavel". Nem sempre se conhecem os homens pelos seus ideaes tomados em si mesmos, porque si estes são negados pelos outros homens podem tambem ser inutilizado pelos seus proprios autores, como formas passiveis de erros, rectificaveis, o que seria impossivel si se tratasse da exposição de um trecho da personalidade.

O proprio Nietzsche verificou mais tarde a insufficiencia desses principios, embora não o tivesse declarado textualmente. Assim é que em differentes logares de sua obra veem-se conceitos em torno de grandes figuras da historia da philosophia os quaes são verdadeiras apostasias, repulses radicaes a theorias e principios que não coincidem com os seus. Si as doutrinas são reflexos do amago de seus realizadores, negal-as peremptoria-

mente seria descrer da existencia da objectividade, de estructuras reaes além da sua, que em outras palavras significa cahir no mais flagrante solipsismo. No **Mais além do bem e do mal** ha trechos impiedosos sobre Giordano Bruno, Spinoza. Kant. cujas doutrinas se anniquilam aos olhos de Nietzsche que não consente que ellas valham nem para os que as construiram, muito menos que sejam uma retratação fiel.

Descartes é considerado textualmente como superficial, talvez o qualificativo mais improprio lançado por quem poucos annos antes havia insistido em dizer que os systemas philosophicos são a mais nitida physionomia do autor. Quando o mais compativel com a logica seria affirmar que os systemas philosophicos são verdades para quem os edificou mas que não coincidem rigorosamente as duas entidades em jogo: o productor e o produzido. Que Hegel tenha acreditado religiosamente na verdade revelada no seu systema, não ha duvida nenhuma, porque mesmo é de todo impossivel imaginar-se um edificio desta ordem sem uma fé energica que vivifique a sua execução e que o mantenha erguido. A seguir o pensamento do prologo a unica attitude digna no caso seria a neutralidade ao apreciar os productos alheios, o perdão magnanimo para quem apresentasse o amontoado mais contradictorio e consequentemente mais ininteligivel para outro que não o seu creador. Mas a indiferença pelas opiniões dos outros, sobretudo quando esssa opiniões dizem respeito a problemas universaes, que toam sempre no mais intimo de cada homem, será uma attitude tão estranha que difficilmente adoptal-a-á o espirito mais sensato. Em philosophia convencer, cercar-se de adeptos, é uma necessidade de primeira ordem — o que presuppõe o ataque, a polemica, o anniquilamento da corrente adversaria. No fundo, ha no philosopho um pouco de pamphletario. Uma doutrina para uso interno é tão impossivel como uma doutrina para todos os sêres. O absurdo é o mesmo para os dois extremos.

Essa necessidade de discipulos permanece como uma caracteristica de todos os cortejadores dos primeiros e dos ultimos problemas, sejam elles os que se bastam a si mesmos, nietzscheanos até a medula ou os que se preoccupam com os afazeres da vizinhança, com os principios de vida e de morte das outras creaturas. Nietzsche ou mesmo esse admiravel Jean Cassou, visceralmente antitolstoiano, muito estimaria ver um dia uma geração de homens moldada a sua imagem e semelhança. O typo de pedagogo e moralista no sentido pejorativo do ensaista francez não é privilegio de nenhum monstro que queira reflectir-se na figura do proximo, mas uma das marcas iniciaes do

constructor de systemas que procura extender sempre o seu tecto ao maior numero de leguas possivel. Ha todo um manifesto á multidão no indice de cada livro de philosophia.

* * *

Num livro sobre problemas relacionados com o que ficou dito ácima, **Les chiens de garde** — titulo de pamphleto — Paul Nizan, com a sua directriz de marxista radical, aborda o philosopho e a philosophia de u'a maneira profundamente diversa de tudo quanto foi esclarecido ha millenios de annos. A difinição do termo philosophia preocupou sempre aos homens desde o momento da apparição do objecto philosophico. Sempre o enthusiasmo, a veneração, a idolatria ou o reconhecimento presidiram a attitude da critica diante das largas formas de pensamento. O ensaio do marxista apresenta em todo o seu desenrolar o aspecto de uma denuncia. O philosopho como todo o ser humano, apezar do desterro em suas cogitações, é possivel que possua na sua existencia ou na sua obra um lado sujo, pervertido. Mas não é sobre isso que se apontam as armas. E' sobre todo o systema philosophico, o tradicional edificio de idéas que desta vez se projecta o fóco de luz desmacarador, a bem da justiça, da harmonia **necessaria e inevitavel**. Ha um criminoso escondido na immunidade do philosopho. Não deve ficar impune quem procura dar como realidade aquillo que é pura abstracção, jogo de phantasia, embora este seja o mais genial e seductor. A philosophia até aqui não tem sido mais do que um modo de alhear-se da vida ou de defender a posição social do seu autor, servindo-se das argumentações mais subtis, dos pensamentos mais demoniacos como de traves ou de supportes. No primeiro caso, o delicto é menos grave com o seu aspecto acatado de vicio elegante.

O temperamento do philosopho tem grande ingerencia na questão, podendo até revelar um typo superior, com fina acuidade de olfacto, que no caso de extender a sua hygiene aos outros, prefere-a intacta para si mesmo. Essa especie de homem pecca unicamente pelo facto de não ter dado á intelligencia um maior raio de acção, fazendo ver que sem immunizar a vizinhança o perigo de contaminação é o mesmo. O segundo typo que é o mais alvejado é descaradamente o que somma melhor a hypocrisia á intelligencia, ao talento inegualavel que ás vezes nem procura o ruido para confessar os seus designios nem a escuridão para expor os seus mappas. Na philosophia ha, portanto,

o elemento conservador — não por ser o objecto a conservar o melhor, mas por ser o mais vantajoso — que é o philosopho moderno de ha menos de cem annos, consciente de sua immoralidade, sem o mais leve rubor de timidez, agarrando-se ao seu livro como a um entorpecente. O fim mais negro que podia ter uma existencia millenaria! A obedecer o conselho de Platão o mundo só duraria vinte e quatro horas com esses homens á sua frente.

A' medida que o philosopho toma consciencia da tarefa que vem desempenhando, a velha instituição do systema diminue sensivelmente, a ponto de nesses poucos annos não se poder apontar quase ninguem que conserve os traços tão preciosos que faziam a gloria de um Leibniz ou de um Kant. A philosophia de grande estylo vae ficando muito longe á medida que o pensamento se fragmenta em especializações philosophicas, cada uma tomando por sua conta a maior amplitude possivel, como galhos que vivessem ás suas proprias custas. O marxista francez considera essa posição da philosophia como um dos exemplos mais fortes de cynismo, de desinteresse hypocrita. E não podia ser outro o modo de ver de um marxista. Abandonar o que é veridico, evidente, para refugiar-se numa athmosphera inventada após um passeio em Fontainebleau, ou durante uma estação balnearia, deixando a planicie no estado de sempre como o melhor mundo possivel, não pode ser o criterio dos clerigos, porém, a sua traição mais negra. Brunschvicg sempre viveu nos apartamentos de luxo e sómente esse recanto perfumado é o unico que o mundo lhe deixa observar e por ser o mais inebriante ha de impedir-lhe os passos si algum dia pretender olhar além das cortinas de tecido raro. Tudo o que sahir do cerebro deste homem tem que ser abominavelmente unilateral, e a menor gymnastica de doutrina irá fatalmente denunciar o ambiente em que escreve e pensa. Philosophia de oppressores, esta que existe pelas livrarias, nos centros de cultura, e como tal, faustosa, cheia de titulos nobiliarchicos (espirito de Sorbonne, etc.) brilhante, sensacional, decadente. Si ha uma philosophia de oppressores deve haver tambem uma philosophia de opprimidos, sem vôos, sem lampadas magicas. Paul Nizan quase nada revela dessa philosophia e nem podia fazel-o porque toda a sua preoccupação é de colher provas, argumentar, lançar a accusação. Mais uma vez o odio prejudica a grande possibilidade de um livro de ideas. Mas, pensando bem, seria de todo impossivel tentar conceber-se uma philosophia dentro dos moldes apontados aqui, uma estructura de idéas somente para a esphera do proletariado, idéas que contenham um sentido pra-

tico immediato de organização, de manutenção e de triumpho de classe. Si em outras épocas os systemas tendiam para a victoria de um determinado typo de perfeição humana, o sabio ou o santo, não se segue que a nova philosophia deva impor o seu modelo —o revolucionario profissional. Esse modelo com toda a sua grandeza tragica e com todo o seu espirito de sacrificio, não pode ser nunca um modelo de philosophia. Para sel-o seria necessario uma certeza fixidez de existencia, uma duração apreciavel, "apresentar sobre um certo espaço de tempo alguma identidade de si mesmo" como dizia ha pouco J. Benda — o que é implicito á noção mesma de modelo. Que o typo philosophico tenha sido uma abstracção a mais, ninguem duvida, porém, tal designação abrange um objecto de existencia secular, embora méra realidade psychica, mas sempre com os seus requisitos, com a sua universalidade. O santo podia ser o rei como o vassalo tambem. No entanto a figura do revolucionario profissional é meramente transitoria, agindo apenas a bem de uma facção. Tal coisa parece impedir que se lhe applique o conceito que devia ter o homem sabio ou virtuoso, em outras épocas. O modelo tem sido uma exigencia dos systemas philosophicos, o qual não vive mais hoj'em dia como não pode existir mais tambem grande parte da velha terminologia. Desapparecendo o objecto, desapparece o seu conceito. O que Paul Nizon deixa entrever, deve levar outro nome que não o de philosophia. No caso dos oppressores o nome ainda fica bem. Em linhas geraes a tendencia a uma solução total para as creaturas no problema da felicidade, contem pigmentos que lembram os longinquos avoengos. No caso dos opprimidos o que se tem a resolver não trae nenhum parentesco, são outros os methodos, outros os materiaes e outros os fins e outro deve ser o titulo. A terminologia nunca se mostrou tão aberrantemente plastica como nessa questão.

A philosophia de oppressores não tem ainda cem annos. Os seus representantes dirão certamente que ella não tem nem um mez de vida. No entanto ella começa a encanecer (durará mais de cem annos uma philosophia de oppressores?) e a ver a inutilidade do seu esforço. A philosophia de oppressores data precisamente desde o dia em que se notou a possibilidade de uma "philosophia" de opprimidos, e perdeu nesse instante toda a sua innocencia secular. Não mais conheceu o rubor e no logar da candura usou de outras forças para a sua manutenção. Surgiu nesse instante a philosophia interessada, com todo o seu apparato seductor, hypnotisante, e sobretudo com a consciencia perfeita de seu destino.

Não se pode incluir, como quer o marxista francez, o phi-

losopho dos outros tempos, com os seus systemas de grande estylo, na classe dos oppressores, simplesmente por faltar áquelle a consciencia de agir como oppressor. Não ha crime quando não houve a intenção de commettel-o. A philosophia de antigamente construia-se á margem do desinteresse, admiravelmente ingenua, crendo na efficacia de seus conselhos e no triumpho de seu tempo humano. E muito fez na pesquisa de conhecimentos, na utilização de energias captoras, na sondagem dos valores humanos. E si se lhe deve isso foi sobretudo pelo seu desinteresse pela ausencia desse aspecto torpe que ella mostra actualmente — de sustentaculo da commodidade do seu autor.

O philosopho dos outros tempos sentia-se bem na ausencia do luxo. Preferia a simplicidade e não era raro apparecer um grande espirito que fizesse da pobreza um principio da mas alta virtude. E consequentemente um principio de vida. Spinoza era assim: num seculo em que o homem via para a felicidade mais de um horizonte — não somente o dos sentidos, mas tambem o da contemplação e da beatitude — elle preferia á agitação concupiscente das grandes cidades, o silencio do seu quarto sem o mais leve vestigio de vaidade e de ostentação. Elle que nem os proprios livros assignava parecia um daquelles cavalheiros da RosaCruz que tinham a indigencia e o anonymato como um dos meios mais puros para attingir o territorio de Deus.

* * *

Talvez não tenha existido philosopho tão retraido, que olhasse tão pouco para as coisas de fóra, como Spinoza. A sua vida, toda ella de um perfeito ascêta, tinha o horizonte destruido pelas quatro paredes de uma casa de pensão. A paysagem hollandeza saturada do colorido de um dos seculos de mais pittoresco, era-lhe conhecida como si fosse um habitante do outro hemispherio, apenas por alguma informação ou por algum trecho de livro. Essa paysagem e tudo o que em seu seio pullulava, elle não sentia a necessidade de buscal-a para si, como um conteu'do para a sensibilidade. Nem tão pouco queria contribuir para adaptar essa paysagem á sua exigencia interior, vivendo nella e imprimindo-lhe um pouco de sua personalidade. Si ninguem pode viver sem intimo contacto com a paysagem, dando um pouco de si mesmo e recebendo qualquer coisa do horizonte exterior, numa admiravel permuta de lyrismo, é provavel que durante os seus quarenta e tantos annos de vida, o judeu solitario tenha se utilizado de uma paysagem intima, cuja

forma não se pode conceber, mas que deve ter existido, por se tratar de um principio basico de vida. Si o asceta no conceito nietzscheano é alguem que possue em alto gráo a vontade de dominio, exercendo-a contra uma parte de si mesmo, deve-se accrescentar á sua psychologia, a existencia no seu intimo de estructuras equivalentes ao conjuncto exterior, perfeitas paysagens que só se imaginavam como privilegio para os olhos. A crer nisso ter-se-á o solitario como o ser mais completo, satisfazendo aos desejos mais subtis, com elementos de seu proprio conteu'do. Sobretudo quando o eremita — o asceta e o eremita são uma só pessoa—vive nas circumstancias que cercavam Spinoza: sem mulher e sem Talmud. Geralmente o asceta dispensa a mulher, mas nunca o sobrenatural. A divindade é precisamente o que elle procura fora do seu seio e a quem dedica as suas forças mais caras. E é comparando Spinoza com os outros ascetas nessa questão do sobrenatural que se encontra um de seus pontos mais vigorosos de superioridade.

Porque deixar a religião de seus paes e aconchegar-se a um deus alheio é sem duvida uma prova evidente de convicção, de fé, de energia. Mas abandonar a divindade de sua tradição e não abraçar nenhum pensamento alheio e ficar com o calor de sua fé dirigido para o producto metaphysico de sua propria creação, é algo mais vigoroso, talvez a maior prova de potencialidade interior, de vida, de genio.

Bastando-se a si mesmo, Spinoza construiu um systema philosophico de grande estylo em que manifesta, em trechos diversos, a sua attitude de desdem pela visinhança. O primeiro symptoma de sua vida de recolhimento quase absoluto que apparece na sua obra, está na hypertrophia da força cerebral utilizada. As possibilidades dos juizos da razão, sem limite, tendiam a explicar os reconditos mais secretos da personalidade humana, onde é quase totalmente impossivel que material dessa ordem penetre como força reveladora. Acatador da formula cartesiana da divindade da razão, Spinoza acreditou tudo discernir sem dar um passo de sua mesa de trabalho. A sua tendencia innata para o ascetismo não poderia de modo nenhum incompatibilizar-se com a revelação de Descartes que se impunha como o caminho ideal para a sciencia, em que o homem sozinho não teria mais que aproveitar os elementos contidos em sua propria pessôa. Confiante nisso o solitario ampliou as possibilidades de sua solidão. Não era mais uma questão de necessidade physica, o seu recolhimento. Era o modo mais consentaneo na pesquisa da verdade.

Em toda a sua obra, portanto, o que existe de mais sym-

ptomatico como revelação de ascetismo é essa excessiva dignidade que elle imprimiu ao methodo mathematico, applicando-o em questões de pura metaphysica, de ethica a mais requintada e em factos do lyrismo mais evidente. Sem se indagar si da junccção de estructuras tão dissemelhantes pode surtir alguma solução veridica, deve-se logo ao primeiro relance, denunciar a existencia de um homem entre quatro paredes que ignora a realidade de forças de apprehensões outras que não as **idéas adequadas**, formas de approximação animica que não o **amor intellectual**. Não existiu, dentro mesmo do racionalismo, ninguem menos intuicionista (no sentido moderno que se dá a esta palavra) que esse solitario que em certos trechos de sua **Ethica** affirmou que traria "os problemas da alma, das affecções, a acção dos homens e seus appetites como si fosse uma questão de linhas, de superficies ou de volumes". **Ethica L III. pag 130, ed. fr**. Nunca o apriorismo mathematico pretendeu ir tão no fundo. Um modo de ver de quem, ignorando o quotidiano do mundo exterior, não chegou a perceber que todo o conteúdo espiritual humano é mais variavel, mais complexo, mais cheio de nuances e de requisitos differenciaes no seu sentir e no seu querer que as figuras de geometria em todas as suas dimensões. Não ha duas physionomias e duas espiritualidades semelhantes e é impossivel um theorema sobre a identidade das almas.

Condemnar o processo deductivo da **Ethica**, forma racionalista por excellencia — o unico proceso a se exigir de um solitario, apenas em contacto comsigo mesmo — é querer uma anomalia: a methodização insincera. Tendo-se em vista que o methodo procede de fontes communs ao estylo, nada de mais desacertado que obstar a sua intromissão em problemas de metaphysica. Sómente quando a dedução perde o seu papel methodizador e sacrifica o objecto em vista para perder-se na seducção do pensamento especulativo, isto é, quando deixa de actuar sobre objectos reaes ou metaphysicos para pender sobre a abstracção mathematica, então é que se tem de que reprovar. No caso de Spinoza tal irregularidade não acontece, o que é sobretudo de admirar, dada a facilidade espantosa do pensamento especulativo de abysmar-se nas suas cogitações interminaveis, absolutamente desnescessrias para o assumpto em desdobramento. Desde os primeiros postulados as definições sobre substancia, attributos, modos, até o final do livro V, em que o problema da felicidade se desenha e o typo philosophico de que tratamos ácima se affirma na questão da beatitude e do terceiro genero de conhecimento — o methodo e todo o material em apreço desenvolvem-se genialmente, dando logar a uma unidade

de conjuncto admiravel. A primeira impressão que deixa a leitura da **Ethica** é a de que outro methodo não satisfaria tanto quanto o adoptado. Si mais tarde alguma insufficiencia deixa-se resentir, isso não impede o julgamento sereno ao designar a forma desse livro como um dos mais raros productos da intelligencia humana. No seculo do messianismo mathematico a solidão mostrava a todo o mundo exterior de que eram capazes o seu poder de inspiração e a força absorvente de sua athmosphera. Si evidentemente é descordante a applicação do processo deductivo sobre certas questões, si certos enunciados são humanos demais para merecer uma demonstração tão fria, é que não conhecia o autor outro meio mais captivante de dizer as coisas a não ser equelle que lhe deve ter soado com todas as resonancias de um perfeito estylo e que mais facilmente proporcionava ao assumpto uma continuidade absoluta e logica. Quantos enunciados bellissimos não soffreram a frieza do **c. s. q. d.**! Nada mais subtil e verdadeiro do que isto: "a alegria que nasce quando nós imaginamos que a coisa que odiamos é destruida, ou afectada de um outro mal qualquer, não surge sem alguma tristeza da alma". **III, XLVII**. E este perfeita confissão de quem sempre evitou o proximo e consequenmente a sua miseria: a" compaixão, no homem que vive sob a conducta da Razão, é por si mesma má e inutil". **IV, L**. E esta boa observação: "a estima torna facilmente orgulhoso o homem que é imado". **IV, XL IX**. No theorema **IV, LXXIII**, que diz: "o nem que é conduzido pela Razão é mais livre na Cidade, onde v segundo as leis communs, que na solitude onde elle não obedece senão a si — mesmo" — vê-se que Spinoza dirigiu-se para os outros. Isso porque toda a philosophia necessita de adeptos como de um elemento primordial para a sua existencia. O egoista nunca chegou ao cumulo de reservar a "verdade" para o seu uso exclusivo. E assim talvez este seja o unico theorema que se acha mais distante de sua personalidade. Aquelle em que Spinoza mostrou ser menos spinozista. Spinoza que na elaboração de sua philosophia olhou mais para si do que para os outros não pretendeu, comtudo, neutralizar-se diante do acontecer humano, antes tinha em vista todos os seus semelhantes que deveriam para a sua felicidade ler no seu breviario. A mesma coisa pensava Descartes:... "creio que não podia tel-as escondidas (as noções geraes sobre a physica) sem peccar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar tanto quanto podemos o bem geral de todos os homens". **Discurso do Methodo, sexta parte**. Para Spinoza convém salientar que semelhante imperativo da consciencia surgia de uma dedução logica e não de

um sentimento de piedade. Seja como for a philosophia—contra a affirmação de Nietzsche—mesmo que parta de um asceta, de um solitario, de quem vive de si mesmo, tende a harmonizar, a integrar os individuos no mesmo laço, na mesma directriz de vida. Um conjuncto que, salvo alguns pontos de ordem geral, permanece na historia da philosophia como algo de original, de novo: O spinozismo, como todo o systema que possue esses caracteres, apresenta o seu lado revolucionario, a sua energia demolidora de idolos, a sua força reformadora — uma perfeita "transmutação de quase todos os valores". Problemas que em sua apreciação coincidem quando se tratam mesmo de philosophos de directrizes oppostas, no systema spinozista talvez essa coincidencia não seja tão facil. A reforma dos valores, a originalidade de julgamento, assumem taes proporções que a impressão que fica é a de uma exquisitice sem igual.

A philosophia de Spinoza não encerra aquelles elementos de parentesco, aquella unidade que attrae todos os philosophos do occidente para o mesmo grupo. Elles utilizam-se dos mesmos instrumentos de pesquiza, mas em posições differentes. Spinoza, obedecendo a pontos geraes do cartesianismo para a explanação do seu pensamento, procedeu como um oriental que se expressase em caracteres latinos. Si já se tem definido a posição de Spinoza no decorrer da cultura, como pertencendo ao cyclo magico, é que a orignalidade, para o occidente, de suas idéas, por ser tão nitida, é um elemento differenciador que o situ'a num plano estranho ao nosso. O systema philosophico parta de um eremita, de um "estranho", permanece sempre com o mesmo rasgo humanitario, com o seu anseio de salvação, embora tenha a destruir outros grandes principios elaborados e dirigidos para o mesmo fim. Mas a attitude do revolucionario já tem sido santificada sob o aphorismo que diz: não se mancham as mãos quando se matam as idéas em proveito dos homens.

A philosophia de Spinoza com o seu conceito absolutamente inédito de uma natureza naturante "o que existe em si e o que é concebido por si", ou melhor, "Deus, considerado como causa livre" originou, na sua época, a sensação de escandalo que produz um pensamento de excepção. Difficilmente acreditar-se-ia que um sentido reformador tão radical, sobretudo na esphera metaphysica, surgisse num seculo que, não obstante o seu furor racionalista, não tinha, porém, abandonado as linhas geraes de muitos annos de escolasticismo. Mais distante do pensamento tradicional que Descartes, o conteu'do philosophico de sua obra lembra os systemas anteriores unicamente pela ter-

minologia — e não foi sem justa razão que a sua fama de heretico restringiu o numero de seus leitores e de seus adeptos. A sua noção de um Deus que não ama nem odeia a ninguem — **V, XVII, corollario** —, as suas affirmações de que a humildade não é uma virtude — **IV, LIII** — o seu conceito de que a compaixão no homem que vive sob as leis da Razão é má e inutil — **IV, L** — o seu enunciado de que a estima como a falta de estima é sempre prejudicial — **IV, XLVIII** — tudo isso que feria os ouvidos de seus contemporaneos, deixava-o tambem numa inquietude de quem teme as consequencias de seus actos. Spinoza tinha todos os seus sentidos voltados para a imagem da fogueira. Descartes sentiu muitas vazes essa angustia de mêdo infiltrar-se-lhe na espinha, e outra coisa elle não occulta nestas palavras: "muito estimaria em proseguir e fazer ver todo o encadeiamento das outras verdades que eu tenho deduzido das anteriores: mas para isso seria necessario que falasse de varias questões que são objeto de controversia entre ou doutos, com os quaes eu não quero me confundir, creio que será preferivel que me abstenha... — Discurso do Methodo — **Commentario de Victor Brochard — quinta parte**. A imagem de Giordano Bruno entre chamas que impediu a Descartes de publicar em vida o seu **Tratado do mundo ou da luz,** deve ter sido uma companheira invisivel e assidua de Spinoza no seu isolamento. Custava caro no seu tempo referir-se a preconceitos que precisavam cahir. A acuidade de critica de Spinoza via bem onde estava o motivo desses erros, desses preconceitos ingenuos e falsos: muitas vezes na inversão de papeis da causa e do effeito: "ella (a theoria das causas finaes) considera o que é em realidade a causa como effeito e reciprocamente" — **I, appendice**. Muito tempo depois Nietzsche consideraria essa confusão como um dos quatro grandes erros de toda a religião e de toda a morla: a "verdadeira perversão da razão". — **O Crepusculo dos Idolos**.

Partindo de definições sobre substancia, attributos, modos, o pensamento logico vae pouco a pouco sobrepondo os elementos uns sobre os outros de modo a construir uma concepção metaphysica do mundo genuinamente inedita, uma "verdade" para cujo encontro concorreram todas as energias do cerebro representadas naquellas leis que Melebranche, um dos seus grandes contemporaneos, concebeu para a procura da verdade. E nas leis do methodo cartesiano. (No fundo as leis de Descartes e Malebranche coincidem perfeitamente, não si tratassem de mestre e de discipulo). No systema spinozista, na parte referente á divindade, o que ha talvez de mais extraordinario e o que

fere logo a attenção do commentador, é a ausencia de finalidade no revivescimento do universo. O seu conceito de substancia, de Deus, de natureza naturante, não pode abranger esse problema e assim se tem um dos casos rarissimos de u'a metaphysica sem um plano preestabelecido para a marcha do mundo. Em diversos fragmentos de sua obra, principalmente no appendice ao livro I da **Ethica**, este assumpto é claramente debatido, o qual, na expressão do philosopho não passa de um preconceito que "pode impedir os homens de compreender o encadeiamento das coisas tal como tenho explicado". De facto a idéa dominante noje e no seu tempo de que as coisas da natureza e de Deus agem em vista de um fim determinado — "ficção do espirito" — não pode se conciliar com o principio fundamental: "todas as coisas são determinadas pela necessidade da natureza de Deus a existir e a agir de um modo dado". Principio este que implicitamente declara a inexstencia dos phenomenos contingentes nas modificações dos attributos da substancia, isto é, no esphera da natureza naturada. A these finalista incompativel com o conceito pantheista do mundo, considerada uma superstição que era necesario extinguir, é um dos grandes marcos differenciaes que a sua doutrina encerra e que tanta surpreza ia causar no ambiente cartesiano — escolastico de seus contemporaneos. O seu caracter de impio accentuava-se em côres tão nitidas como um dos melhores exemplos da inutilidade dos processos de repressão que applicara a intolerancia religiosa daquelle tempo. Era mais uma prova eloquente de que si a tortura não suffoca os anhelos do mystico não pode ella tambem impedir a existencia do heretico.

O sentido do terror é profundamente negativo. O Deus de Spinoza — "o ser absolutamente infinito, que consiste em uma infinidade de attributos, cada um exprimindo uma essencia eterna e infinita" — noção que envolve os conceitos de substancia e de natureza naturante, no primeiro caso emquanto designa o que existe em si e é concebido por si e neste emquanto é considerado como causa livre — manifestando a necessidade de sua essencia atravez dos dois attributos, pensamento e extenção — é a unica força actualizadora que determina todas as variações do existente "conforme as leis de sua natureza, e sem soffrer o constrangimento de quem quer que seja". Consciente com este principio, Spinoza, ao tratar dos pontos basicos de intelligencia e vontade de Deus, vinha novamente de se insurgir contra a idéa commum a esse respeito, e é na exposição desse assumpto que o seu vigoroso poder de raciocinio e de clareza mais se patenteia. Considerando que a intelligencia e a

vontade de Deus estão para a inteligencia e a vontade do homem como o cão, constellação celeste, está para o cão, animal irracional, elle quer com isso dizer que apenas uma coincidencia de nomes associa entidades tão differentes. A intelligencia e a vontade divinas que no spinozismo são uma só e mesma coisa — ao contrario do que succede no homem que as tem sempre posteriores ou simultaneas ás coisas — vêm sempre á prori, e não poderia ser de outro modo sendo ellas a essencia de Deus que por sua vez é anterior a todas as coisas. A intelligencia divina produzindo a intelligencia humana não se segue que ellas sejam da mesma natureza: "quando uma coisa é a causa tambem da essencia como da existencia de um effeito dado, ella deve ser differente deste effeito sob a relação de essencia, como sob a relação de existencia". — **I, XVII escholio**. Assim a natureza naturada em seu conjuncto não se prende aos attributos da substancia como crê qualquer adepto de outra metaphysica o qual suppõe o produzido eternamente ameaçado, dependente da attitude a ser assumida pelo productor.

Deve-se ter em vista a differença entre causa e effeito sómente no tocante á noção de essencia e existencia e emquanto a força productora é tida como essencia de Deus. Mas si a lei ácima referida dispõe de um modo tão categorico, tal coisa, porém, não impossibilita de se affirmar, como fez Spinoza — **I, XXXIV** —, que "toda a coisa que existe exprime a natureza ou a essencia de Deus de um modo certo e determinado". A funcção que o effeito tende a exercer sobre a causa, a de entidade expressiva já era evidente antes do enunciado daquella lei, na definição de Deus. E por mais racionalista que fosse Spinoza elle não poderia chegar ao termino de sua concepção, si não houvesse vestigios das formas procuradas, pontos de apoio onde se pudesse construir qualquer hypothese, qualquer formula indicadora. Spinoza que foi um empirista e tambem fez uso da intuição — uma intuição a seu modo —, tinha por força que sentir nos objectos circumdantes, nos modos, formas que expressam a natureza dos attribuitos e consequentemente de Deus. A funcção expressiva das coisas circumdantes foi sempre um ponto commum a todos os philosophos metaphysicos, fossem elles racionalistas ou idealistas. Mas em nenhuma época os objectos que os nossos sentidos revelam exprimiram uma entidade tão original, tão estranha como no caso de Spinoza. Si os modos indicam a natureza dos attributos, não se pode cogitar de uma separação entre as duas estructuras. E' impossivel, como acontece nos systemas idealistas, manter os dois conceitos de modo e attributo como duas formas distanciadas, uma exprimindo a

significação da outra como o rosto e o systema affectivo do inviduo. Os modos não são mais do que os proprios attributos considerados em detalhe, apreciados fragmentariamente. Apoiado no principio — um dos principios mais necessarios para o conhecimento que tanto preoccupava Malebranche—de que não se deve concluir nada sobre a natureza do complexo sem primeiramente ter pleno conhecimento das coisas simples que a constituem e nesse outro de que o effeito exprime sempre a causa— o estudo das differentes modificações oriundas da extenção e do pensamento, é um dos meios mais accessiveis para a apprehensão da realidade de Deus. Investigar qualquer obejcto existente é penetrar no proprio Deus porque "tudo é concebido e existe em Deus". E apprehender a realidade de Deus atravez do conhecimento é o que ha de mais nobre e de mais elevado na conducta do homem — a essencia mesma da felicidade: "o bem supremo da alma é o conhecimento de Deus e a virtude suprema da alma é conhecer a Deus" — IV. XXVIII. De posse desse conhecimento é somente quando a alma pode conduzir-se sem enganos e sem erros. Dest'arte, o conhecimento de Deus não é somente um requisito para o repouso supremo mas tambem uma necessidade primordial para a conducta do homem em todas as horas e em todas as circumstancias —, um principio basico de moral social. Dispensal-o seria não viver ou então equilibrar-se mal num ambiente onde os grandes valores conservam a sua proeminencia e a sua intensidade e somente podem ser profundamente attingidos por aquelle genero de apprehensão. Viver tendo como objectivo o conhecimento de Deus é a mesma coisa que viver sob a conducta da Razão, e assim proceder é evitar constantemente o que entrava a potencia de agir e afastar toda a causa de tristeza. A natureza dos homens pode coincidir si elles não adiantam um passo sem primeiro escutar o que aconselha a Razão. E coincidiriam num longo momento de bemaventurança. "Não existe nenhuma coisa particular no mundo que seja mais util ao homem que o homem que vive sob a conducta da Razão", dizia Spinoza. Si todos os homens procurassem apenas o que lhes é util, o que satisfaz plenamente a necessidade de sua natureza, isto é, agissem conforme a grande força que os deve orientar, de certo o mundo viveria numa paz duradoura (a "paz" do spinozismo que tanto deleitava a Goethe), sem contendas, sem motivos de tristeza. Si a primeira tendencia do homem é conservar o seu ser, nada mais consentaneo com o seu caracter que conduzir-se de modo que nunca passe de u'a maior a u'a menor perfeição: que é a definição spinozista da tristeza. A idéa de que toda a coisa procura perseverar em seu ser (a af-

firmação de Spinoza que mais irritava a sensibilidade de Nietzsche) é uma consequencia logica da noção do mundo todo-natureza, do mundo como totalidade além do que nada existe, porque elle é todo o existente, cuja monada mais diminuta só se movimenta e se sensibiliza de accordo com as leis da natureza do conjuncto. O procedimento de um Deus desse genero deve ter raros pontos de contacto com o dos outros deuses sobretudo quando a divindade tem diante de si aquelles seres que mais se approximam della e são conscientes da sua existencia e da sua potencia: os homens. Em toda a metaphysica os deuses procedem differentemente com relação ás coisas e aos homens, e em troca exigem tambem differentes modos de proceder com relação a si, aos homens e ás coisas. Todas as religiões definem-se com esses termos e de certo modo todos os systemas metaphysicos. O Deus de Spinoza, ao contrario dos outros, tem na sua estructura uma quantidade immensa de substancia material —o attributo extenção — o que parece incabivel em si tratando de uma entidade sobre a qual se extendem conceitos e energias de fé proprias de uma religião ou de u'a mystica. A materia tem sido quase sempre apreciada pelos philosophos como a origem de todo o mal, como o elemento mais distanciado de Deus. E tambem o que menos vestigios de Deus apresenta. Plotino, cujo systema tem ás vezes contacto intimo com o de Spinoza, considerava a materia como o não existente. Para uma divindade tão original a conducta dos homens deve circumscrever-se dentro de valores e modalidades originais. Tendo-se em vista que uma ethica ha de ser posta em pratica como se fosse dictada directamente pelo Deus que a preside, não pode haver ponto nenhum de discrepancia entre o seu conteu'do e os grandes principios metaphysicos. A ethica do spinozismo é a ethica de um Deus todo-Natureza.

Na sua exposição dos valores humanos, das tendencias da alma e dos fins a que estas se dirigem não surge um só elemento contradictorio com o seu grande systema do mundo. Tudo o que se segue á concepção do seu Deus vive em harmonia perfeita com o pensamento fundamental de sua obra. Dito de outro modo, os problemas concernentes á natureza da alma, ás affecções ou á servidão humana, mostram-se com o mesmo aspecto de estranheza, com uma originalidade tendendo já ao exquisito. O magico, existente na concepção do mundo continúa na concepção do homem. Si as linhas geraes de um systema applicadas sobre o universo têm muito de relativo e de hypothetico, essas idéas de conjuncto dirigidas para o homem devem ter muito mais ainda de relativo e de hypothetico. O

caso do homem é mais complexo. Sobre elle não pode se applicar um unico systema solucionador, simplesmente porque cada sêr humano em particular é um caso differente a resolver, o qual possue necessidades proprias e que, portanto, exigem modos differentes de satisfazel-as. A ter como verdade o que ahi fica dito seria o mesmo que rectificar todos os systemas apparecidos em centenas de seculos, porque todos elles apresentam como um problema commum um universalismo solucionador no seu sentido mais rigoroso. Não seria o spinozismo o unico a perder nesse aspecto. Todos os outros, Leibniz inclusive — Leibniz que disse uma vez que não ha duas folhas identicas, querendo referir-se aos homens — consideram os sêres humanos passiveis das mesmas penas e aptos para as mesmas victorias. Que outra coisa quer dizer o typo philosophico? O modelo para os homens que é o ponto de chegada de todos os systemas, não varia para ninguem no seu aspecto acabado de virtude e de bemaventurança. As soluções que Spinoza concebeu para os problemas da alma, depois de estudal-a, dissecando-a o mais possivel, destacam-se pela natureza original de seu contéúdo. Antes da attingir a parte valorativa das affecções, o que em primeiro logar se depara e que é sem duvida um de seus pontos capitaes é a estructura material e espiritual do homem onde os dois attributos de divindade, extenção e pensamento, vêm parallelamente agir segundo a necessidade de sua natureza. Assim o homem não é um ser que precisa purificar-se para gozar um pouco da graça divina. Elle é dos pés á cabeça uma parte do proprio Deus. Não são necessarias etapas a vencer para se penetrar na morada do Creador. Elle ahi vive desde o dia em que nasceu como um fragmento de Deus; elle e todas as coisas que se descobrem com os sentidos. O homem como um vestigio de Deus, que tenha em si proprio alguma coisa de quem o creou não foi um facto até então inedito na historia da philosophia. Dezesete seculos antes, uma das maiores figuras do mysticismo no seu sentido mais alto (pese embora a opinião de Bergson) — Plotino — via no elemento espiritual humano uma centêlha divina que, embora fraca, não conseguira, comtudo, extinguir-se. E o que é mais significativo ainda era a possibilidade de um regresso ao Uno e consequentemente ser uma força activa dentro de uma unidade perfeita com o primeiro principio. Salvo algumas idéas mais divergentes, não se pode negar a proximidade entre os dois systemas, magicos ambos, como já se tem classificado, sobretudo na parte referente ao "ser em Deus". Si num o homem está em Deus com toda a sua alma e todo o seu corpo e noutro apenas com determinada face de sua alma, nem por isso

o que se affirma pede contestação. Em ambos os casos o principio "perseverar em seu sêr" empregado nas mesmas circumstancias e o regresso á divindade pela contemplação ou pelo conhecimento são uma grande "verdade" que preoccupou aos dois philosophos.

Uma tendencia essencialmente mystica. Spinoza com toda a sua frieza de mathematico e de calculista não deixou de ser um grande mystico. Consequencia logica da vida de um eremita. Spinoza que raramente sahia á rua, tinha, comtudo, desejos fortes de viajar em ruas de mundo differente, e como Plotino, soffria elle daquella "nostalgia de Deus" que é o sentimento mais agudo de mystica. A mystica de Plotino e a de Spinoza, dada a similitude evidente, bem que poderiam ser estudadas no mesmo capitulo da historia: revelam como seu caracter principal a tendencia para manter em synthese Deus e o homem, para confundir os valores divinos com os valores humanos. Não pode existir uma tendencia mais nobre, a dessa confusão que se interpreta como um desejo de elevar o nivel humano á uma dignidade menos terrena — em vez de se concluir por um rebaixamento de Deus ao nivel dos homens. O orgulho humano não chegaria nunca a ser tão demoniaco. E em ninguem a vontade de divinizar-se foi mais intensa como em Spinoza. Ter a sua propria alma como um trecho de Deus é uma convicção profundamente mystica e dignificante. Porém mais extraordinario do que isto é ter além da alma o corpo tambem como um trecho divino. Semelhante mysticismo certamente que é o mais vital e essa tendencia em considerar tudo como divino o exemplo mais alto do anhelo humano. Reputar o individuo de carne e osso como um ser de essencia divina é eleval-o ás ultimas culminancias. Spinoza fica, portanto, na historia do pensamento philosophico classificado entre os espiritos que mais têm sentido a grandeza do elemento humano do universo a ponto de divinizal-o, de deifical-o, mesmo a contragosto do reaccionarismo negativista de seus contemporaneos. Excedendo a todos, Spinoza não deprime o sentido valorativo da materia, divinisa-a tambem, ao contrario dos outros philosophos que olham para as proprias carnes como para vestes sujas.

O Deus de Spinoza, dado o seu caracter nitidamente differencial, tem, na sua conducta de entidade creadora, que assumir certas attitudes que o vulgo diria indignas até de um homem, mas que não podiam ser outras. Da proposição seguinte: "Deus está exempto de paixões", chega Spinoza, deductivamente, a esta affirmativa cheia de audacias: "Deus não ama a

ninguem nem tem odio a ninguem" — **V, XVII, corollario.** Nada de mais sacrilego foi dito por nenhum metaphysico mas que é uma consequencia irrefutavel do seu conceito pantheista de Deus e do mundo. Uma divindade tão original somente pode proceder de um modo exquisito. "Aquelle que ama a Deus não pode fazer esforço para que Deus o ame": isto em virtude do principio de que Deus é exempto de affecções, mesmo que estas sejam de alegria ou de amor. Não podia ser outra a conducta de Deus para com as creaturas. Mas, em compensação, si taes affirmativas ferem a preceitos communs, outras há de uma pureza e de uma candura que não se applicam em outro objecto que não o objecto divino. "O amor a Deus não pode ser manchado, nem da affecção de inveja, nem da de ciume". Enunciado que implicitamente encerra um outro do mais alto sentido humanitario: "este amor é commum a todos os homens e nós desejamos que todos gozem delle". E tanto mais este amor é praticado por um maior numero de homens mais intenso é para cada um de nós. Spinoza queria que os homens se conduzissem perante o seu Deus com o apparato mais subtil de angelitude, como si a sua natureza fosse como a de outros deuses — tão indefinivel na sua pureza e tão prodiga na recompensa ás mãos postas mais asseiadas. Si commumente é difficil ter como perfeição a um Deus-todo-natureza, não o foi para Spinoza que punha a necessidade do ser divino ácima da necessidade de cada "modo" em particular. E como a necessidade de Deus, outros valores punha Spinoza ácima de quaesquer outros méramente humanos (isso na proporção e relação a existir entre as modificações e os attributos) — nada perdendo assim a sua metaphysica comparada com a de outros organizadores de systema, onde a personalidade do ser originario e creador paira além do que ao homem pertence e interessa. Mas si nos outros a divindade é a preoccupação constante e intensa, não o é menos para Spinoza, com o accrescimo de que á essa divindade está o homem presente como um fragmento precioso, e assim a elle toca o mesmo fervor de philosopho e de mystico. E assim sendo nada mais logico e estranho tambem (o extraordinario é a nota dominante em todo o seu systema) que considerar o homem com menos pessimismo e menos rigor, o contrario do que se tem feito sempre, juntar-se ás consequencias de seus actos uma dose salvadora de perdão. E para isso dar ao mesmo objecto um conceito e um sentido differentes. O homem na concepção tolerante do spinozismo, da ethica spinozista, tem que se conduzir differentemente em contacto com o seu Deus, com os seus semelhantes e comsigo mesmo, e outras devem ser as formas de

julgamento a se impôr como castigo ou como premio. Outro o sentido de justiça.

O homem como representação dos dois attributos, extensão e pensamento, agindo de conformidade com a essencia de Deus, tem uma tarefa a desempenhar diante do mundo. Não pode a sua attitude resumir-se apenas na passividade do contemplador nem tão pouco a sua actividade consiste num revolver de forças cégas e anarchicas. O homem ao mesmo tempo que vive deve ter o controle de si mesmo, em outros termos, agir conforme a Razão. Nas suas relações com os homens, as coisas, com o universo, ha uma directriz de pensamento, uma força guiadora para as suas acções, apontando-lhe sempre o melhor caminho e o fim mais conveniente com o seu valor moral. Os processos empregados para a acquisição de Deus, o conhecimento racional ou aquella "sciencia intuitiva" — que é sobretudo um effeito de mystica —, prestam-se tambem para a utilidade diaria das pessôas. "A virtude absoluta da alma é comprehender" — **IV, XXVIII,** comprehender a Deus, isto é, tudo o que fôr passivel de comprehensão. "Não deve haver senão uma só e mesma forma de comprehender a natureza das coisas quaesquer que ellas seajm: por meio das leis e regras universaes da natureza. Pois as affecções de odio, de colera, de inveja, consideradas em si, resultam da mesma necessidade da Natureza e da mesma força como todas as outras coisas particulares". — **III, da origem e da natureza das affecções.** As forças caracteristicamente humanas, é preciso conhecel-as, e para isto é bastante a applicação de processos que conviriam do mesmo modo ás linhas, ás superficies e aos volumes. O desenvolvimento deductivo nunca se viu ás voltas com objectos tão finos e tão complexos como o desejo, a tristeza e a alegria, de onde se derivam os outros productos affectivos da alma. Um mundo de vitalidade e de mysterio numa linguagem e com os recursos proprios de um eremita — as forças prodigiosas da imaginação e do raciocinio.

Em todo o systema spinozista respira-se uma athmosphera de equilibrio, de paz, de calma, e é na parte referente á alma e ao seu conjuncto affectivo que esse ar de quietação e de silencio se faz mais sentir. Spinoza tinha horror ás vibrações intensas, ao excesso de affectividade. Uma gargalhada maguava-o tanto como um grito de dor. Elle preferia as emoções de intensidade media aos grandes arroubos da surpresa. Tanto mais leve a contracção da face mais duradoura a emoção si é de alegria e menos duradoura si é de tristeza. Ninguem foi mais exigente e mais commedido nessa questão subtil de affectos — que é justamente a questão que menos exigen-

cia e menos medida revela. — Pode-se dizer de Spinoza o que já se disse do santo da lenda: de tanto refreiar os seus affectos atrophiou o volume do figado. O quadro mais colorido em que Spinoza via os homens era aquelle em que as paixões actuavam como entes diabolicos, intelligentes e seductoras, como adversarios: como a força propulsora da tragedia. O drama sanguinolento tanto pode existir entre duas ou mais pessoas como em um só individuo. O sabor de tragedia, o signo de morte, são os mesmos. As paixões são personagens a quem não faltam todos os requisitos que compõem o inimigo. Si é pela derrota do adversario que se mede o valor heroico do luctador é pelo afogamento das paixões que o homem revela a sua potencia no que ha de mais digno e de mais nobre. No processo quotidiano da conducta o cuidado mais precioso é, portanto, evitar a "servidão humana". Tarefa tanto mais ingrata si se considera o vigor do determinismo que ordena todas as acções humanas: "o homem é necessariamente sempre exposto ás paixões, segue a ordem commum da natureza e lhe obedece, e se acommoda emfim tanto quanto exige a natureza das coisas". Em outras palavras os braços irremediaveis de Deus abarcando todo o existente. E ainda o tempo como factor decisivo na intensidade dos affectos é uma face a mais do conjuncto que impera sobre o homem como um corpo sobre o seu orgão mais sensitivo. Quando um objecto se distancia no tempo a emoção que delle resulta ausenta-se ou diminue a sua vibração. Questão de aspectos tão agudos é suggerida apenas por Spinoza nas sete linhas de um scholio, sem calor, sem vibratilidade. Um dos recursos mais ricos para uma rehabilitação da vida ou para uma sensação de morte — o tempo como factor no acontecer humano — é antes de tudo um problema bem digno de actuar num systema. Nem todas as recordações antigas, como queria Spinoza, são as mais debeis. Para muita gente o dia de hontem deve ter echoado menos do que uma hora ha vinte annos. Ha em certos factos um valor em si que resiste á força demolidora do tempo como uma esculptura em pedra. O pouco que na **Ethica** é dedicado a essa questão do tempo deriva racionalmente de conceitos anteriores, e nada é mais certo do que elle affirma si se pondera sobre a verdade do processo deductivo. Mas que demonstra tambem que nem tudo resolve o raciocinio e que é preciso um tanto de experiencia propria em todas as faces da vida. E' provavel que para Spinoza não lhe tenha vindo nunca experiencia nesse sentido, de algum facto longinquo que perdurasse intacto na sua memoria cuja reminiscencia fosse revivida mais com o auxilio das forças do seu systema affectivo do que mesmo com as

energias exclusivas do cerebro. Apesar de que a sua biographia revela acontecimentos que envolveram pessoas de sua mais estreita intimidade quando não a si mesmo: o assassinio do seu protector Jan de Witt, a revolta contra os seus paes, ainda na adolescencia. Mas recordações de tanta tristeza, Spinoza certamente que as recalcou até inutilizar-lhes todo o vigor rememorativo. A sua philosophia nesse ponto se expressa claramente: "...nós nos esforçamos em negar tudo o que imaginamos que affecta de tristeza a nós mesmos ou a coisa amada" — III, XXV.

O spinozismo não foi para o seu autor uma philosophia de uso interno. Que elle tenha pensado e actuado dentro das formulas de sua doutrina é quase certo. Mas uma philosophia de grande estylo não se redige para uma só pessoa, redige-se para toda a humanidade. Foi um grande sonho, uma das mais bellas esperanças do pensamento humano, o dos velhos pensadores, de conduzir todos os homens sob a mesma concepção do mundo e da vida. Si tão grande sonho, de u'a maneira geral, tem preoccupado aos philosophos que na sua maioria vieram em contacto directo com os homens e os flagrantes de rua, com mais razão deve ter absorvido a attenção de Spinoza, morador sedentario de uma casa de commodos. O seu typo philosophico indica bem o caracter de seu systema — uma philosophia para adeptos. Typo esse que mesmo que não venha detalhadamente debuxado e colorido, impõe-se na imaginação do leitor com um perfeito especimen humano sem faltar nenhum dos membros, tal os traços rigorosos que o delineam. Cada typo philosophico tem sido um modelo de perfeição. Cada philosopho tem accumulado para esse fim as suas mais nobres energias de moral e de esthetica. E é curioso examinar-se, num estudo comparativo, as differentes tendencias de escultura, asa concepções diversas em torno do homem ideal. Não poucas vezes após a leitura de um systema, fica-se a interrogar intimamente si esse typo philosophico foi a consequencia dos principios geraes de doutrina ou, ao contrario, foi a doutrina um motivo proveniente do modelo humano. Não ha de parte dos philosophos uma confissão a esse respeito. Elles jamais revelam os seus processos secretos de technica. Mas a suspeita de que muitas philosophias surgiram de uma idéa para a qual deviam confinar, pode permanecer sem prejuizo. Assim alguns pensadores antes de terem sido philosophos foram artistas. Talvez em ninguem como em Spinoza, essa suspeita caiba menos. Elle não se parece com um navegante que, imaginando a existencia de uma ilha em logar determinado aprompte embarcações e tripulantes apropriados, viveres e vestimentas ade-

quados á natureza da nova terra. O typo philosophico delineado por Spinoza é uma consequencia de sua concepção de Deus: sente-se que as suas impressões sobre a natureza como divindade foram as primeiras a surgir e de outro modo não podia acontecer, dada a realidade mesma do homem consistir em um aggregado de modos.

O homem, segundo Spinoza, para conseguir um estado de felicidade perfeita não necessita mortificação nenhuma — mas apenas proceder conforme as leis da Razão. Nada mais simples e a conducta deslizará suavemente como si algum Deus mythologico e amigo o conduzisse pela mão. Um dos principios fundamentaes do spinozismo é aquelle enunciado do theorema VI, livro III, — de um odiado conservatorismo — de que tudo se esforça em perseverar em seu ser, e esse principio outra coisa não é que o fundamento mesmo da virtude, e a pratica da virtude confunde-se com a plena felicidade. O typo philosophico spinozista, portanto, terá, como um cuidado essencial, defender e conservar a integridade de sua estructura no meio dissolvente das forças exteriores que não coincidem com a Razão, pertençam ellas a um de nós ou aos outros. A consequencia mais dolorosa para os que não obedecem a esse enunciado é o suicidio, o triumpho das forças más. O problema da tragedia — no seu sentido mais absoluto — está assim contido no spinozismo, como uma inobservancia aos avisos da Razão. Nem a tragedia escapou ao racionalismo do judeu solitario. Nem o problema do comico teria escapado si delle se tivesse lembrado o grande philosopho. Mas si se quizer considerar o comico como o opposto ao tragico — velho habito dos contrarios mas que nem sempre dá certo — aquelle ha de se manifestar no momento em que o homem escontrar o que lhe é mais util conforme a Razão, — isto é, o proprio homem: "... nada de mais util ao homem que o proprio homem. Os homens nada podem desejar de mais proveitoso para conservar o seu ser que combinarem-se entre si de tal modo que as almas e os corpos de todos não formem mais, em caso nenhum, senão uma só alma e um só corpo, e todos juntos, com todo o seu poder, se esforcem em perseverar seu sêr. E que todos juntos procurem a utilidade commum de todos". Em outras palavras, está ahi uma indicação para si se approximar ao typo spinozista. E numa possivel esphera do comico, um conceito de fraternidade imposto pelo utilitarismo antes que pela piedade. Certamente essa é a forma mais alta e mas pura que o individualismo tem podido apresentar. O homem ao mesmo tempo que segue os principios da Razão fazendo uso das outras creaturas, reciprocamente, deve conside-

rar-se tambem como de utilidade para os outros. E' um individualismo que admitte uma permuta de objectos e esforços por objectos e esforços identicos. Quanto isso vae longe do que disse o marxista francez! Uma grande entidade, o typo philosophico spinozista fazendo de virtude e de felicidade termos synonymos, da permanencia do ser tal como está um enunciado fundamental e que todos os homens tornem-se como um só corpo, auxiliando-se entre si, recebendo dos outros energias para onde só existe fraqueza: isso numa reciprocidade de effeito moral grandioso.

Ha mais uma coisa que accrescentar ao typo philosophico spinozista. Evidentemente algo de grande valor, alguma coisa de capital mesmo. Spinoza não julgou necessario revelar, isso porque a possuia em contacto com a fé que o ajudou a erguer o seu systema. Trata-se da consciencia que o homem deve ter de sua posição no Deus-natureza. A sua situação de agente segundo as leis da necessidade de Deus. Não é facil tarefa incutir no espirito do homem que elle é um trecho da natureza, maravilhoso, é verdade, mas com tal possua os mesmos valores dos outros trechos. Não é com algumas demonstrações que se convence ao homem de um nivelamento em que si incluem coisas e sêres humanos. A concepção do valor que o homem apresenta permanece sob um criterio que podendo ser arbitrario, é comtudo adquerido de ha muito a ponto de não saber ao certo si nasceu com elle ou não. O homem sente-se á vontade medindo mas não como objecto de medida, numa promiscuidade indigna com o que não sente e não pensa. Ha muitos habitos fortemente enraizados mas que é necesaria a sua abolição para uma possivel permanencia no seio do spinozismo. Talvez em nenhum systema philosophico seja tão complexo e tão profundo o sacrificio da tradição. Malebranche era sacerdote catholico e discipulo attento de Descartes. Si custoso é abandonar as noções adquiridas durante seculos, mais difficil ainda é ter a consciencia de seu papel segundo o spinozismo. Antes, porém, existe a questão do temperamento. E' preciso saber si a percepção de determinados homens corresponde ao objecto a perceber-se, si se tem a tendencia para abraçar certos principios. Esse é um problema cujo discernimento irá demonstrar a inutilidade ou a falsidade do typo philosophico que foi um bello sonho, mas que ficou nisso.

Não houve até aqui siquer um interprete desse typo philosophico. O spinozismo passou como um amontoado de conselhos que ninguem seguiu. Tambem porque os conselhos eram rigorosos demais e não se applicavam aos homens taes

como estavam, mas áquelles que se preparavam antecipadamente para ouvil-os. Antes de se encarnar o typo spinozista era necessario primeiro ser spinozista. Abraçar totalmente o conjunto do systema. Podia-se conciliar o catholicsmo com Descartes ou Leibniz. Com Spinoza nenhum dogma religioso existente podia se alliar: para naturezas oppostas conceitos oppostos. Spinoza, tudo leva a crer, foi o unico interprete do typo spinozista. Um typo concentrado, inimigo dos fortes arroubos, das grandes sensações, das surpresas violentas, pensando antes para falar depois, desinteressado, prestimoso, um sorriso identico para os homens e para as coisas, cauteloso. Tão cauteloso até evitar motivos de compaixão, de arrependimento. Tão cauteloso a ponto de sahir raramente de casa onde em logar das paixões vermelhas, da promiscuidade cumplice, ha somente livros, moveis e sobretudo um mundo no cerebro. O mundo da imaginação que desconhece muitas forças e muitas personagens que actuam no outro mundo, o da rua e das avenidas. Spinoza não adoptou esse processo de conducta após a elaboração de seu systema, para melhor seguir os seus principios linha a linha. Conduzia-se assim na vida ao mesmo tempo em que escrevia. A sua obra tem vestigios nitidos de uma confissão.

Houve, porem, tentativas para a encarnação desse typo. Goethe em mais de uma occasião, no seu Fausto, manifestou o desejo de fazer de sua personagem uma personagem spinozista, que vivendo na Natureza-Deus, procedesse diariamente conforme as normas de u'a moral não para homens libertos da vontade da natureza mas para individuos, como todo o existente, formados de attributos da substancia. Faltava ao Fausto para integrar-se no spinozismo precisamente aquella predisposição que possuia um Malebranche com relação a Descartes, um Fichte com relação a Kant. Uma tendencia innata receptora de determinadas formas de pensamento. A desventura de Fausto, muitas vezes decorria daquillo que para Spinoza seria o supremo objecto da felicidade. Mas o sentido de comprehensão e julgamento não coincidia em ambos os casos. Em Spinoza comprehender era um phenomeno de vida e nuncsa um motivo de morte. A curiosidade era um incentivo para o triumpho e a insatisfação não existia para o typo spinozista. Bem differentes os dois typos — o spinozista e o pascaliano.

POSIÇÕES

ADERBAL JUREMA

PANORAMA

Em meio do confusionismo dominante, corolario da conspiração outubrina, a moderna geração brasileira vem compreendendo, com uma visão menos estreita, o momento excepcional que a humanidade está vivendo.

O panorama do Brasil politico e economico é um indice da hora dolorosa por que atravessa a sociedade contemporanea.

De braços com uma crise formidavel, aguçando-se dia a dia, o mundo capitalista vai aos poucos compreendendo que chegou o seu "short" final.

Na vespera dessa provavel realidade aparecem, aos milhares, os idealistas utopicos e os sociológos **a toque de caixa** que procuram desviar os povos dos meios radicais para os suasorios, seguindo uma falsa lei de **evolução natural e gradativa.**

O movimento das classes armadas brasileiras de 1930 foi, como toda conspiração, uma experiencia de resultados negativos. E não poderia ser de outra maneira tendo em vista o problema politico absorvendo o economico.

Aliás, entre nós e em todo continente sul-americano, esses movimentos armados têm sido simples marés que nunca atingiram ás necessidades economicas das massas. U'a maré que baixou e outra que elevou-se, ambas do mesmo liquido.

O nosso país, com seus cento e poucos anos de vida **independente,** vive acorrentado aos interesses dos **imperialismos** inglês e ianqui que o algemaram para sempre, provocando-lhe um desequilibrio financeiro e, concomitantemente, a maior situação de miseria economica que haja experimentado uma nação civilizada.

Vivem as nossas riquezas naturais completamente abandonadas e somos um país que quasi nada produzimos. Nossas forças hidraulicas, quédas e cachoeiras, não são aproveitadas. Minerais temos em quantidade, mas importamos tudo, até o cobre com que cunhamos as nossas moédas... Como aterradora resultante a nossa limitadissima industria tende a desaparecer. Assim desejam os nossos credores para que o Brasil seja, prô futuro, um país essencialmente agricola. Sinonimo de eternamente escravo.

Entre as politicas mercenarias mundiais a nossa tem sido, até agora, de consequencias lamentaveis. Não poderia ser de outro feitio desde que a classe dominante, servindo a interesses estranhos aos habitantes da nação (consciente e muita vez inconscientemente), não procura ajustar medidas economicas que se coadunem com as nossas condições geologicas e climatericas. Como ilustração desta afirmativa temos a situação de penuria das zonas rurais do nordeste, que nenhum regime baseado no individualismo economico e liberal terá a capacidade de sanar.

Assim vivem os nossos trabalhadores agrarios em um estado constante de miserias fisicas e, consequentemente, morais.

Qual o programa ou programas dos partidos republicanos, de 89 pra cá, em relação ao nordeste? O que realizaram?

São duas interrogações que não encontram resposta em nenhuma das plataformas dos presidentes da republica velha e nem, tampouco, nas entrevistas dadas pelos dirigentes da republica n. 2, como muito acertadamente a denominou o meu coléga de Grupo, sr. Nehemias Gueiros.

Procuram, fugindo a geografia humana, com homeopatias politicas (excursões de proceres politicos) e calmantes economicos (remessa de dinheiro para distribuição entre os famintos), prolongar para amanhã o que não podem fazer em tempo algum, embora hajam prometido, continuando manietados a uma falsa politica economica, que jamais conseguirá resolver a situação angustiosa do caso brasileiro. Caso este que, como parcela do complicado caso universal, exige uma solução internacional.

SOLUÇÃO METAFISICA

O ambiente politico do Brasil é incerto. Os revolucionarios liberais se fracionaram. De um lado os constitucionalistas vêem como unica salvação para o país a volta imediata da constituição senil que êles proprios destruiram. Do outro, encabeçando o movimento pró ditadura, aparece o Clube Tres de Outubro, ultimamente metamorfoseado em Partido Socialista Brasileiro, com um programa de "reivindicações de esquerda".

De fato, toda revolução republicana deve tender para a esquerda, mas, infelizmente, não tivemos uma revolução, por isso se explica que essa esquerda revolucionaria seja o que

ha de mais direitista em terreno sociologico. Aqui cabe um parentesis: o movimento liberal de outubro de 1930 veio esboçar o seu programma economico-social 19 meses depois da instauração da ditadura civil...

Para exemplificar a linha pseudo-esquerdista dos outubrinos, antes da reação armada de São Paulo, temos o sr. tenente Sombra, ultimamente com honras de sociologo e que se dizia chefiar a maioria da massa operaria do Ceará. Promete, ou melhor, prometia o sr. Severino Sombra, ao operariado ingenuo de sua terra a aplicação do socialismo católico, ou catolicismo social como querem os néo-espiritualistas, como unica solução para acudir ás necessidades do proletariado.

O católicismo social é o que ha de mais utopico e incoerente. A propria estrutura economica-social da Igreja Romana é capitalista. Ela tem a sua base economica em latifundios. Para apresentar um programa socialista precisa, primeiro, libertar-se de suas contradições fundamentais: — seus patrimonios e suas classes. Para não falarmos da sua aristocracia de costumes que transformou a tunica simples do humilde sonhador da Galiléa em trajes riquissimos e pomposos.

Os catolicos que tentam adaptar o socialismo ás suas conveniencias partidarias deviam meditar sobre a interrogação shawniana de Block: Les catholiques qui vénérant le Décalogue comme loi divine, peuvent-ils s'associer aux socialistes qui veulent abolir la propriété privée?" (1)

Por um determinismo economico irrefreável, previsto pelos modernos sociólogos que abandonaram o metodo classico de observarem de monóculo a historia da civilização, os sistemas de produção forçarão o advento da democracia socialista.

Em todas as épocas, desde os primordios da luta de classes, as idéas politicas que se sucediam eram, antes do triunfo total, fortemente combatidas pelos que manejavam a maquina do Estado. Na sua forma mais humana essas reações eram impulsionadas pelo instinto de conservação do regime. O paganismo reagiu com unhas e dentes ao cristianismo. O feudalismo lutou, até ao ultimo instante, contra a burguesia. Chegou a vez da burguesia enfrentar a sua classe antagonica.

O reacionarismo ultramontano, que é um aliado intimo do sistema dominante, compreendendo que os manifestos oportunistas estão desmoralizados e que o principio apolitico de cada homem se conformar com a sua condição já não encontra gua-

(1) Maurice Block — LA EUROPE POLITIQUE ET SOCIALE, pag. 579.

rida na massa explorada, procura, com uma falsa visão do "momento economico", evitar o choque das classes. Para este fim surgem, em quasi todos os paises do universo, os partidos ultramontanos com os seus principios acomodatícios.

No Brasil existe, atualmente, mais de um deles. Ultimamente formou-se em São Paulo a Ação Integralista Brasileira. Seu manifesto não merece comentarios por ser uma simples peça de literatura ôca. Dessa que abunda no seio das plataformas presidenciais e em certas publicações literarias do Brasil.

Os sociólogos do reacionarismo brasileiro voltam as vistas, no seculo da industrialização, para as corporações da Idade Média. Tristemente desambientados e esquecidos do "momento economico" querem resolver a inquietação moderna, corolario da hipertrofia capitalista, com o sistema corporativo, como se a classe explorada fosse composta de artezãos e não existisse, com o aproveitamento egoistico e irracional da maquina, o grave problema dos sem-trabalho.

Com muito acerto escreve De la Pumariega, em seu livro "Del Capitalismo al Socialismo", que a tragi-comedia dos ultra-montanos é: "despilfarrar el tiempo com ilusiones utópicas y asi favorecer indirectamente la reacción social."

Ainda por causa desse capitalismo mascarado é que Ingenieros se insurge "contra o ridiculo socialismo católico que sob o manto de redenção é o obstaculo que unido ao socialismo de Estado, afasta o dia da emancipação social com as suas regressivas contemporisações" (2).

A analise historica dos fatos sociais e de como a Igreja tem atuado dentro deles, depois que abandonou a companhia dos humildes para se tornar uma potencia, levam-nos a uma conclusão tortuosa. Quer isto dizer que a sua ética social, a unica cousa que aqui nos interessa, tem sido de uma flexibilidade e de um amoldamento revoltantes. (3).

Cabe ainda aqui, neste fim de capitulo, uma referencia ao notavel naturalista padre Camillo Torrend. Este, em uma de

---

(2) José Ingenieros — O QUE E' O SOCIALISMO, pags. 53 e 54.

(3) Analisando-se minuciosamente a posição do operario na época em que o papado era senhor de diversos departamentos territoriaes, ver-se-á que a Igreja Romana consentia na exploração do trabalhador como hoj'em dia faz o Estado capitalista, ao qual ela está intimamente ligada por liames economicos e espirituais.

A condição do operario nos Estados Papais do seculo XIX é um estudo de muita oportunidade na época presente, quando os néo-espiritualistas tentam empunhar como "vient de paraitre" a Encicilca Rerum Novarum, para dar uma solução de continuidade ao "ritmo catastrofico" da civilização burguêsa. Esse estudo será objeto de minhas observações em outro artigo.

suas estadas entre nós, chegou a afirmar, no ardor de sua fé, que "os salvadores da sociedade, que saberão arrancar-se ao egoismo unilateral e sacrificar-se pelo bem comun, dificilmente se encontram fóra do católicismo". (4).

Não precisamos, para refutar essa afirmativa, citar fatos de que estão gravidas as paginas da historia dos povos.

Basta o exemplo novissimo da Russia moderna, dirigida pelo proletariado liberto da civilização monoteista, embora acoimado pela propaganda clerical e similares de exercer um regime de ferro e de miserias. Os proprios jornais, porém, que ventilam essas noticias se contradizem, (5) e não poderia deixar de ser assim porque todo sistema capitalista se firma em uma contradição.

TENTATIVAS PARLAMENTARISTAS

Içada a bandeira de constituição imediata pelo manifesto de João Neves da Fontoura, começaram a brotar, em larga escala, as sugestões para a proxima Constituinte.

A maioria da classe dominante está anciosa pelos pleitos eleitorais, onde ha ocasião para o suborno e para as carreiras rapidas na nossa politica. Correntes de sociais-democratas em embrião procuram prevalecer com os seus comodos pontos de vista. As empoeiradas universidades classicas se manifestam pela volta da lei. Em todos os recantos brasileiros se movimentam os partidos politicos hasteando a bandeira constitucional. A burguesia de São Paulo se levanta para impôr pelas armas uma carta constitucional ao país. A ditadura porém, com tres meses de luta consegue dominar o grande surto constitucionalista. Atualmente já é voz corrente que a

---

(4) Camillo Torrend — O CAPITAL E O TRABALHO — Conferencia realizada na C. M. M. A., e publicada no "Jornal do Recife", de 23—8—1931.

(5) Um jornal burguês traz em "manchette" que o regime sovietico é um regime anarquico; dias depois o mesmo jornal noticia que a instrucção sovietica é uma das primeiras do mundo, que dentro em breve não haverá mais um analfabéto em um país com 150 milhões de homens!... Outro afirma que a Russia está na miseria e publica um telegrama de Berlim dizendo que os seus compromissos com a Alemanha foram pagos em dia, sendo este ato elogiado por toda a imprensa germanica... Um terceiro, que poucos dias antes, falando da U. R. S. S. e do seu ditador proletario, dizia ser um individuo autoritario e egoista, transcreve um perfil de Stálin, salientando entre outros predicados, que é bom de genio e que ocupa um modestissimo apartamento no suntuoso Kremlim...

E rumo á catastrofe vai se contradizendo toda a imprensa aretiniana.

constituinte vem aí e que as eleições se processarão em principios de maio···

O sr· Mauricio de Medeiros, em seu ultimo livro "Outras revoluções virão···", fez uma tentativa audaciosa· Procurou justificar a banca-rôta da nação com o sistema presidencialista dos governantes republicanos de 89 até ao atual ditador do Brasil· E afirma, convictamente, que o mal do Brasil é o Presidencialismo· Que precisamos imediatamente transformar a maquina governamental em Parlamentarismo· Si assim não procedermos, diz êle, **outras revoluções virão**.

Ora, o Parlamentarismo supõe o Estado, o Estado por sua vez se apoia em uma classe; e, subsistindo as classes, não se acabará portanto, com a volumosa corrente dos oprimidos, continuando o proletariado a serviço dos interesses economico-sociais da burguesia·

Ainda mais, o Parlamentarismo em o nosso país seria orgam exclusivo da classe dominante· Porque diz com muita razão sociologica o sr· Graco Marsá: "La democracia burguesa no tiene nada que ver con la verdadera democracia, de que tiene que ser partidario todo socialista, y que sólo podrá implantar-se después del triunfo del proletariado· La democracia burguesa es una democracia de clase, una democracia a base de capital, una democracia entre capitalistas· Sólo el que posee tiene derechos y en ella no puede tener nunca el proletariado la representación que le corresponde;···" (6)·

Quando o eminente publicista afirma que o mal do Brasil é o Presidencialismo em si, engana-se· O nosso mal é o mal universal: o capitalismo, em as suas multiplas formas·

O Parlamentarismo seria, entre nós, mais um calmante de emergencia, porém nunca uma solução para o caso brasileiro·

AVENTURAS FASCISTAS

Uma tendencia interessante, sob o ponto de vista da evolução do imperialismo, é o fascismo de Mussoline que, sutilmente, se insinua entre os legionarios paulistas e mineiros·

A sociedade atual procura, com mais alguns numeros de malabarismo economico, prolongar a sua quéda natural e lógica· Para tentar continuar a sua diretriz historica, prestes a ser interrompida bruscamente, apareceu como salvação ultima o

(6) Graco Marsá — LA LUCHA DE CLASES, pag. 106.

fascismo do sr. Mussolíne e imitado pelo sr. Hitler. Entre nós "o sr. Francisco de Campos, com toda a sua mocidade culta e vitoriosa, não poude furtar-se ao ridiculo de aparecer em Minas á testa de uma legião de camisas kaki, á semelhança dos camisas negras de Mussoline..." (7)

A humanidade, porém, avança a passos avantajados para o internacionalismo. A experiencia da Grande Guerra, que a "população da Europa pagou a conta, com nove milhões de cadaveres" (8), não comporta mais esse espirito bélico de nacionalismo falsamente mascarado por conferencias de paz.

Os meios de produção da industria capitalista são paradoxais. (9) Aceitando a teoria cientifica de que a sociedade é regida por leis economicas e sendo a sua base os seus sistemas de produção em comum, éla tende a socializar-se e, concomitantemente, a internacionalizar-se.

E é na propria Italia que o fascismo está encontrando a reação. O periodico "Monde", de Paris, publicou um balanço sobre o fascismo em que se nota a sua impraticabilidade e decadencia. Começa a conceituada revista: "La situación actual de Italia pude resumir-se del modo siguiente: la industria italiana se encuentra em quiebra. Una tras otra, casi tudas las industrias caducan". Seguem-se as estatisticas de exportação demonstrando o seu pronunciado decrescimo. (10)

Sobre a ditadura fascista assim se expressa Pietro Nenni: "Al proprio tiempo, la dictadura está en plena crisis. No ha resuelto ninguno de los problemas sociales y politicos que originaron la crisis del Estado, y los ha agravado todos al inmovilizarlos por fuerza. No llega a salir de la atmósféra terrorista. Infunde miedo y más miedo; pero no consigue asegurar al país un orden consentido libremente. En la politica económica le corresponde la tremenda responsabilidad de la crisis del mercado, de los negocios, de los precios, que se traduce por un malestar general, por un aumento del paro y por la miseria de las clases obreras.

En el dominio del espíritu, de las idéas, de la cultura, de la poesía y del arte, implica un desierto.

El país se ahoga. Numerosos son los mismos fascistas

---

(7) Mauricio de Medeiros — "Outras Revoluções Virão...", pag. 171.
(8) Emilio Ludwig — Julho de 1914 — pag. 238.
(9) Capitalismo y Comunismo — Contradicciones económicas, decadencia y renacimiento — Max Beer, pag. 119 — parte II.
(10) Juan Guixé — LIBERTAD, DICTADURA Y FASCISMO — El balance del fascismo, pag. 219.

y los complices de la dictadura sobre cuyas almas pesa la angustia de la duda" (11).

Pietro Nenni traçou nessas linhas o retrato do espectaculo fascista, isto é, da ultima tentativa do atual sistema para evitar a sua derrocada final. Falhou pela base.

E', portanto, baldado o nacionalismo **d'arriére-garde** dos messias italiano e austriaco e dos seus futuros imitadores brasileiros.

A conspiração outubrina trouxe em seu bôjo o unico merito de agitar o pensamento brasileiro. Para quem nada realizou essa agitação absolve-a da sua inutilidade...

No meio da feira-livre de sociologos apressados surge, na terra mineira, o sr. Olbiano Mélo, secundado pelo não menos interessante sr. Godofredo Ferreira, que arvoram um programa baseado em um Sindicalismo Nacional á semelhança do fascismo, já comentado na primeira parte deste capitulo.

O sr. Olbiano Mélo, com toda a ingenuidade caracteristica de um pacato fazendeiro de Minas, em artigo publicado em "Nossa Revista", orgam da A. E. C. P., lança um apelo aos **bons patriotas** para formarem um partido que se denominaria enfaticamente de Patido Sindicalista Nacional.

As medidas de ordem economica e social apresentadas pelo sr. Olbiniano Mélo, em seus livros e artigos, são as mais contusas possiveis, para não taxa-las de irrisorias.

E', simplesmente, um éco da febre liberal de sindicalização das classes trabalhadoras, enquadrada em um regime á base do capital!

Com a creação da pasta do trabalho, no inicio da republica n. 2, o sr. Lindolfo Color, nomeado para o novel parto da ditadura, começou por expor as suas idéas de sindicalista á **la diable**. Secundado pela vastissima experiencia de ilusionista politico do sr. Joaquim Pimenta, o então Ministro do Trabalho, lançou aos quatro cantos do país a ordem de sindicalisação das classes laboriosas.

O resultado, ou melhor, o nenhum resultado, é o que se nos apresenta ás claras e de u'a maneira pungente.

Demonstrámos, no inicio deste capitulo, que o fascismo era a ultima tentativa de um regime combalido para se manter na sua posição de desequilibrio.

Modernamente as doutrinas socialistas têm se divulgado

---

(11) Pietro Nenni — LA LUCHA DE CLASES EN ITALIA, pag. 329.

sobremaneira· O homem que acompanha o ritmo do século reconhece hoje que a estabilisação mundial reside na bôa ou má solução do problema economico· Karl Marx firmou, em suas obras, as diretrizes do socialismo contemporaneo· Colocou em primeiro plano o socialismo radicalista, baseado em uma concepção cientifica da historia e não reconhecendo as fronteiras convencionais·

O sr· Godofredo Ferreira, criticando e taxando de confuso o livro do sr· Mario Pinto Serva, "Socialismo e Comunismo", interpreta de uma maneira lastimavel a pedra angular do marxismo· (12)·

Escreve o sr· Godofredo Ferreira: "Da concepção sociológica do pensador alemão Karl Marx, exposta teoricamente no seu celebre livro "O Capital", derivam-se duas divisões do coletivismo marxista e que são: o sindicalismo internacionalista revolucionario ou coletivista (Bolchevista) e o sindicalismo nacionalista (Fascismo). (13)

A qualquer estudante de sociologia, ou a simples curioso das doutrinas sociais, repugnará essa divisão das doutrinas de Marx, feitas por um cerebro que lavrou o seu proprio atestado de completa incompreensão dos problemas sociais·

Absolutamente não se enquadra n'"O CAPITAL" a demagogia fascista· Todos movimentos fascistas são unanimes em declarar guerra ao socialismo que vem abolir a propriedade privada e extinguir as classes· O fascismo, invencionice de ultima hora, é a derradeira forma de governo imperialista. O proprio sr. Ulbiano Mélo, a quem o sr. Godofredo Ferreira reconhece como douto no assunto, declara que o sindicalismo nacionalista nada tem que ver com o marxismo e que deve ser condição primordial pronunciar-se contra as doutrinas socialistas, analisadas pelos cerebros observadores de Marx e Engels e modernamente divulgadas pelo trabalho organisado de Lénin·

Expõe tambem o sr· O· M· que o Partido Sindicalista Nacional respeitará o direito de propriedade, de iniciativa privada e de familia. (14)·

Um programa que reconhece o direito de propriedade e

---

(12) Karl Marx — O CAPITAL.
(13) **Nossa Revista**, orgam da A. E. C. P., Ano II — N. 1 — pag. 10 — Maio de 1932.
(14) Aliás, sobre a posição da familia no regime socialista, encontramos uma exposição clara e precisa em um trabalho do meu companheiro de Grupo, sr. Carlos J. Duarte, publicado nos numeros II e III desta revista.

de iniciativa privada não pode ser socialista, quanto mais derivar-se da concepção sociólogica de Marx.

Estão bastante esclarecidas as sugestões ingenuas do sr. Olbiano Mélo, com toda a sua bagagem sindicalista-nacional, e o confusionismo do sr. Godofredo Ferreira, que deveriam formar na fileira dos **sociologos a toque de caixa,** ao lado do não menos confuso sr. Mario Pinto Serva.

DILEMA DA MINHA GERAÇÃO

"Los jóvenes de hoy quieren vivir de acuerdo com sus convinciones. Tienen un lema positivo: — la sinceridad. Y un adversario a quien vencer: — la hipocresía".

LUIS JIME'NEZ DE ASU'A.

O Brasil não póde ficar atraz. A geração nova deve compreender e estudar a situação de desespero da sociedade contemporanea á luz dos métodos cientificos. Deve abrir os ouvidos ao grito lancinante da massa espoliada. Só assim será u'a mocidade de vanguarda dos ideais novos que agitam o cerebro do homem moderno.

Os nossos sistemas de governo não mais satisfazem as necessidades humanas da sociedade atual. As teorias socialistas revolucionarias e a realidade dolorosa do proletariado mundial lançam aos pontos cardeais do universo a sentença de morte do Estado Individualista.

O caso brasileiro, parcela do complicado caso universal, não poderá ser resolvido por méras conspirações. A sociedade do nosso tempo está dividida em duas grandes forças contrarias: — burguesia e proletariado. No Brasil de hoje já temos consciencia destas forças e a luta entre elas começa a se esboçar. O sistema capitalista, o revestimento economico da burguesia, ha gerado toda a crise que hoj'em dia asfixia os povos, desde os dos países coloniais aos dos super-industrialisados.

Obervando o fenomeno capitalista e as suas contradições intestinas, foi que Karl Marx traçou uma concepção materialista da historia, estribada no desenvolvimento economico da humanidade, e, com Engels, firmou as bases de um socialismo cientifico que imprimirá um rumo novo á sociedade do porvir. Esse rumo novo será norteado pela classe proletaria ao depois de vencer a sua classe antagonica.

"Nosso progresso não póde parar. Temos que caminhar

para diante, embora com sacrificios. Ou andamos ou então... desandamos" (15). Cincinato Braga, um dos poucos estudiosos dos nossos problemas economicos, exprimiu muito bem nessas palavras o nosso dilema. Infelizmente os meios apresentados pelos seus conhecimento não se ajustam á realidade contemporanea.

Que a minha geração, a geração de vinte anos, saiba pensar com sinceridade e agir com desprendimento é o que se faz necessario na hora presente, quando as forças viciadas da burguesia procuram arrasta-la para as suas "elites" desfalcadas e desorientadas. Só assim Ela poderá trilhar o caminho que nos levará, por uma audaciosa transmutação, á redenção social. E, na vespera dessa redenção, os moços do Brasil serão os pioneiros deste pobre cabôclo sacrificado.

—"...ou então... desandamos".

(15) Cicinato Braga — O BRASIL DE HONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ — pag. 84.

O elemento indigena na musica do nordeste

(Trechos de um ensaio)

DIEGUES JUNIOR

Varias eram as tribus indigenas que se extendiam pelo nordeste. Agrupavam-se ellas em duas grandes nações — os tupys que habitavam a zona do litoral e os tapuyas ou gês, nome dado por Von Steinem, que habitavam o interior no planalto perto da costa. Observa Hart (1) que os nomes dos indios brasileiros são todos convencionaes, sem authenticidade indigena. Do Amazonas ao Prata eram essas duas nações que existiam, dominadas pelo imperio commum da lingua guarany, subdividida por sua vez em varios dialectos. Não era raro cada povo ter o seu dialecto, a sua linguagem propria, embora sob a influencia geral do guarany.

Uma pergunta, porém, nos occorre — donde a origem do indio brasileiro? Donde a raça-mãe que servia de tronco aos indigenas que viveram no nordeste? Variadas teem sido as respostas dos entendidos a estas perguntas. Ora, um ramo desprendido do povo inca que foi acompanhando num nomadismo natural o curso do rio Amazonas, e, penetrando no Brasil, foi se subdividindo no mesmo nomadismo; ora, um producto vindo de velho ramo asiatico dada a probabilidade de ter havido em epocas remotas ligações entre os dois continentes. (2)

Não seria difficil justificar a primeira hypothese se chegarmos á conclusão de que o indigena amazonense se caracterisa pelo seu nomadismo. Effectivamente, acreditando-se no nomadismo do Inca peruano, não era possivel não tivesse elle chegado até o Brasil, acompanhando o curso de Amazonas. E dentro da these de que á proporção que se afasta do dia inicial da viagem, o incola involue, degenera, decae, vamos encontrar nos marajoaras essa descendencia já atrazada do Inca. Este povo quando chegou ao Brasil não trouxe mais toda a belleza intellectual e artistica que o destacou no solo peruano. Veio numa decadencia lastimavel. Se bem que os trabalhos de ceramica de Marajó sejam apreciaveis, ainda lhes falta um certo traço de intelligencia forte, vigorosa, como o dos Incas e o dos Aztecas, no Mexico.

Nos demais indigenas do Brasil não ha traços de uma intelligencia apurada. A imaginação que o sr. Ronald de Carvalho (Estudos Brasileiros, 1ª serie) encontrou nelles é atrazadissima. E assim mesmo

---

(1) — Apud Gomes Ribeiro — Os indigenas primitivos de São Paulo — Revista do Instituto Historico de São Paulo, 1908.

(2) — Varios escriptores acceitam esta hypothese. Entre elles o sr. Oliveira Vianna, de autoridade indiscutivel, que diz no seu livro: "Raça e assimilação":

...principalmente da Asia Oriental, que foi a matriz das nossas populações aborigenes (pag. 74).

... pelo filtro do Alaska — na opinião quasi unanime dos sabedores — ponto de passagem dos neolithicos asiaticos para a America (pag. 74).

não tem vigor artistico. Intellectualmente as creações de lendas, as superstições, são productos de uma ignorancia que se poderia chamar infantil. De uma infantilidade sem nome. O indio do Amazonas é que traz melhor traço de intelligencia.

A instabilidade do indigena brasileiro é uma caracteristica da familia tupy-guarany, ramo a que chegou e dentro do qual foi encontrado no periodo da descoberta. Possivelmente esta instabilidade tirou ao incola a perfeição de um espirito artistico. Elle não o tinha. De certo pelo desprendimento da vida que levava. Não ha vestigios que chegassem até nós revelando grande valor na arte dos indigenas. Procurando pousada aqui e ali, mudando de zonas climatericas constantemente, não teve tempo de dar uma prova segura de intelligencia artistica. Ao contrario justamente dos primitivos incas e aztecas. Estes deixaram construcções notaveis taes como os monumentos de Xochilcalco, Huantar, os vasos de Chimbote, as architecturas de Huiracochapampa. Cultura adeantada a que elles deixaram.

Do indio brasileiro não se encontrou nada disso. A não ser a ceramica de Marajó nada temos de notavel. Os sambaquis que se encontram no nosso litoral são modestos por demais.

Interessam-nos particularmente os povos indigenas do nordeste. Por isso que destacamos mais o ramo que se desprendeu pelo Amazonas. Desde muito antes da descoberta que se movimentam os povos indigenas do nordeste brasileiro.. Já no seculo XV os tupynambás, tribu da nação tupy, descem do éste em demanda do São Francisco. Dahi avançam para o norte pela zona littoranea. Somente lá para 1560 ou 1580 é que ha noticias dqe sua estadia pelo lado do littoral entre a foz do Parahyba e a do Amazonas. Ha tambem noticias de movimentos da costa para o interior. São ainda os tupynambás que marcham do oéste de Pernambuco para o Maranhão. Isto em 1605. Mais tarde são outros ramos que tomam o mesmo destino. E' preciso destacar uma das imigrações dos tupynambás que Otto Gucle (3) considera a mais importante. E' a em que das costas de Pernambuco seguem nos seculos XVI e XVII, atravez da America do Sul tropical até a base oriental dos Andes no Peru'.

As migrações de menor vulto do nordeste se deram na zona sanfranciscana.

Das varias tribus que habitavam o nordeste, chegaram até nós, em noticias de chronistas e escriptores, os seus habitos e costumes, as suas religiosidades e caracteristicas principaes. São dansarinos e cantadores. Domina-os um profundo respeito supersticioso. As sua magias se revestem de extranha infantilidade e de primitivismo já observado em todos os povos primitivos quer da America do Sul quer da Africa ou da Asia. Vivem constantemente em cantos e dansas nos seus festejos rituaes. Principalmente á noite, depois da ceia, costumam se reunir para festejar os acontecimentos do dia e em geral levam nessas cantorias até o dia raiar. Ha alternações entre os que dansam e dormem. Emquanto uns brincam outros dormem e isto para que não fracassem nunca as suas guerras ou viagens. Desde pequenos os indios são educados nos cantos e nas dansas amestrando-se para a vida costumeira.

Os instrumentos principaes dos indios são o maracá, o tambor, a

(3) — Migrações ethnicas no Nordeste brasileiro — Revista do Instituto da Bahia, n. 58, 1932.

gaita e a buzina. Sobre os nomes desses instrumentos assignala o prof. Adriano Jorge (Revista do Instituto Historico de Alagoas, 1901) que o tambor elles chamam **uay**, a gaita que era feita do fémur do inimigo, de **memby**. O professor Adriano falla ainda em outra gaita, sendo esta feita de taquara e chamada **boré**.

Do maracá diz Isaac Newton (Diccionario Musical): "é o nome que os aborigenes tanto no Brasil como no Paraguay, davam aos chocalhos feitos de cabaça ôca, com pedrinhas dentro para usarem, como instrumento musical, nas suas dansas e festas". No seu mappa sobre os indios Chavantes e Cherentes, de Goyaz, o missionario apostolico frade Rafael Taggia (revista do Instituto Historico Brasileiro, 1856) explica que o maracá "é uma frauta da coitezeira vasia, aonde botam umas pedrinhas e encastoada em uma vara e movida, vem a fazer o tom de Marácã-cã" (pag. 121).

Os indios tinham verdadeiros pendores para a musica. Havia os seus cantos, os seus instrumentos, as suas dansas. Estas eram feitas em geral com musica, mas havia tambem sem uso de instrumentos. tinham composições proprias. E originaes, segundo se diz. Quasi nada chegou aos nossos dias. Sabe-se, porem, que embora rudimentar a musica dos indios tinha muita coisa interessante.

Alguma reminiscencia chegada até nossos dias, se bem que, muita vez deturpada, nos dá, mais ou menos, uma idéa do que foi. Em geral as melodias indigenas procuram imitar a voz de algum passaro

Os proprios indios sabem imitar a voz de qualquer ave para attrahir o caçador. Ha deste modo varios cantos. O do Jacutim. O do Urubu'. O da Arara. Destes o revmo. d. Prospero G. Bernardi em uma visita a tribu indidgena, poude colher alguns versos neste genero. Cita-nos, por exemplo, estes que para aqui transladamos:

Parauá, tschindiap, tschindiap,
Parauá, tschindiap?
Idiumá, tschindiabia
Parauá tschindiap.
Uá, uá, uá.

cuja tradução feita pelo mesmo é a seguinte:

Da arara o ninho, o ninho,
Da arara o ninho onde está?
Olha para a minha casa
Da arara o ninho lá está.

Uá, uá, uá — é o canto da arara por elles imitado.

Os indios têm tambem a sua veia de improvisação. Assim é que nas reuniões da noite eles cantam o que se passou pelo dia, na caça, na pesca, no trabalho, etc. Isso influenciou muito na poetica das nossas canções populares. Nota-se tambem na forma da musica indigena um curto refrão que se segue a cada verso. Esta forma influenciou muito nos cantos do sertão. Nos cocos, em geral, Nos brinquedos de roda das creanças. Em desafios, etc. Aliás esta forma (repetição do refrão) é encontrada em outras fontes folkloricas. Na literatura provençal, por exemplo. Atravez de Marques da Cruz (Manual de Litera-tura, pg. 466 e outras) encontrei exemplos tirados do "Cancioneiro da

Vaticana". Em canções francêsas, canadenses, norueguas, inglêsas, se encontram tambem o mesmo uso.

Em Renato Almeida (Historia da Musica Brasileira) li que Gabriel Soares e Cardim referem que os indios poupavam o adversario se era **bom cantador e inventor de trovas**. Isto lhes matava o appetite. Não deixa de ser curioso compararmos este espirito musical do indio com s dos primitivos invasores da Espanha que consideravam "como indignos la musica y quienes la practicaban", nas palavras do sr. Eduardo Lopez Chavarri (Musica Popular Espanola, pg. 23). Vejamos o restante do depoimento deste escriptor: Los invasores de Espana profesaban las doctrinas da Málic por las que podia declararse nula a venta de una esclava, si se consignare que fuese cantora; y declaraban asimismo nulo el arrendamiento de una casa si ésta destinábase a conciertos de instrumentos; ni era válido en juicio el testimonio de cantor, cantora o plãnidera, publicámente reconocidos como tales"...

Na musica propriamente indigena se notam rythmos seccos e barbaros. Uma certa severidade religiosa. O temor das coisas. O medo dos seus deuses.

O samba teve sua origem nas dansas guerreiras dos selvicolas (J. Teixeira Barros, (Revista do Instituto Historico da Bahia, 1935, n.° 51, pg. 109 a 147). Tanto que nos sambas dansados no sertão ainda se veem reminiscencias disso atravez da destreza e agilidade nos passos, o que faziam os indios nos combates. No sertão bahiano o samba é dansado numa grande roda ao sôm de violas, pandeiros, palmas, emquanto cantám os dansarinos quadras allusivas. Nestas ha versos de amor. De paixão, etc. Quanto á dansa não se pode descrever com precisão. Os passos são ageis, rapidos, as curvaturas e posições variando ininterruptamente quer batendo os pés, quer recuando, quer revolucionando sobre os calcanhares. Outros escriptores consideram o samba de origem africana, assunto ainda discutivel. Acceitamos para nossa these a origem indigena. Pelo menos é a que demonstra ter o samba nordestino.

O batuque que é uma variante do samba, é tambem de origem indigena, pois tem tambem proximidade com a dansa guerreira dos indios, nelle, porém, ha forte influencia negra tambem. No Brasil, em cada Estado, o batuque ou o samba são sempre differentes. Sobre o batuque Couto de Magalhães, citado por Teixeira Barros, escreve que é "a dansa essencialmente sertaneja e a unica que conserva alguns traços dos costumes aborigenes".

Muitas outras dansas nos vieram ainda dos indios.

A musica indigena é quasi sempre monotona, muitas vezes repetindo o motivo. Melodia que não se reveste de caracteristicos especiaes, senão deste uso e abuso do motivo principal.

A musica dos nossos indios é relativamente primitiva. As phrases curtas e monotonas são entrecortadas de gritos e voltando ao motivo repete com constancia a nota essencial. Os intervallos são grandes, ampliados em partes amplas, indo cahir sempre em paradas bruscas.

As solemnidades dos indios tinham as suas musicas adequadas E nada se fazia sem musica. Ora dansa. Ora canto. Vê-se, portanto, que no Brasil a musica nasceu naturalmente. Effeito do meio. Dos seus habitantes primitivos.

Technica de uma "Democracia" Imperialista

OCTACILIO ALECRIM

Na grande Republica da America do Norte foi possivel esse paradoxo...

E' verdade que o nosso tempo assiste ás transformações da democracia. A democracia contemporanea avança cada dia naquelle seu sentido historico, consagrado pelo uso, segundo o que é a "forma de governo pela qual o exercicio do poder cabe igualmente, não a uma ou varias classes especiaes da sociedade, mas ao conjuncto dos membros da communidade (1) ou que, "praticando a forma republicana e o suffragio universal, a autoridade suprema cabe á maioria designada pelos boletins do voto, comprehendido que se não tem achado outro processo para exprimir pacificamente e legalmente o que se suppõe ser a vontade do maior numero em uma communidade dividida em varias opiniões". (2).

Mantendo intangiveis certos principios fundamentaes, que equivalem elles mesmos a valores "permanentes" na humanidade, a democracia contemporanea, que deixou de ser puramente politica, dilata-se em novas directrizes, abrangendo então o campo economico. Ella socialisa-se e investe-se não somente da liberdade e da egualdade, mas de uma nova consciencia, da consciencia da solidariedade humana.

Depois da guerra, irrompeu um movimento de vozes apregoando a fallencia da democracia. Esquecia-se que o que havia morrido era o seu liberalismo utopico, o seu methodo apriorístico, e as infraestructuras sociaes sobre que ella repousava e agia.

Morto era o Estado Liberal, o prestigio da burguezia, o sistema capitalista. A democracia, fugindo-lhe toda essa superficie, estava apenas em agonia. Mas, a sua agonia tinha aquelle sentido puro do termo grego, **agonos** que quer dizer luta. Ella lutava sim para melhor identificar-se com os anseios e as necessidades que sangravam a nova humanidade.

---

(1), (2) LORD BRYCE, **Les Democraties Modernes**, ed. p. 33.

Desse espectaculo de revigoramento, que pareceu uma queda, advieram-lhe portanto os complexos ordenamentos que actualmente lhe moldam a physionomia. Situemos como exemplo mais avançado das democracias contemporaneas a carta de Weimar.

Nella, a ideação juridica não afoga a participação simphonica de todas as vozes da communidade politica germanica no governo do Estado. Socialisando-se, ella chegou mesmo a incorporar o problema da luta de classes.

O que existe, porem, como realidade politica na republica norte- americana não é nem democracia politica nem social democracia. O que lá existe é uma singular "democracia" imperialista", é a democracia de Babbitt...

Que significa Babbitt?

Em meio de toda essa vertigem de dados, conceitos, ficções caminhos que frisam a vida de hoje, Babbitt é o ultimo **canard** da Norte America. Sinclair Lewis trouxe-o no bôjo do seu famoso romance e o seu paiz sentio-se bem em tomal-o para si. Paul Morand, previo bem essa encampação nacional quando disse: o successo de Sinclair Lewis está em que o seu personagem adhére ao sugeito".

De facto, na America, "diz-se agora um habito babitt, uma epoca babbitt. "E' uma especie de "quinquenal", na Russia, sovietica. Manipulando um idioma bem americanisado **melting-pot** de canção do oéste, de asperêsas de cow-boy, de alucinações de "gangster", de exclamações de mesa de pocker, de sotaques e concordancias de "big-stick", Babbitt traduz e exprime todos os matizes do moderno homem americano.

Sinclair Lewis soube gravar nelle todos os successos do methodo Taylor, todas as exigencias de standardização, todos os preconceitos do puritanismo yankee, todas as proezas de um detective, todos os fracassos da "prohibição", todo o "bavard" da burguezia do dollar, todas as nuances de um "trust" e todo o "futuro" da plutocracia americana.

Babbitt, é um cidadão de cartaz. Traz á sombra do seu destino o pragmatismo de James, e faz delirar os patricios que vêm no seu **sucesso** o "pansing" da granda raça...

Ao ladó da Biblia elle traz um periodo das declarações de Monroe e nessa funcção elle se diz o homem Ideal de sua Republica.

Na opinião de Paul Morand, "Sinclair Lewis escolheu para elle a profissão-typo: Babbitt é agente de negocios immobiliarios, **real-states agent**, ou mais á americana, **realtor**; assim, elle

simbolisa perfeitamente o enriquecimento rapido, as fortunas **champgnon**, a especulação. (3)

Actuando nesse mundo atlantico — Nova York, banqueiro Mason, bairro Zenith, esse heroi ortodoxo, é o resumo atomistico do tremendo "babbittismo" que ora domina a vida americana, desde a California até a sala de despachos do presid:..e Hoover.

Discursando na sociedade dos "Elans, dos "Boosters", dos "Athletas", na Camara de Commercio, ou frequentando o "Hall Concordia", a unica preoccupação de Babbitt é o dinheiro, o seu maior annuncio luminoso é o dinheiro, a sua unica prova de excellencia é o dinheiro.

Afundado no seu "bureau" ou dirigindo o seu auto só lhe enchem a visão as "orgias do direito commercial". Nas lutas dos partidos Democrata e Republicano para a "nomeação" do presidente, como foi dito no cap. XIV do romance, Babbitt só se preoccupa com **o foyer**, com a standardização integral dos Estados Unidos.

Mas, na sua desesperante idéa-fixa, só ouvindo o rythmo da Machina e só empregando a sua estranha actividade no commercio de immobiliarios.

Babbitt não existe só em si mesmo. Elle é na sua "visão" do seu paiz de hoje, devorado na sua cultura e na sua civilização, por um extraordinario imperialismo economico.

Nessa vertigem colossal, em que a estilisação mecanica defronta a pupila insaciavel de Ford, é que se está promovendo o **presente fiscal** da "democracia", tida e havida como exemplar no mundo. Ensaiada a sua deformação por occasião mesmo do conclave de Philadelphia que elaborou um estatuto eriçado de vicios de origem, a "democracia" que se pratica hoje na republica norte-americana é uma "democracia" de magnatas. Alli, a **vontade geral** é uma abstração, só as empresas commerciaes, os **cartels** as companhias de industria, as **combinações** syndicas, os grandes emporios capitalistas e os "truts", que são aspectos variantes do "babbittismo", é que possuem o **imperium**, o poder de commando.

Como observa Conde de Keyserling — "Na America do Norte, o que apparece em primeiro termo não é o Estado, nem a lei, nem alguma outra cousa que pertença ao marco da antiga idéa de um **Forum**, senão o individuo privado com os seus direitos congenitos". (4)

---

(3) SINCLAIR LEWIS, **Babbitt**, Préface de Paul Moranda, 1931.
(4) **Norte America Libertada**, ed. Espasa, 1931 p. 255.

Nisto repousa justamente o seu **privatismo** que significa o predominio dos interessse privados em todos os factos da vida americana, para isso alienando toda a força e valor das instituições no seu sentido de consolidar o absolutismo capitalista, absolutismo este que na opinião do professor Becker poderá estar amanhã á disposição da massa operaria, culminando assim na dictadura do proletariado.

Outra coisa que escapa a qualquer genuina experiencia democratica é o behaviorismo (comportamento) norte-americano em face da lei. Não existe para elle essa noção toda occidental da "magestade da lei". Apesar de figurar na Constituição como expressão da vontade do povo, a lei nunca transcende o plano dos interesses privados; o americano só a encara como uma ponte de passagem para os seus desejos immediatos e assim os supremos interesses do Estado nunca estão comsigo mesmo, mas nas pretensões do capitalismo organizado, na "justiça de classe" que Babbitt mobilisou.

Dahi, essa classica "versatilidade das leis americanas", já considerada por Tocqueville como um dos grandes males da republica yankee. Sob a pressão da machina capitalista, aquellas que não coincidem com os seus proveitos e vantagens, provocando a collisão, são revistas e acolchetadas aos fins necessarios.

Escrevendo a Madison em 1787, uma carta memoravel, já dizia Jefferson:

"A instabilidade de nossas leis é realmente um inconveniente muito grave". (5)

E' ainda Tocqueville quem affirma que "as leis da democracia americana são muitas vezes defeituosas ou incompletas, chegando mesmo a violar direitos adquiridos ou a sanccionar outros perigôsos".

Para esse estudioso da democracia na America "a constituição politica dos Estados Unidos parece uma das formas que a democracia pode dar o seu governo mas não (considera) as instituições americanas como as unicas e as melhores que um povo democratico deve adoptar".

Prescindindo assim do criterio da justiça que no governo democratico compõe o seu plano mais subtil e mais importante os politicos americanos conseguiram impor o **grafst**, o subôrno, como um habito da dynamica administrativa, encarando o Estado como um **trust**.

Na opinião de Keyserling, na actual "democracia ameri-

---

(5) Apud A. TOCQDEVILLE, Dela Democratie en Amerique, 1850, V I p. 243.

cana, o "Estado é um **trust** privado como os demais. Como todos os **truts** pode, certamente, fazer tudo quanto lhe seja dado para conseguir os seus fins particulares: este é um direito seu evidente". (6)

Não é possivel pois que esse estado de cousas conduza o paiz a uma verdadeira experiencia democratica. O Estado e o governo ao invês de se exercerem com toda a autonomia e como orgãos da soberania popular, a elles se sobrepõe o individuo que faz de ambos instrumentos de suas proprias necessidades. A força desse sentido **privativista** é premente em todas as manifestações da vida norte-americana.

Não é de agora e sim de ha muito tempo que corre mundo uma grande illusão a respeito do que seja verdadeiramente, na sua realidade nacional, a tentativa de democracia na republica americana.

Ainda, ha poucos dias, lendo o ultimo livro de Joseph — Barthélmy sobre a crise da democracia contemporanea, encontrei esta affirmativa surprehendente:

"O regime democratico não pode viver sem autoridade. A America se arroga de haver escapado á crise porque ha conservado a autoridade constitucionalmente organizada". (7)

Veremos que a affirmativa do sr. Barthélmy incorre em dois erros capitaes:

1°, declarando em 1931 uma não-crise de democracia na America, quando um anno antes varias revoluções haviam firmado outras tantas dictaduras no continente sul-americano.

2°, tendo condicionado a sua affirmativa a um estudo do americano Lawrence Lowel é claro que tenha se referido aos Estados Unidos e, assim, sendo, entremos a examinal-a.

Como se comprehende uma "autoridade constitucionalmente organizada" e portanto na plenitude e exercicio de todos os seus attributos legaes, num paiz em que a vontade do povo é simples zero (mere cipher) a lei uma ficção, e o Estado um **trust**?

A' opinião do publicista francez eu contraponho o juizo erudito do professor Harold Laski, da Universidade de Londres:

"Sem embargo — se acceitamos que o governo democratico é desejavel — difficilmente acharemos um canon de adecuação institucional que não seja infringido pelo systema norte-americano".

As tarefas esenciaes em a Norte America quasi sempre se realizam ás escondidas da opinião publica; é importante que os que occupam os altos cargos sejam escolhidos pela sua capaci-

(6) **Obr. Cit.** ps. 263|4.
(7) **La crise de la Demoratie Contemporaine**, 1931, p. 222.

dade e experiencia, e tanto o Presidente como o seu Gabinete se seleccionam por um processo que si se assemelha a alguma cousa é a uma loteria.

Na Camara dos Representantes — " maior parte dos deputados são advogados fracassados... O poder legislativo não poude contar com o executivo de que necessita; o executivo não está nunca seguro do legislativo. Cada um delles tem um certo interesse no fracasso do outro". (8) Onde portanto a tão necessaria harmonia dos Poderes, sobre a qual assenta, nos regimes presidenciaes, como o norte-americano, o fortalecimento do Poder Executivo, e, concomitantemente, a "autoridade constitucionalmente organizada"?

Esclarece-se assim a facilidade com que os publicistas divulgam a sua falsa noção a respeito da politica democratica norte-americana. Dahi essa superstição bem nossa, bem brasileira de andar divinizando a Constituição americana como se ella mesma fosse de facto esse estatuto formidavel tão decantado, como se ella mesma pudesse ser o Talmud de uma verdadeira democracia.

Acostumado como eu estava á claque ininterrupta dos seus feiticistas, o estudo sobre a Constituição americana, devassando-me os seus grandes erros de origem, foi para mim de um desencanto lamentavel.

Os americanos mesmos já comprehenderam que ella não encerra um sentido de identidade com a idéa que elles têm da psychê nacional e já lhe retiram o compromisso de respeital-a.

Essa insubmissão está nitidamente caracterisada nesta observação de Keyserling: "os norte-americanos olham a sua Constituição como historiadores; não pensam mais no que ha sido ou no que deve ser, prescindindo por completo do aspecto que ella apresenta nos momentos actuaes".

Waldo Frank, fazendo resaltar a profunda discrepancia entre essa Constituição e o pensamento da nova America, já não a censura, fulmina-a Diz elle. "Esta velha machina não serve mais senão para desviar os nossos valores nacionaes da realidade nacional. Os americanos nem a leem nem a sentem. Porém os astutos e os codificadores poderão exploral-a". (9)

Elaborada, no seu plano philosophico, á sombra das idéas de Locke, Hobbes, Hume, Haringlon, Montesquieu, teria fatalmente de ser um docigo de profundas contradicções em face das aspirações de sua época. Por isso, não tendo sido um producto da vontade commum, a constituição americana foi rece-

(8) Apud C. de KEYSERLING, obra cit. ps. 269, 270.
(9) Redescubrimiento de America, 1930, er. Rev. Occ. p. 128.

bida com um grande desgosto popular, segundo o depoimento do Professor Parrington.

Inspirada e confeccionada por homens praticos, o que se operou nella "foi o triumpho da **mecanolatria**, uma sinthese do credo estabelecido por Bacon, Descartes e Newton, como a doutrina hebréa da autoritaria Escriptura. O paiz assim estructurado era uma fronteira illimitada do commercio, a agricultura e a colonização: uma cacophonia de vozes. Como carecia de um principio consciente de união, descansava dentro desse molde, que defendia a dissonancia dos **sectores**, pondo o peso da harmonia em sua propria rigidez artificial. (10)

Todavia, não podia ser outro o pensamento que inspirou a Constituição, pois que a mentalidade da independencia americana estava toda ella impregnada das ideologias que a esse tempo dominavam as burguezias europeas.

Tristão de Athayde, marcando e desenvolvendo o triumpho e o esplendor da burguezia nos Estados Unidos, diz:

"A independencia americana foi obra dessa classe, formada á luz da concepção liberal da vida, tanto em França como na Inglaterra. E o elemento que ella vinha trazer a essa concepção da vida era um elemento **politico**. A' **liberdade economica** da burguezia ingleza, á **liberdade de pensamento** da franceza, vinha a norte-americana accrescentar a **liberdade politica**. Foi de inicio o traço caracteristico da formação norte-americana, que representou a primeira etapa do triumpho da burguezia do novo mundo". (11)

Não era possivel pois que do predominio absoluto dessa casta privilegiada não resultasse a constituição mais burgueza do mundo, pela qual os republicanos do Brasil se deixaram narcotizar na Assembléa de 91.

Comtudo, a nova mentalidade brasileira já não comporta mais esse idealismo republicano e tende a resistir á influencia dos Gladstone, dos Esmeim e sobretudo de Bryce que dizia que "a constituição fèderal é para elle (americano) uma coisa sagrada, uma Arca Santa sobre a qual ninguem deve por mãos temerarias". (12)

Affirmou Paul Valery que "a historia tem os seus prejuizos" não ha duvida. A propaganda intensa dos historiadores americanos em favor dos principios contidos em sua carta fundamental e de sua confecção tem determinado em nosso paiz esse seu immenso coribantismo.

---

(10) WALDO FRANK, **obr. cit.** p. 126.
(11) **Problemas da Burguezia**, 1932, ps. 74|5.
(12) **La Depublique Americaine**, vol. IV, p. 393.

Ahi está porém, o genio investigador de Charles Beard, professor da Universidade de Columbia, recompondo em alto relevo, a verdadeira historia, a historia sombria da elaboração da Constituição Federal americana.

Semelhante ao Codigo do Continente idealisado pelo presidente Monroe, ella já se desaggrega das primitivas promessas da Hamilton, da mistica de Jefferson e do pensamento de Jaye Madison para transfigurar-se como na sua real visão de origem no estatuto organico dos interesses economicos de grandes empresas commerciaes, quasi sempre contrariados pelas constituições anteriores.

Entre nós, apreciando certa vez o espectaculo politico da constituinte brasileira e da constituinte americana o professor Annibal Freire pôz bem em destaque esse predominio dos altos interesses ligados á sorte de companhias organizadas na elaboração da magna carta da Republica yankee. (13)

Elle se filia claramente á escola da interpretação economica da constituição americana, creada por Charles Beard.

Este, então é fundamental. Blindado de um raro poder de investigação historica, diz Beard no seu livro famoso:

"Os membros da Convenção de Philadelphia que redigirám á Constituição foram com pequenas excepções, imediata, directa e pessoalmente interessados, pelas vantagens economicas dahi advindas, no estabelecimento do novo systema."

....

"A Constituição não foi creada pelo povo todo", como os juristas têm dito; mas é obra de um grupo consolidado, cujos interesses não conheceram nenhum especie de limites e foram, verdadeiramente, nacionaes no seu escôpo. (14)

Confeiçoada nos seus detalhes e na sua amplitude ornamental pelo nefasto exclusivismo da Plutocracia do dollar, não tendo penetrado na opinião publica do seu paiz para embeber-se de suas aspirações geraes, e construindo-se tão somente á sombra de moldes nitidamente anti-democraticos, o estatuto de Philadelphia logo depois de approvado provocou tão grande reação popular que, como conta Gaston Jéza, foi preciso que Hamilton, Madison e Joy fizessem uma formidavel campanha pela imprensa de Nova York afim de acalmar o povo e melhor instruil-o a respeito dos principios nella contidos.

---

(13) **Do Poder Executivo na Republica Brasileira**, 1916, p. 191.
(14) **An economic interpretation of the United States**, 1914, p. 124.

Em summa, o mesmo Bryce vai mais alem, e com aquella sua primazia de classico commentador das instituições americanas, assim se externa:

"Se a deisão tivesse sido entregue ao que se chama hoje "a voz do povo", isto é, á massa dos cidadãos de todo um paiz marchando ao escrutinio, a voz do povo se pronunciaria provavelmente contra a Constituição". (15)

Eis em amplo exame a nova illusão americana, consubstanciada num complexo de normas e principios que até hontem a superstição nacional tentou considerar como sendo o genesis do liberalismo continental e inspirador de nossas tradicções democraticas.

Vemos assim que todo o immenso imperialismo economico que hoje circula a republica yankee, gerando essa desnaturada democracia imperialista, vae ter a sua fôrma, a sua jurisprudencia firmada no seu proprio pacto fundamental.

Escudados nelle puderam os magnatas, dessa maneira, consolidar a sua offensiva contra as aspirações nacionaes, subrogando os interesses da Republica pelos interesses privados, alienando a soberania popular pelo absolutismo economico, transmutando á justiça num "cartel" de industria e convertendo o Estado num "trust" da plutocracia do dollar.

Quando todo o mundo, desde a revolução branca de Ghandi ao marxismo de Stalin, desde a camisa preta de Mussoline á Svatiska de Hitler, desde o "clarté" de Barbusse ao finalismo de Vogelsang, caminha para um novo humanismo em nome da socialização humana, a democracia americana requinta-se na sua **Realpolitik**, cuja doutrina "consiste, no agudo juizo de G. K. Chesterton, em affirmar com uma sinistra obstinação que os homens não se batem senão por objectos materiaes." (16)

Quando em meio de toda essa decomposição burgueza da hora presente as democracias mais avançadas tendem a substancializar-se no socialismo, capturando-lhe os procéssos integrativos, a democracia americana perdura nas suas transigencias com o capitalismo, acceléra a religião do Dynamo, eliminando a colaboração do homem, e radica-se cada vez mais á aquelle "Estado-sector, indifferente", de que fala Pontes de Miranda, Estado que deixa cavar-se o abysmo entre explorados e exploradores, formar-se o espirito de **terrenidade**, de **mundanidade**, ligado ás coisas da terra e do mundo material (Geist der Irdischkeit und Weltlicketit, diz WERNER SOMBART), de predominio material, a racionalização do modo de viver no

(15) **La Republique Americaine, trad. fr. Muller, V, L, p. 49.**
(16) **L'Homme Eternel**, ed. Plon, p. 244.

mundo (MAX WEBER), o exaspero individual do lucro, o crescimento do "exercito industrial de reserva", previsto por KARL MAX". (17)

EU ACCUSO

"Em nome pois da solidariedade humana, eu accuso: a hora dos ricos já passou...

O senso mediterraneo que preferiu a infancia de nossa nacionalidade repelle a fascinação da nova illusão americana.

O nosso profundo espirito democratico tem um destino a cumprir, independente dos sortilégios de Babbitt.

Já comprehendemos a visão espectral em que se estorce a democracia americana. Por isso nós a renegamos. Não nos interessa o privatismo yankee, Elle é limitado e decadente e nós somos a vontade geral dentro da nação, e dentro do continente e dentro do mundo.

Nós somos a geração que chegou já participando da angustia contemporanea".

(17) Os Fundamentos Actuaes do Direito Constitucional, 1932, p. 310.

MOMENTO

Monotonia da circulação na tarde longa.
Longinquo o estribilho agudo das sirenes
a confundir-se com a synphonia metallica
das machinas.
Aquelles homens que passam cabisbaixos
trabalharam sete horas e cincoenta minutos
e os filhos estão com fome.
—Desperta, poeta!
Teu canto deve ser um grito de revolta.

CARLOS J. DUARTE

AVES DE RAPINA

Ha muito tempo que os caminhos se arrastavam
subindo para as montanhas.
Percorriam as florestas perseguindo a Distancia.
Deslisavam lentos e longos nas planicies.
Passaram chuvas passaram ventos
passaram sombras aladas.
Um dia os aviões surgiram e libertaram a Distancia.
Os aviões desceram e levaram os caminhos.

JOAQUIM CARDOSO

Notas para um ensaio sobre a personagem

BEZERRA COUTINHO

I

Todas as vezes que se considera cuidadosamente uma atividade espiritual, descobre-se nela uma estruturação peculiar onde se distingue primeiro: o que é devido á natureza instintiva do homem, seu termo geral, universal, segundo: o que se liga mais especialmente ao tempo, grupo, ou classe, e finalmente, em terceiro lugar, o que é individual. Muitas vezes porém a distinção entre os dois primeiros termos é dificil. No entanto, sem recorrer a sutilezas é possivel distinguir que grande numero de atividades estão ligadas ao homem como se fossem motivadas pela sua estrutura corporal, como se o homem nascesse com a possibilidade de realizar uns tantos conteúdos virtuaes, engendrar uns tantos mitos, tal como os insetos nascem tendo em si todas as determinantes que lhes produzirão o despertar dos instintos. Frutos desta atividade "mitogenica", herdada com a forma, á qual Jung chamou de inconsciente coletivo, são um certo numero de arquetipos universaes. A este inconsciente virtual, que não é um conteudo mas uma possibilidade que realizar-se-á, ligam-se motivos primarios taes como a idéa da serpente como representação feminina, a da força fecundante do sol que desce sob a forma de um sopro atravez de um tubo donde provem o vento, etc. As representações taes como a "anima" idéa masculina da feminilidade, que se ajusta ao "ewig weiblich" goethiano e a figuras literarias taes como as personagens da Gradiva de W. Jensen, ou da She de Rider Haggard e da Atlantide de Pierre Benoit, são outras tantas manifestações deste inconsciente coletivo ubiquo no espaço e no tempo.

II

Ao lado do inconsciente coletivo universal ligado á natureza instintiva do homem, coexiste um outro inconsciente coletivo tambem que integra o homem numa unidade biologica de menor amplitude que a especie, e que não se prende aos caracteres somaticos que distinguem as raças, mas que se referem unicamente á vida do espirito. E' o inconsciente coletivo que anima a cultura cuja realização é em ultima analize a realisação de um espirito. Enquanto o pensamento acultural condensa a existencia animal do homem, a cultura representa seu estadio verdadeiramente humano. O pensamento acultural é independente do tempo e ligado ao organismo como os instintos de que não são mais que uma forma elevada; é especifico como um caracter anatomico; existe em todo homem como o instinto melificador existe

em toda abelha; é eterno e imorredouro; desprovido de sentido e incapaz de comunicar um sentido ás cousas. Pelo contrario o pensamento cultural é fugaz e superposto á condição animal, como um estadio de complexidade maior; nele as idades não se equivalem de um ano para outro. Mudam-se seus aspectos; é caracteristico unicamente de um dado periodo, de uma dada época, de um dado instante; existe somente em certos homens, em certos logares, em certas ocasiões; é fragil e perecivel como uma forma não fixavel e flutuante; dentro dele tudo é sentido e sua natureza mesmo é esta capacidade indefinivel de comunicar um sentido a tudo que se lhe aproxima, e por isto é que é propria do pensamento cultural a engendração perene de sistemas de toda natureza que tendem, sem excepção, a integrar toda a multiplicidade do mundo perceptivel numa imagem onde se revela sua maneira de sentir a generalização maxima sobre tudo e todos: a idéa do espaço.

III

Ao pensamento acultural ligam-se motivos que por serem eternos teem validez universal. Pelo contrario o pensamento cultural imprime um selo particularizador aos seus produtos. Os arquetipos aculturaes são inalteraveis, atravessam rigidos todas as fases, idades e culturas. Os arquetipos culturais modificam-se, transvalorizam-se, renovam-se, substituem-se uns aos outros. E cada cultura individualizada possue uma serie de arquetipos proprios que marcam, á medida que vão surgindo, o seu decurso, mas que conservam através de todas as transformações, uma porção de traços comuns que permitem estabelecer a filiação de cada um, uma especie de rosto familiar, um escalonamento de fisionomias. Cada personagem, que é a realização do arquetipo cultural, fala um instante, um pensamento, na vida da cultura; emquanto cada mito universal fala uma face da natureza primitiva, animal que ha em todo homem.

IV

Um afan enorme de poder o mais possivel, um desejo imenso de expressar as distancias enormes, as forças gigantescas em seus embates, os extremos mais ingentes e tambem as nuances mais sutis e delicadas, tem caracterizado a alma faustica desde seu aparecimento. Todas as suas creações, desde a transvaloração dos vagos mitos nordicos ou dos dogmas do cristianismo magico, desde sua arquitetura de desmedidas proporções mas de detalhes sutis, até as mais transcendentes manifestações da arte e da politica, revelam o animo interior, cujo pensamento final veio se cristalizar na vontade de poder, que é em ultima analise a tradução verbal do que dizem e falam todas as personagens do ocidente, desde Beovulfo e de Rolando até Undershaft e Dan Yack.

Se, porém, para o ocidental, esta desmedida ostentação de forças contem o proprio sentido da vida, para o homem de outra cultura tudo

isto é incompreensivel. Jung refere as palavras de um chefe indio dos Pueblo, acerca dos ocidentaes que ele havia defrontado: "Nós não comprehendemos os brancos. Eles estão sempre a querer alguma cousa, estão sempre inquietos, procuram sempre. Que buscam eles? Nós não sabemos. Nós não podemos compreende-los, seus narizes são acentuados, seus labios delgados e crueis, seus rostos têm traços duros. Nós cremos que todos eles são loucos". Esta incapacidade do barbaro perceber o sentido da cultura é da mesma natureza que a que impede o culto de compreender outra cultura que não a sua. O grego nunca poude compreender o egipcio. Para Herodoto a terra do Nilo era o mundo ás avessas, onde os homens tinham ocupações femininas, e onde as mulheres gosavam de direitos que deveriam ser privilegios dos varões tal na sua Grecia. Para o mandarim como para o bramane, o ocidental é um barbaro destituido de espiritualidade, apenas mais perigoso que o mongol ou o huno pelas suas diabolicas tecnicas. No alvor da alma ocidental, o mundo magico, então na plenitude da sua civilização fascinou o faustico, mas nunca os magicos foram outra cousa que abominaveis adoradores de Mafoma. Hoje em dia os russos, tal Fiodor Dostoievski ou Tolstoi, não podem compreender o individualismo do ocidental, seus casos e seus problemas são, em compensação, para este ininteligiveis tambem. Os arquetipos realisaveis divergem na mesma razão que os proprios sentimentos que os originam. Cada cultura tem sua serie propria de personagens que se realizam em harmonia com sua essencia. O corolario desta harmonia é a especificidade da personagem. Elas são impermutaveis; e como retiram todo seu conteúdo espiritual, toda sua rasão de ser, na essencia da cultura, não podem por isto ser transplantados. A simples continuação de nomes não implica a continuação do espirito. Todas as vezes que o ocidental utiliza motivos da antiguidade, estes são apenas disfarces de creações especificamente ocidentaes. E isto é valido desde os ciclos medievaes da antiguidade, onde a cruzada contra Troia se apresentou como viu o cavalheiro faustico a cruzada contra o mahometano, onde Alexandre, o Magno, é uma encarnação de Carlos Magno, até a tragedia franceza onde Horacio, Cina e tantas outras personagens de Corneille e Racine, nada têm da alma apolinea; até mesmo creações já da civilização como o Prometeu de Shelley, que é a mesma figura que o Fausto goethiano.

V

Se é facil caracterizar o pensamento cultural, e distingui-lo, em seus estadios maduros, não sucede o mesmo durante as faces preliminares em que a alma ainda não encontrou sua linguagem nem seu sentido. Estes tempos mudos, de anhelos obscuros, são atravessados pelas mais diversas influencias. E' a fase em que as pseudomorfoses se anunciam. Os motivos alheios, de outras culturas, permanecem sem modificações, á maneira de enxertos. E' a fase por excelencia, em que as culturas podem morrer em broto, suplantadas, destruidas pelo vigor de uma outra em plena floração.

Estes periodos não têm duração que se possa fixar. No Egito, muito antes da primeira dinastia, já um nitido estado precultural se manifestava; mas somente depois de Snefru é que se depara com um autentico periodo gotico. Anzti, figura semimitica, posteriormente ab-

sorvida pelo mito de Osiris, parece haver sido o Clovis deste estado merovingio, assim como Menes foi seu Carlos Magno. Numeros que orçam por meio milenio, decorreram desde os primeiros anuncios de um espirito novo diferente do babilonico, até a plena afirmação do espirito magico, onde os persas, os chaldeus, foram o que para a cultura faustica representam os francos, os normandos e lombardos. O sinal de que este lento processo chegou a termo é a brusca eclosão de sistemas religiosos ineditos. Para o Egito, foi a religiosidade que erigia piramides, onde se guardava o corpo osirificado do faraó. Para o magico, foi o tempo do cristianismo primitivo, do aparecimento do mandaismo, do mitracismo, do neoplatonismo e quantos outros inumeros cultos que, vindos do oriente proximo, fizeram irrupção na Roma decadente. Para o faustico foi o despertar inesperado da religiosidade catolico-germanica, pelas imediações do ano 1000, com a instituição do culto de Maria e do mito do Diabo. Antes desta fase, a religiosidade é obscura e inconsistente ás vezes veemente não obstante o carater primitivo, tal a religiosidade da precultura magica, ou mesmo quasi inexistente como para a precultura ocidental. O mesmo se dá de certo modo com a elaboração dos arquetipos. Antes de Carlos Magno todas as creações ocidentaes, são imprecisas, de traçado grosseiro. Os poemas dos Eddas heroicos são já uma manifestação definida. Beovulfo, o mais antigo poema germanico conhecido não o é ainda; todo o delineamento da personagem heroica pouco diverge do das creações miticas aculturaes. Em Grendel, o monstro que habita a profundidade das aguas, no dragão que guarda o tesouro e cuja morte constitue o ultimo feito de Beovulfo, não é dificil descobrir aquelas representações que os psicanalistas assinalam como simbolizações da libido recalcada. Beovulfo, porém, é já uma affirmação poderosa entre todas. Em suas façanhas não reparte glorias. Enquanto os argonautas são um grupo, Beovulfo é o heroe solitario, o unico bastante forte e capaz de libertar os povos da terra da sanha de Grendel, o monstro, e do dragão.

Este traço do poderio individual exclusivista vae ser encontrado mais tarde no poema dos Nibelungs em que Siegfried é de novo o unico capaz de domar Bruhilda, de vencer o dragão e de roubar o tesouro dos Nibelungs. Tambem Perceval é o predestinado cavalheiro do Graal e somente seu heroismo ascetico proporcionará a vitoria. Galaad, creação ainda mais austera dos ultimos tempos do ciclo do Graal, encarnará por excelencia a vitoria do predestinado e do unico. Todas estas creações da cultura são, porém, conscientes em alto grão deste espirito. Beovulfo não: é uma creação até certo ponto timida, contraditoria e inconsciente, seu ciclo é uma adição de trechos dispares, atravessado das reminiscencias pagãs e cristãs mais diversas, e até mesmo de écos mal distintos dos poemas homericos e da Eneida. Os Nibelungs, em que pese a rudesa de forma, têm muito mais vigor de expressão, unidade, e individualidade.

O equivalente magico da personagem Beovulfo é Job. Poema escrito, segundo as maiores probabilidades, durante o cativeiro assiro-caldeu, manifesta em sua forma e conteudo a identidade de origem com o profetismo judeu. Seu tom geral é o mesmo das lamentações de Jeremias, dos textos de Daniel e de Ezra. Lá o homem Job não surge tal Beovulfo, como o anuncio de um poderio individual que supera as dificuldades do mundo externo; Job é a alma que ignora a possibilidade de uma expansão ingente. A perseguição de uma finalidade remota, tal a comovente e dificil demanda do Santo Graal, é para ele

desprovida de sentido, a loucura das loucuras. Seu mundo é o universo cerrado donde as almas não podem pensar em fugir. Para Job ha um começo e um fim dos tempos; Deus e Satanaz são os dois polos que condicionam esta vida, como personificações de principios antagonicos. Já se anuncia o pensamento donde brotaria como forma ultima o fatalismo pratico, o kismet islamico. Job presente o mundo como recinto fechado, a arquitectura da cupula que "encerra" o espaço nas basilicas e nas mesquitas, presente as religiões exclusivistas, cada uma com sua propria escritura, dos cristãos primitivos, dos judeus, dos maniqueus, mazdeistas e finalmente dos mussulmanos. O paiz de Job não é a polis, cidade-estado-corpo do antigo, nem a patria, função da lingua, historia, raça e lugar, abstração sutil do ocidental para uso dos ocidentaes, mas sim o "consensus" do fieis ligados entre si por um liame espiritual secreto que os marca e isola dos gentios. Job presente a oposição entre o crente do profeta e o giaur, estrangeiro, entre o yid e o goi, que se levanta como um muro intransponivel. O mundo de Job é bem já o mundo do cosmos fechado, o mundo da ciencia hermetica, da cabala, das religiões reveladas, das divisões infranqueaveis.

VI

Aos estados merovingeos seguem as fases primitivas da cultura, os estados gotico-doricos em que tudo que até então era promessa, vislumbre, anhelo obscuro, torna-se realização, conhecimento ou paixão. E' então que se formam os dois espiritos antagonicos que vivem nos mundos inconfundiveis do tempo e do espaço: a nobreza e o clero, o poder e o saber, o fato e a verdade, o temporal e o espacial. A cada um destes dois espiritos correspondem ideaes proprios, sentimentos proprios, modos proprios de expressão. E como são dois espiritos que nunca se encontram no mesmo caminho a tendencia de um para com o outro é a reciproca exclusão. Toda aparencia em contrario é ilusoria. O pregador da cruzada não serve o "tempo", assim como o guerreiro penitente não abdica dos ideaes cavalheirescos, da preocupação do herdeiro, do descedente que perpetuará no tempo as honras da casa. O mistico, porém, abnega da geração, é o asceta que se põe em contato com as verdades, intemporaes, por isso mesmo eternas. Donde duas series de arquetipos sempre possiveis, paralelos mas inconfundiveis: a companhia dos santos e a linhagem dos heroes.

VII

A epopéa está na raiz de todas as culturas. Seu destino, porém, não é o mesmo em todas. Em uma cultura ahistorica como a apolinea, o tempo imobiliza seu perpassar num eterno presente e as ações do mundo dos fatos, o ideal heroico de que a epopéa nada mais é que o meio por excelencia de expressão, continuam sempre atuaes, perduram e conservam-se através das idades como paradigmas geraes, espelhos de todos os acontecimentos. Nas culturas profundamente historicas, porém, o muito poderoso interesse do momento que passa, sentido intensamente em sua fugacidade, anula o interesse, a atualidade dos

ideaes passados; os poemas são logo superados pela realidade. E o mundo das verdades não encontra interesse em armazenar as expressões do mundo das ações. Por isto as canções da gesta, a epopéa dos Nibelungs, os Eddas e quantos outros, foram sepultados no mais completo olvido, justamente no ocidente, a cultura "historica" por excelencia. Por isto apenas indicios restam do que deve ter sido a epopéa heroica no Egito, onde talvez na figura enigmatica de Anzti, ou na mais clara de Hòrus, o vencedor de Seth, vivam os correspondentes de Rolando ou de Siegfried; como tambem talvez Hoang Ti, o imperador amarelo, e Yu, o que dessecou as terras inundadas, sejam o que resta da epopéa chinesa.

Na India, no Mahabarata e no Ramaiana, estão condensados não se sabe bem quantos ciclos épicos de que diversas épocas. A ausencia de sentido historico do indico, teve como paradoxal consequencia a conservação, primeiro puramente mnemonica, de um "ramassé" inextricavel dos mais diversos textos. Tirou-lhes, porem, a marca dos tempos, tão evidente nos poemas ocidentaes. A mesma observação cabe aos poemas apolineos. A' feliz circunstancia de terem coincidido os primeiros tempos do periodo primitivo apolineo com o explendor do imperio hitita, broto tardio da civilização babilonica, cultura de profundo sentido historico, permittiu a um Ferrer, trabalhando sobre os arquivos cuneiformes de Boghaz-keui, identificar este Andreus com Antaravas, que é sucedido por Tavagalava, que é Eteocles, e que reinavam sobre os Ajavalas, que são os Eolios; assim como um seculo depois, sobre os Ahijas, que são os Aqueus, reinava Atarisijas que é Atreu, o pai de Agamenon, este Godofredo de Bouillon apolineo que se lança na cruzada contra Troia, provocando a agitação de povos, na qual pereceu o imperio hitita e que com o nome de invasão dos povos do mar, é conhecida pelos textos egipcios da XIX e XX dinastias. Os arquivos de Boghaz-keui nos põem em contacto com as eras que precederam a alvorada dos tempos homericos. Não existe, porém, cronica estrangeira dos sucessos de Atreu, não existem mais os hititas na Asia menor, e nada se sabe ainda do que encerrarão os textos minoanos, que restam indecifrados. O sentido dos cantos homericos não se perde porem com isso. E' o cantar dos nobres que foram a estas cruzadas, tal e qual como no ocidente tambem houve um ciclo epico das cruzadas completamente homologo. Os ideaes, os arquetipos, as personagens de Homero são as da nobreza, para a qual os deuses são herois e reis, ao contrario dos ideaes e dos arquetipos do clero para o qual os heroes são santos. Nas canções da gesta, Rolando morre estendendo o guante para Deus. O laço entre Deus e os homens é aqui o mesmo que entre o soberano e o vassalo leal: oferecer o guante significa pôr-se á disposição, oferecer-se de corpo e alma. No Heliand, o poema da Salvação, dos primeiros tempos do ocidente, da precultura mesmo. Cristo surge tal como um rei que se dirige para Jerusalém cercado de seus pares, os apostolos, e em vez do poeta salientar a humildade cristã, o perdão das afrontas, engrandece de preferencia o bravo feito de São Pedro que fere a Malco. A conduta de Zeus na Iliada é a de um soberano.

A' linhagem dos heróes pertencem no ocidente Rolando, Olivier, Gerard de Rossillon, Ogier da Dinamarca, Siegfried, Tristão, os Palmeirins, os Amadises, os reis nordicos das sagas e inumeros outros. E em suas personalidades, desde Rolando, "preux" e Olivier, "sage",

até Tristão, que morreu de amor, condensa-se todo ideal cavalheiresco. A façanha, a afirmação do proprio poder, o sentimento da honra, da personalidade, a vontade, o serviço das causas nobres, distanciam estes heroes dos tipos homericos, que evolvem sem nenhuma energia dirigida. As cruzadas foram uma empreza dificil, energica, distante. A guerra contra Troia carece de sentido justificativo. O incidente de Helena é uma ridicula causa motriz. Os homens lutam como a serviço do seu corpo. Entre Aquiles furioso e Rolando furioso não ha termo de comparação; enquanto Aquiles se nega a combater e suas armas vão acarretar a morte de Patroclo, Rolando, presentindo a derrota de que sua susceptivel honra foi a causa, faz soar o "olifant" que fará retroceder a Carlos Magno que, solicito, vingaria os doze pares sacrificados e mais a flôr da cavalaria franca. Quando o heroe apolineo corre perigo, logo um deus invisivel detem o golpe que lhe ferirá o corpo ou o arrastará envolto numa nuvem. O heroe ocidental pensa apenas em revidar os golpes vingar cem vezes o ataque, e prescinde como deshonroso todo auxilio. Ele só ha de poder, o corpo é menos que o renome, a fama. A epopéa ocidental emociona pela energia, pela afirmação do heróe. A apolinea pelo risco que o heróe corre de destruição, o heroico é, sobretudo, aquele que volta incolume da porfia. Para Heracles, o heroe voluvel, o castigo da inconstancia, do amôr fóra do matrimonio, é a tunica ardente que a esposa manda ignorando as consequencias do ato. O "pathos" enorme, impressionante, do heroe cujas carnes ardem e que sóbe á fogueira, abala até aos deuses que consentem em recebe-lo. A punição de Tristão, do amor unico, irracional, ilogico, eterno e desleal contudo, apezar do carater do heróe, é a morte pelo proprio amor, pela ausencia da mulher amada, morte fisica precedida pela morte d'alma onde não conta o corpo. Heracles é o amor apolineo, Tristão o amor faustico.

VIII

Os ultimos poemas da demanda do Santo Graal, ciclo ligado em suas origens á serie bretã, não encarnam mais o ideal cavalheiresco. Este Perceval, completamente puro, qualidade sem a qual a conquista do Graal é impossivel, está consideravelmente mais proximo da mistica de um S. Boaventura ou de um Eckhart que de Rolando, o "preux", ou de Tristão, o amante. E como se Perceval ou Parcifal não fosse ainda creação bastante isenta e pura de todo o pecado, bastante expurgada do leviano sentimento do "tempo", uma nova creação, mas abstrata ainda, mais sublimada, mais ideal, vem a ser o cavalheiro do Graal por excelencia: Galaad. Já porém em Wolfram de Eschenbach, antes de Galaad desterrar a Parcifal da suprema gloria, está evidenciada a enorme distancia entre o espirito da brilhante mas leviana côrte do rei Artur e o da austera companhia do castelo de Montsalvat. Gawain, da tavola redonda, é verdade, acompanha ainda os passos de Parsifal, e comparte as pelejas, mas somente por causa deste é conquista o Graal, o Vaso da Eucaristia, que fôra escavado na preciosa gema caida da corôa de Lucifer, o anjo resplandescente, por ocasião da rebeldia.

Parcifal, Galaad e outros foram arquetipos que se ligaram ao sacerdocio pela renuncia ao "tempo". Do "tempo" todos eles proveem.

Por isto mesmo que o sacrificio da renuncia foi enorme, mais ainda avulta a nova situação. Inumeras são as outras creações, as legendas dos santos convertidos, que não tiveram o desenvolvimento literario das primeiras. Todas as vezes que a legenda deixa de ser creação abstrata e torna-se transfiguração do real, toda e qualquer variação ou floreio literario torna-se superflua. Nada ha que acrescentar á Legenda Aurea. Qualquer retoque na legenda de S. Francisco de Assis, seria um sacrilegio desfigurador. A literatura mistica é imperfectivel porque a condição mistica por excelencia já é a propria perfeição.

A hagiografia medieval contrapõe-se ás canções da gesta ou á epopéa dos Nibelungs como duas polaridades antagonicas entre si.

IX

Enquanto a alma da cultura não conhece suas limitações, esta não atinge a plenitude. Esta ocasião logo sobrevem e traduz-se pelos grandes movimentos negadores que precedem imediatamente o periodo posterior. No ocidente foi Renascimento. Na antiguidade o movimento dionisiaco. No Egito foi a fase obscura que vai da desaparição dos cultos solares de Rá da V e VI dinastias até a vigorosa expansão do "imperio medio". Nestes tempos desatam-se os laços que prendem entre si as classes, já despojadas de sentido, que se dissolvem gradualmente. O estado passará em breve a se afirmar como uma formula absolutista A cidade desperta, forma-se o espirito urbano. As linhagens de heroes e de santos perecem. A personagem passa a ser o homem apenas, limitado, contingente, e, por isto mesmo, tragico. Dos misterios de Eleusis, da religião de Dionisos e Demeter, saem os motivos de Esquilo e de Sofocles. Lope da Vega e Calderon cream o drama ocidental, e é na espiritualidade catolica que buscam os motivos. Os misterios de Osiris, celebrações secretas no antigo imperio, sob as vistas dos reis da XI e XII dinastias, os Sesostris e os Amenemates, passam a ser publicos. Seu cerimonial varia em cada representação, e, principalmente, toma um carater profano, tal como os misterios de Eleusis no drama esquiliano, ou o sentimento catolico no drama hespanhol.

A Parsifal ou a Rolando veem substituir D. Juan, Fausto, D. Quixote ou Rei Lear. Em lugar do heróe, da personificação quasi incontigente de um ideal, surge o homem todo contingencia. Mas ainda aqui os arquetipos de cada cultura conhecem formas proprias de limitação. Para este Fausto, ou este Hamlet, ou este D. Quixote, ou este D. Juan, a contingencia mora na impossibilidade do homem dominar todas as minimas particulas, todos os infinitesimos que integram a realidade. Por isto todos estes heróes são tragicos, profundamente tragicos. D. Juan sofre do mesmo mal que D. Quixote e são vitimas da mesma danação imensa de não poder tudo. A tragedia ocidental é o conhecimento da limitação que obsta a desmedida expansão do eu pelo infinito. No entanto, na personagem de Esquilo e de Sofocles para este Edipo ou para este Orestes, a grande tragedia é a fatalidade brusca, cega, unica, irracional, que atinge o individuo anulando-o. E' a destruição do eu de Edipo, cujo destino estava predeterminado e fixo, como a forma de um corpo solido, em contraposição ao destino de Rei Lear ou de Hamlet ou de D.Juan de que se assiste a progressiva formação por en-

tre a tessitura de inumeraveis causas, Ajax enlouquece por ordem divina, daí procede a tragedia, ela resume-se quasi, nisso mesmo. Hamlet porem enlouquece progressivamente, por ocasião da simulação não se pode ainda prever o fim. Este está ainda em via de condicionamente.

Para o egipcio, para quem o mundo se resume na trajetoria inflexivelmente rigida do proximo para o remoto, do passado para o futuro, desta vida para outra vida, a tragedia enorme, imensa, será a impossibilidade de percorrer o caminho. E a personagem tragica por excelencia do egipcio foi Osiris. Seu assassinio, por Seth, antes que tivesse um filho, é a ruptura completa da trajetoria da vida e da linhagem. A agravante do despedaçamento do corpo e a dispersão dos fragmentos impedia a sobrevida. A cumplicidade do peixe oxirrinco que devora a porção das partes sexuaes do cadaver divino, acentua mais ainda o tragico destino. Mas o peso desta tragedia do deus morto da linhagem interrompida, do corpo inexistente, disperso em pedaços, foi tão opressor para a alma egipcia, que foi mister que Isis, a esposa, procurasse, achasse e reconhecesse cada um dos fragmentos do cadaver, e que, investida de poderes magicos, recompuzesse o corpo, o transformasse na primeira mumia, o Zet indestrutivel, que fosse permitida a fecundação postuma, miraculosa, da qual nasceria Horus, o filho vingador, e que o deus, animado de vida sobrehumana resurgisse justificado ante Atum e os outros da Eneada, e se tornasse no julgador dos mortos. Dificil, muito dificil, é fazer uma idéa da emoção que deveria produzir esta paixão de Isiris, sob os Sesostris, no "imperio medio".

Se na cultura antiga a personagem tragica (não no sentido de patetica, que depois a palavra veio a ter) alcança seu pleno desenvolvimento e expansão no campo mesmo da representação dramatica, no ocidente e no Egito ela se revelou preferentemente na composição literaria não dramatica. Tragico já era aquele João Fausto, tipo legendario que circulava na Alemanha antes de Spies e de Widmann comporem as "Historias verdadeiras" deste celebre feiticeiro e mago que pactuou com o Diabo, e muito antes ainda da versão desta vez dramatica, de Marlowe. Tragico é aquele D. Juan, o burlador, da legenda sevilhana que, antes de ser personagem de Tirso de Molina, desafiava com sua conduta as potencias celestes e as infernaes; como tragico tambem é aquele D. Quixote, ou ainda aquele Persiles que percorre o mundo sem se fixar em nenhum logar; como tragica é aquela perseguição irracional, ilogica, de um fim que eles mesmo ignoram qual, de Robinson Crusoe ou de Gulliver, vagabundos por sobre a terra enorme. Do pouco, do muito e fragmentario que se conhece da literatura egipcia, correspondente, sobreleva a historia de Sinué, o naufrago, motivo cuja semelhança com o de Osiris é evidente. O naufragio, as aventuras de Sinué são o mesmo, com o mesmo sentido, que a dispersão do corpo de Osiris: o motivo tragico do obstaculo no caminho, do angulo estorvador na réta rigida da vida.

X

A alma de toda cultura tem anhelos proprios. Depois de substituida a alma pela inteligencia pura das civilizações, destes anhelos restam

caracteristicos, mas desta vez desprovidos de toda espiritualidade. Por isto as civilizações conhecem novas séries de arquetipos que não são mais tragicos porque a tragedia só mora ali onde a alma está, e esta não mais existe, não representam mais ideaes das duas formas primeiras de existencias, a vida dos fatos e a vida das verdades, porque já ha muito desapareceram as classes suportes destes mundos, mas que sim representam o encerramento das possibilidades humanas sob a forma de representações materialistas. E' a éra dos valores ditos humanos, antes porem cerebraes puros que prevalecem como vida eficaz em face da destruição de todos os deuses. Na antiguidade esta éra iniciou-se com os épicos alexandrinos, com os Argonautas de Apolonio de Ródes. No ocidente é revelada pela primeira vez com segurança, nc Prometeu de Shelley. O anhelo da alma faustica foi por excelencia e da expansão poderosa. Prometeu conserva este anhelo, como não tem mais alma não se curva reverente ante os poderes supremos, põe todo seu esforço a serviço do dominio e da empresa material, prevalece contra os poderes de Jupiter; é o primeiro da serie dos super-homens, votados para a técnica dominadora e avassalante, senhora do mundo material. Logo em seguida Goethe publicará o segundo Fausto. A personagem altamente dramatica, que havia sido o homem do mundo das verdades desencantado, que tinha se feito homem-apenas, por meio de uma renemundos. Fausto persegue agora não já as essencias sutis de outrora, os segredos de Deus, mas a propria técnica. Manda que se represe o mar, para que se edifiquem nações, e se construa e, na crença de ter sido obedecido, morre redimido.

Mas Fausto e Prometeu eram ainda figuras vacilantes, muito ricas de reminiscencias culturaes, animadas de falsas perdurações d'alma. Seus successores imediatos, o Holofernes da "Judith" de Hebbel o Siegfried do "Anel" de Wagner, o Zaratustra de Nietzsche são ainda exemplos não completamente definidos, ainda muito tocados da crise que foi o romanticismo, ainda não suficientemente esclarecidos de sua condição unicamente cerebral, anti-spiritual. André Undershaft, personagem de Shaw, Saccard, personagem de Zola, não se deixam mais enleyar pelas perspectivas de visões abstratas. O mundo destes homens é a bolsa, a grande industria, a esfera dos valores puramente materiaes que suplantam e avassalam todas as atividades e todos os instantes. Este Saccard quando joga todos os recursos em sua luta contra o seu grande e superior adversario Gundermann, não se deixa, o mais minimo instante, comover pelos aspectos deshumanos de seus negocios. A fé extranha deste André Undershaft, fabricante de armas "consiste em fornecer armas a todos os que ofereçam um preço decente por elas, sem olhar pessôas nem principios, ao aristocrata e ao republicano, ao nihilista e ao tsar, a todas as classes e partidos, a todas as nacionalidades, a todas as religiões, a todas as loucuras, a todas as causas e a todos os crimes". Em virtude deste evangelho terrivel, amoral, porém extraordinariamente poderoso, póde Undershaft dizer: "Eu sou o governo de teu paiz. Pensas que tu e meia duzia de frequentadores como tu, sentados em fila naquela jaula, que chamam Parlamento, sois capazes de governa a Undershaft e seu socio Lazaro? Não, meu amigo. Fareis o que nos convier. Fareis a guerra se nós quizermos ou sustentareis a paz em caso contrario. Direis que o comercio necessita de taes medidas se tivermos decidido taes medidas. Se eu reclamar qualquer cousa para fazer subir meus dividendos, descobrireis que a medida corresponde a uma

necessidade nacional. Se alguem fizer qualquer cousa para baixar meus dividendos, lançareis mão da policia e do exercito. Como compensação tereis o apoio e o aplauso de meus jornaes e o prazer de crêr que sois grandes estadistas." Undershaft é o homem que se serve do dinheiro como a força por excelencia. Mas John Tanner procura dominar por outros meios. Seu poderio, sua influencia, a qual os que o envolvem não conseguem escapar, provem da franqueza brutal, cinica, com que as cousas são expostas em suas palavras. John Tanner, reencarnação civilizada de D. Juan Tenorio, o burlador, não é mais o desnudador impudente e tragico de mulheres, mas o desnudador impudentissimo e realista das convenções e da sociedade. Por isto "escreve" o Breviario do Revolucinario, onde o problema da realização do super-homem é apresentado sem as vistosas roupagens de Zaratustra como uma seleção humana aplicada a reprodutores humanos de reconhecida e comprovada superioridade.

XI

O afan de dominar de ter o mundo material a mercê do eu, como se fôra parte do corpo, equivale ao desejo de fazer coincidir o infinito com o eu, numa distensão imensa. Mas quem afirma o eu, pelo fato mesmo de distingui-lo, afirma tambem o não-eu. A expansão sem limite do eu resulta, em ultima analise, um anhelo negador porque a negação do não-eu que dela resulta acarreta necessariamente a cessação da distinção do eu, sua anulação. Resulta claro, portanto, que sendo a afirmação mesmo do super-homem, a integração, dentro do poder do eu, do conteúdo do infinito rodeante, o super-homem está sempre ameaçado de se negar a si proprio, sempre á margem de uma crise intelectual imensa que é a da sua propria destruição. Ao delirio edificador de Dan Yack sucede uma dormencia enorme, um desejo de calma, de repouso, de esquecimento de si. Tambem aquele outro Ponderevo de Tono-Bungay de Wells se sente convertido de repente em um simples "stick of the rocket", que havia estado "soaring" tão esplendidamente. Dan Yack porém ainda encontra em si mesmo um interesse na vida e perdura toda a segunda parte introspectiva do livro: as "Confessions". Ponderevo tambem consegue encontrar, ligado ás contruções navaes, um motivo bom de perduração. Mas outros tipos mais deploraveis ainda, mais significativos ainda, desta "vontade de impotencia" que assalta a personagem faustica nesta crise de desalento enorme, veem constituir uma serie que se mostra quasi interminavel. Este Salavin de Duhamel, este outro Luis Grandeville, de Emmanuel Bove, ainda este Philippe Clery, o "Epave" por excelencia, de abjeção enorme, falto por completo da mais minima parcela de vontade de querer, são as negações mais eficazes e completas do super-homem. O processo dialetico nunca fica porem na negação, senão o ciclo ficaria aberto. Ao super-homem afirmação, ao destroço, ao residuo, á sombra de homem, negação, deve necessariamente suceder o arquetipo sinteze de que talvez aquele ainda não bem delineado Haverkamp ou este ainda mal esboçado Jerphanion dos quatro primeiros volumes dos "Hommes de bonne volonté" de Jules Romains sejam os primeiros representantes. Com efeito, este Haverkamp difere bem do super-homem dos negocios que foram Saccard e Ponderevo. Não mais a impossibilidade de enxergar o veso negativo

das cousas, nem o tabú da duvida que os acompanhavam. Este Jerphanion tambem não se pode encaixar exatamente em nenhuma tabela. Talvez somente naquele Olivier do Jean Christophe de Romain Rolland seja possivel descobrir um aparentado, assim como é facil descobrir nos ociosos mundanos de Proust os precursores da "vontade da impotencia" dos Grandeville ou dos Clery.

XII

Depois de atingido o equilibrio em que morrem lentamente as proprias civilizações, as personagens teem qualquer cousa de fixo, de inanimado, de imutavel. A este periodo remontam muitas das composições colecionadas por Maspero, que datam do "novo imperio" egipcio e de que, atravez das que já se conheciam de fontes grêgas, pode-se comprovar a fixidez no tempo. Correspondentes são tambem as creações daquele Kalidasa, dramaturgo indico, cujas peças, poude-se comprovar, nada mais são do que a repetição de fórmas e conteúdo fixados já quinhentos anos antes. Caracteristicas deste periodo são as personagens da literatura romana, este Eneas vergiliano, estes pastores das Bucolicas, reproduções dos traçados que remontam aos ultimos alexandrinos. Sob esta forma ultima, desvitalizada, é que se conhece a personagem incasica, este Ollantai estranho, que tanto comovia aos homens do Tahuatinsuyu, e cujas representações chegaram, pelos levantes patrioticos que provocaram, a ser proibidas no vice-reinado do Peru'. O ocidente ainda está longe desta fase ultima e inorganica. Alguns arquetipos ainda são possiveis: estes homens de "bôa vontade", que dão ás épocas "seus" sentidos forçando o prevalecimento, no meio de milhares e milhares de atividades antagonicas ou dispares, das atividades "bôas"

XIII

Fóra da orbita da cultura faustica, no oriente da Europa, brota uma nova linhagem de arquetipos que não correspondem mais ao sentimento faustico do mundo, nem lhe compartilham os ideais. As personagens deste Fiodor Dostoievski, deste Gontcharov, deste Panait Istrati mostram logo diferir das personagens ocidentaes porque não se afirmam como pessôas, como centros de ação, antes pelo contrario, em sua falta de vontade individual, aspiram se integrar numa unidade maior, que não é bem o grupo no sentido ocidental e que não encontra nas linguas fausticas, um termo capaz de expressar.

Oblomov, personagem de Gontcharov, póde servir como padrão de referencia á falta de vontade de poderio. Aldeão que vem á metropole, limita toda sua actividade em divagar, e, divagando sempre, permanece sem nenhum impeto que revele combatividade, sem nenhuma amostra de energia, sem nenhuma ação. Divagando permanece indiferente aos interesses da vida; interesse mesmo, é, para Oblomov, uma palavra absurda; vontade, é uma serie de letras que mascaram um nonsense. Tambem este Panait Istrati, o "palikaraki" abandonado em Napoles, carece de tudo que seja vontade. Sua vida interior é a do

desamparado, do que não póde viver em função de si mesmo, e que tem que se integrar num grupo qualquer para finalmente "ser". Compare-se o vagabundo, o "palikaraki" de Istrati com o vagabundo de Liam O'Flaherty. Este é todo individualismo, afirmação de si mesmo, vigor dirigido para uma finalidade imédiata. E' verdade que não sabe dizer aonde irá ter sua trajetoria errante, mas em cada momento dela está consciente de seu eu, de sua personalidade e fa-la prevalecer. O "palikaraki", porém, é todo abandono e desamparo. Paris é a meta vagamente divisada, o fanal distante que atrae. O senso do ato eficaz e imediato é inexistente; deixado em Napoles entregue a si proprio fracassa, e tem que voltar ao Oriente onde os homens todos são irmãos, onde a pessôa não é esta individualidade tão demarcada, tão murada em seu isolamento que é no ocidente. O russo não diz "eu sou", não tem presente do indicativo para o verbo ser. O romaico Panait Istrati tambem não sabe ser. Todas as outras creações do mundo russo resentem-se deste sentimento extranho da personalidade. Assim aquele Glieb, ou aquele outro Serguei, personagens de Gladkov, cujas existencias são, em ultima analise, uma renuncia de ser "individualmente" ante a possibilidade de ser "coletivamente". Tambem aquele Karamasov que se sente culpado do crime alheio nada mais faz do que renunciar quasi inconscientemente á louca e temeraria afirmação do eu. Duas personagens ocidentais, em situação identica á deste Rogojin e deste principe Meichkin, não velariam juntos o corpo de Nastasia Philipovna, nem tampouco sonhariam realizar aquele triplice suicidio que está no "Volga desemboca no mar Caspio" de Pilniak.

Os descendentes de Ilia de Murom, o heroe, que aos trinta anos ainda não podia andar, não falam lingua faustica nem vivem ideais fausticos.

XIV

Já uma vez uma cultura prescindiu da afirmação da pessôa pela afirmação do grupo. Foi a cultura incasica, em que noção de individuo é inexistente, mas onde os "ayllús", corporações, grupos humanos que eram uma função complexa, ainda pouco esmiuçada, da ascendencia, do lugar, do oficio mesmo, são as unidades por excelencia. O "ayllú", porém, não tinha sentido historico. Sua existencia era uma imobilidade, um perduração indefinida que, quasi se poderá dizer, esgotava a razão de existencia na infinitude inalteravel de Pachacamac, o principio supremo. Por isto nada se sabe da historia desta cultura. Quando os hespanhóes invadem o Perú, encontram no Tahuantinsuyu um autentico imperio, produto final de um milenio de evolução perdida, de que Tihuanacu e Chan-chan são, talvez, as mudas testemunhas. O ahistoricismo do inca foi tal que não perpetuou nenhum fato. O Ollantai é dos poucos restos do que foi a vida de uma cultura que domou a pedra e os Andes, e que achou na mais impressionante das musicas e na coreografia do kashua, a expressão maxima do sentir da humanidade que superou o individuo com o grupo, o homem com a coletividade.

O mundo russo porem não parece ser ahistorico. Longe de repelir os alfabetos de origem estrangeira, tal fizeram os apolineos e os indicos em periodos homologos, os russos os mantêem e aperfeiçoam, e

atravéz das convulsões de um autentico periodo de cruzadas, que é a fase em que vivem hoje em dia, conservam e protejem os documentos artisticos da precultura. Que serão dentro de um milenio o Fausto ou o D. Juan russos? O "pathos" mistico de um Merejkovski, o homem possuido da divindade, os novos herois da cruzada sovietica, que mal começam a brotar, permitirão, daqui ha mais uns decenios, prever o desdobramento final das possibilidades em germen.

XV

Tres foram as culturas que se caracterizaram por uma preocupação avassaladora de se expandir: a faustica, a egipcia e a mexicana. Enquanto porem a expansão faustica é a dilatação triunfante em todas as direções, sentidos e esferas, e a expansão do egipcio era a marcha que nada poderia obstar numa direção unica, privilegiada, fóra da qual nenhum objetivo havia, a expansão do mexicano consistiu na necessidade de vencer a opressão enorme do mundo rodeante que fórça a vida a se apertar no interior de uma carcassa inextensivel que se enruga, engrossa e enrijece mais com o tempo. O afan do mexicano, sua maxima afirmação, era libertar a essencia da vida que estava presa e comprimida, permitir que numa dilatação inefavel, indefinida, ilimitada, ela se identifique com a espaciosidade enorme do céo, com a amplidão do universo. A vida do mexicano, maya ou nahua, era luta perpetua contra as potencias destruidoras. Eles amavam as rosas, Cortez chegou a Tenochtitlan por entre ramilhetes de inumeras flores, e viam que a flor, a delicadeza por excelencia, fana-se e se desseca, que a folhagem tenra, desseca e cae, que a haste flexivel engrossa e endurece, que as faces humanas perdem a turgidez da vida que pulsa no seio da creança e se enruga, decae, declina, morre emfim. Toda a existencia do mexicano girou em torno deste sentimento. As figuras humanas dos paineis reconstituidos do Chichen-itzá tem acusadas todas as rugas marcadoras da idade. Tanto os templos de Chichen-itzá como as teocallis nahuas falam o mesmo desejo da libertação pela evolação da alma, a preciosa essencia. A personagem mexicana, este Quetzalcoatl, o Cuculcan maya, a serpente emplumada, o heroe branco que vem do oriente, é a vitima de Huitzlilopochtlil, o deus da guerra, a personificação das forças destruidoras. O culto de Huitzlilopochtlil com seus sacrificios humanos era a celebração desta idéa revelada, da morte universal, da destruição universal, do aniquilamento e suplantação de tudo que fosse vida, sinonimo de delicadeza, beleza e amor. O culto de Huitzlilopochtlil era tambem um culto libertador. A vitima do sacrificio, tal como o guerreiro morto na peleja, violentamente, era a noz que se abria e deixava escapar emfim liberta, a essencia, o perfume vital. O nahua dava honras guerreiras á parturiente, porque esta como aquele eram os representantes da vida que ilude a pressão do mundo. A parturiente deixava libertar, por isso que engendrava uma nova vida, uma parcela dela mesmo que se destacava e perpetuava a vida preciosa, delicada e sutil. Personificava a vitoria contra o poder destruidor.

Quasi todas as creações deste notavel sentimento cosmico pereceram nas incinerações que os ignaros frades, de malavizados escrupulos

religiosos, que seguiram as pegadas dos conquistadores, praticaram contra os codices mayas e nahuas. Os poucos que restaram são de interpretação precaria. Poucas chances ha de se reconstituir as figuras destes heróis, destes santos e destes homens, personagens grandes como Fausto, Parcifal ou Aquiles.

XVI

Nenhuma destas preocupações avassalantes, dominadoras, absorventes, cruza a tranquila alma do chinez. Cultura profundamente historica, considera o mundo como uma meada dificil, mas que se deixa desatar ante a astucia e o engenho paciente do homem. O "tao" conceito que significa simultaneamente a conduta e o fim, o meio e o resultado, não coloca o chinez na dura contingencia dos anhelos exclusivistas do egipcio ou do ocidental. Este ideal está consideravelmente mais proximo da ataraxia do que da vontade de poder. A ataraxia porém é indiferente. O "tao" não. O chinez não se comove, não conhece o impeto que dá a vitoria, mas tambem não se imobiliza em face da vida. O "tao" dirige o chinez com prudencia, astuciosamente, á vitoria sem ruido. Não conhece a embriaguez do triunfo, mas tambem não prova o desespero da derrota fragorosa. E assim tambem vae o arquetipo chinez. Perdida quasi toda sua literatura propriamente culta, do periodo de Chu, póde-se atravez dos contos de Confucio que estão nos anaes, as "Primaveras e Outonos", reconhecel-o, por exemplo, neste principe que fizera voto de não mais se encontrar com sua mãe, que contra ele havia conspirado, a não ser depois de ido para as "primaveras amarelas", isto é, a outra vida, mas restava inconsolavel ante a dura contingencia a que o voto o obrigara, logo porém a conselho de avisado amigo mandou cavar um tunel até as "primaveras amarelas", bem profundo sob o solo, onde poude se encontrar com sua mãe sem faltar ao voto. A moral deste heroe é bem a da cultura que mais presou a formalidade na terra, e cujos heróes epicos são estes Vao, Hoang-ti, imperadores miticos que realizaram os reinados mais felizes, ou este Yu, que desviou as aguas do diluvio, e que nada têm de comparaveis a estes heroes ocidentaes Carlos Magno e Ricardo Coração de Leão.

A SCIENCIA E A RELIGIÃO

METHODIO MARANHÃO

(Cathedratico da Faculdade de Direito de Recife)

Uma das cousas que mais preoccupam as pessoas tocadas de sentimentos mysticos é o confronto entre a sciencia e a religião.

Deve-se notar que não é a sciencia que procura traçar a sua marcha pela trilha da religião; nas suas indagações e pesquizas, o verdadeiro sabio, ao desbravar o campo inculto, de onde tenha de trazer um raio de luz, não pede meças nem licença a dictames e affirmações religiosas, e caminha sereno e impavido, sem leval-as em conta, para chegar ás suas conclusões. Copernico e Galileu, quando affirmam que a terra é que gyra, e não o sol, para formar o dia, não se preoccupam com saber se, pelas affirmações religiosas de seu tempo, o sol tinha sido mandado parar, por um certo Josué, para prolongar a sua luz.

A religião, pelo contrario, quando faz affirmações oppostas aos dictames da sciencia, é que vem dar-lhe satisfações, torcendo posteriormente os seus textos para fazer com que elles não se opponham a essas leis.

E' assim que os **seis dias** da creação do mundo são applicados como significando epocas mais ou menos equivalentes ás das diversas camadas geologicas. E com explicações de igual jaez se admittem a formação do homem com barro manipulado, a geração posterior e differente da mulher com um costella do homem; a intervenção directa de um Deus em todos esses factos, e mais a confabulação das tres entidades existentes, Deus, o homem e a mulher, com uma [illegible]nte, animal supinamente astuto, capaz de engabellar o proprio Deus. (1)

São, pois, as affirmações das religiões inteiramente incompativeis com os mais comezinhos dados da experiencia humana, que é o fundamento da sciencia. Nesse ponto todas ellas se equivalem: todas se fundam em uma supposta communicação directa de um ou mais deuses com a humanidade, e assim justificam seu apparecimento. Taes eram os Devas dos primitivos Aryas, representação directa dos phenomenos atmospherico, e dos astros mais em evidencia, oriundos da união dos Ceos com a terra, e cuja benevolencia era preciso invocar ou agradecer por meio dos sacrificios. Budhismo ou Induismo e as suas innumeras modalidades.

Em um pequeno recanto de terra, que era o paiz dos hebreus o reino de Israel, a Judéa ou a Palestina, o Deus Jaweh ou Jehovah apparece creando Adão, com elle se communicando, e indo depois em confabulações directas com Abrahão e Moysés.

Ora, a simples existencia de Deus, por si só, é um facto que não se pode considerar apoiado pela sciencia. E' pelos menos completa-

(1) — Sed et serpens erat callidor cunctis animantibus terræ quæ fecrat Dominus Deus. **Genesis III-1°**

mente extranho a ella, por não ser susceptivel de averiguação. Pode ser um artigo de fé; seria quando muito uma simples hypothese muitissimo aventurosa, isto é, apoiada em apparencias muito frageis, mas não é absolutamente uma verdade, um postulado que se imponha naturalmente a todos.

Ainda assim, o simples facto da existencia de um Deus ideal não presuppõe o das religiões. Estas só admittem deuses que precisam de culto, de padres, de igrejas, de adorações ou adulações; deuses que andam de quando em quando intervindo na terra, tratando de seus interesses e manifestando os seus sentimentos iguaes aos dos homens, muitas vezes crueis e injustos.

O Deus ou deuses das religiões não são, pois, essa entidade ideal, creadora e protectora do mundo, a que ainda se apegam os que tiveram bastante força para se livrar das praticas e sentimentos religiosos, mas conservam intactas as sua propensões espiritualistas.

Ainda admittida desse modo a existencia de um Deus, fica sendo um facto incomprehensivel o das suas relações e approximações com a humanidade. Isto se vê pelo simples bom senso e a logica resultante de qualquer comprehensão que possamos ter da natureza e das qualidades desse Deus.

Representam-no como uma entidade espiritual, isto é, inaccessivel aos sentidos. O certo é que elle nunca se apresenta em corpo e materia como as outras entidades do mundo. Dahi, não se comprehenderiam os seus actos, entregando taboas de Isis, fallando com as pessoas ou dictando ordens, como fazia Jeovah com Adão, com Caim, com Abel e com Moysés.

E se esses factos são apenas modos de dizer para serem accessiveis aos ignorantes; e a interferencia de Deus com os homens se dá apenas por modo occulto, tendo como resultado obedecer o homem á injucção recebida, chegaremos á conclusão que até o proprio Deus precisa de palavras dubias e subterfugios complicados para se fazer entender dos seus adeptos; e isso deprime muito as suas qualidades.

Depois, as provas de pretendida approximação de um Deus com os homens, os factos que constituem os dogmas e principios de toda religião, são completamente destituidos de valor scientifico.

As chamadas tradicções em materia religiosa, os apregoados livros sagrados, fundados em tradicções oraes transmittidas de tempo muito remoto, valem menos do que as provas testemunhaes communs, cuja precariedade estamos reconhecendo todos os dias.

Só por meio da fé, e fé muitissimo ingenua, se podem acceitar como factos veridicos os que servem de base ás religiões; nada ha que oppor a quem tenha essa fé, e não a queira de modo nenhum abandonar.

O que não se pode, porem, admittir é que se venha dizer que semelhante fé tem o mesmo valor que uma verdade scientifica, e que não ha incompatibilidade entre os dictames della e os da sciencia.

Não querendo sahir do circulo da religião que nos rodeia, — a christã ou catholica —, havemos de ver que ella só se funda e se sustenta em affirmações inteiramente contrarias á sciencia. Desde a verificação historica da sua formação e desenvolvimento, desde a indagação da existencia de seu proprio fundador, a sciencia vem mostrando a inanidade de muitas affirmações tidas antes como veridicas.

Já em seus primordios, quando ainda não predominava, foi o

Christianismo alvo das criticas mais ou menos acerbas dos homens de ciencia que delle tiveram de occupar-se.

Os primitivos livros que o atacavam, ou se oppunham aos seus dogmas foram todos destruidos, primeiro por ordem de Constantino, logo depois do Concilio de Nicéa, em 325, e até um seculo depois, em 449, pelos imperadores christãos, Theodoro II e Valentino III, que determinaram a destruição de "todo susceptivel de excitar a colera divina e de offender ás almas" (Luis Rougier, **Celsus**, pag. 57).

Por modo indirecto poude salvar-se um delles, o do philosopho platonico Celsus, que appareceu com o titulo de "Discurso Verdadeiro", provavelmente em 178, podendo ser reconstituido em parte pelas respostas que lhe deu o seu contendor, o theologo Origenes.

Muitos dos seus argumentos ainda hoje são decisivos para mostrar que o christianismo, no que encerra de bom, não fez mais do que copiar a moral dos philosophos celebres do tempo; e no absurdo dos seus dogmas, não se mostra superior ás outras religiões.

Se no periodo obscuro dos 1200 annos da idade media a preoccupação era apagar o mais possivel os vestigios e resquicios das muitas religiões e documentos contrarios ao Christianismo, as cousas mudaram-se depois de terminada aquela época.

Assim, com o irromper do seculo XVIII já se encontravam no mundo os dois espiritos mais lucidos e independentes que iam dar ás ideias philosophicas e religiosas o rumo que as levaria á sciencia actual. Eram Hermann Samuel Reimarus, na Allemanha, (1694-1768), e Francisco Maria Arouet, conhecido depois por Voltaire, na França (1694-1778).

Reimarus, philosopho e polygrapho dos mais sabios e distinctos do seu tempo, chamou a attenção com a sua obra **"As Principaes Verdades da Religião Natural"** e ainda com os **"Fragmentos Diversos"**, publicados depois de sua morte (1774 e 1778). Ahi elle nega ao christianismo todo o caracter de phenomeno sobrehumano para reconhecer-lhe apenas o valor de um facto natural, e só enxergar no seu fundador o papel de um mortal sem ligação com a divindade.

Era o verdadeiro predecessor de Renan.

Voltaire, o philosopho, poeta e litterato que é a encarnação mais viva do livre pensamento, juntou-se a D'Alembert, Diderot, Rousseau, D'Holbach e outros muitos sabios, constituindo o grupo chamado dos Encyclopedistas. A sua obra em que se atacavam sem rebuços o christianismo, enche todo o periodo desse seculo XVIII, de 1751 a 1777.

Surge o seculo XIX, e em 1835 apparece Frederico David Strauss com a sua **"Vida de Jesus"** destinada apenas aos theologos, e em que elle com os proprios Evangelhos mostra que a existencia de Jesus é apenas um mytho. Em uma edicção posterior, remodelando a primeira, em 1864 e endereçada ao grande publico ainda mais confirma elle essas declarações.

Quasi conteporaneamente Ernesto Renan (1823-1892) com educação religiosa, ministrada num seminario, deu uma "Vida de Jesus", 1866, em que nega a realidade do sobrenatural e do milagre, e romantiza a existencia de seu biographado, supprindo por hypotheses e supposições as enormes lacunas das fontes que a esse respeito existem. Apresenta-o como um simples homem idealizando o espirito de justiça e de bondade.

A sua obra teve uma enorme repercussão porque mostrou a evidencia que, baseado nos proprios textos religiosos, podia-se attribuir ao presumido filho de Deus, todas as virtudes que o ornavam, sem tirar-lhe a qualidade de simples ente humano... Hoje essa obra é tida como atrazada e phantasiosa, valendo apenas pelo seu merito literario.

E de então em diante, os estudos sobre a existencia de Jesus, em que ele não é absolutamente considerado como entidade metaphysica, ou sobrenatural, dão para constituir uma bibliotheca.

A questão de hoje já não é saber se elle pode ou não ser admittido como Deus ou particula de Deus, porque os seus crentes consideram-no como um terço de um Deus unico, mas que é ao mesmo tempo Deus total.

Hoje a questão é saber se effectivamente existiu essa entidade a que São Paulo chamava Christo Jesus, e que geralmente se chama Jesus Christo. E' claro que não posso entrar aqui nessa questão. São muitos os livros que tratam dessa materia, tomando ora uma opinião, ora outra. Lembro apenas os dois opusculos de Guignibert que exactamente analysam as opiniões dos diversos escriptores a esse respeito. São elles "O Problema de Jesus", 1914, e "Vida Occulta de Jesus" 1921.

Entre nós, na Faculdade de Direito do Recife, entre 1882 e 1886 já entravam essas arremetidas da sciencia contra aquelle dogma primordial da religião; Clovis Bevilaqua, João Alfredo de Freitas e Martins Junior em collaboração, em 1866, publicaram uma traducção de um estudo de Julio Soury com a denominação de **"Jesus e os Evangelhos"**. Ahi, alem de se fazer a critica aos Evangelhos, mostrando as suas contradicções e o seu nenhum valor como documento historico, quando não de simples romance litterario,se mostra pela analyse e confrontação dos textos, que o Jesus por elles descripto, redunda num doente, um desequilibrado. Não me lembro da impressão que causou o livrinho nos meios academicos, mas posso asseverar que não foi de escandalo. Já estavamos acostumados com a impavidez com que as idéas novas de Strauss, Augusto Comte e Spencer saltavam por cima de dogmas e religiões.

Tempos depois, em 1908, Hercilio de Souza, professor dessa Faculdade, redactor de uma revista de cultura "A Evolução", veio dando noticia de um livrinho de Emilio Bossi, apparecido cinco annos antes com o titulo "Christo nunca existiu".

Ahi levantou-se a celeuma. Um frade extrangeiro, desses a que o governo republicano abriu as portas do nosso paiz, sahiu-lhe de frente em umas conferencias que foram impressas nos jornaes e depois em folhetos, dos quaes alguns foram tirados da circulação por ordem superior (?). Parece que o Frei Mathias Teves não tirou muita vantagem das suas conferencias. Só convenceu aos já convencidos do seu grupo.

De facto, da existencia de Christo só ha uma prova; é a fé. Provas historicas não se encontram, senão deficientes. E' possivel que tivesse havido um **Josué** ou **Josuah**, ou pessoa de nome mais ou menos differente, que, por ter se insurgido contra o dominio romano, viesse a ser justiçado. Eram frequentes factos desses, por aquelle tempo.

Nos Actos V, 36-37, citam-se a proposito as revoltas de um Theúdas e de um Judas Gallileu, e cuja repressão se realizou com a morte de cada um desses chefes.

Na mesma occasião da presumida morte de Christo, foram justi-

çados dous outros, inculcados de ladrões, mas que, a ser o facto real, só se deviam considerar accusados de crimes politicos, desde que a execução era feita por soldados romanos, e na cruz...

E é bem possivel que o Jesus suppliciado estivesse respondendo por crime identico...

Mas esse que foi executado não deve ser o mesmo heroe dos Evangelhos, não fez provavelmente um só dos actos, nem deu logar aos factos que os Evangelhos lhe attribuem.

E' possivel tambem que houvesse por esse tempo um Jesus, Josué, Josuah ou Emmanuél, que andasse pelas aldeias, de casa em casa, com outros vagabundos, curando endemoniados (hystericos e epilepticos), papando jantares, contando anedoctas e, com imprudencias, espantando os porcos dos vizinhos, e tornando-se indesejavel. ((Math. VIII. 30-34). Mas um pobre desses nunca precisou ser flagellado, nem podia incorrer em pena de morte, nem dos Judeus, nem mesmo dos romanos. Quando morreu foi muito pacificamente, desconhecido e despercebido de todos.

Os preceitos moraes e maximos dos evangelhos, as doutrinas confortando a pobreza, pregando a paciencia, a caridade e a humildade, já eram patrimonio commum do mundo inteiro. Desde a India, China, o Egypto, a Grecia, Roma e a propria Judéa, são elles aconselhados pelos sabios e moralistas; mas nenhum deles, ou só muito poucos, tinham sido apregoados pelo ultimo dos presumidos personagens de que fallamos, pelo Jesus que não foi processado nem justiçado.

Aquelles preceitos, aquellas sentenças, as anedoctas a elles referentes, naturalmente, como eram uteis e interessantes, foram ficando na tradição. Quanto aos dous personagens, logo depois se confundiram em um só; naquelle que morreu na cruz.

Quando passado mais de um seculo, mais de cem annos, mais de uma geração, se teve de escrever sobre esses factos e essas maximas, surgiram os Evangelhos que conhecemos, contradictorios em muitos pontos; copias servis em muitos outros.

Tres são de tal forma iguaes, apezar dos pontos divergentes, que se chamam synopticos. O quarto é uma mistura de theologia do **Verbo** com a noticia dos factos.

Depois, a historia inteira da **Paixão**, do supplicio, com todos aquelles pormenores que impressionavam, como narrativa de um facto veridico, não parecem mais do que reminiscencias de umas solennidades como as **Sacaea**. Eram uma especie de saturnaes que se davam em Babylonia e na Persia, onde um condemnado á morte vem vestido de rei e depois de certas regalias ephemeras, é despido de seus trajos regios, açoitado e executado na cruz, ou na forca. Ou então seriam reminiscencias de um caso narrado por Fhilon, em que o populacho de Alexandria, para zombar do regulo Judeu Agrippa, tratou como rei de comedia um louco chamado Karabas. Esse nome nome extranho ao grego é ao aramico, lembra o Barrabas, de que falla Matheus XXVIII 16, 26-31, cuja libertação do povo preferiu á de Jesus.

Demais, sabe-se que Origenes em cerca de 250, em um antiquissimo manuscripto do Evangelho de Matheus, dava e esse personagem o nome de Jesus Barabbas. (Sal. Rein. Orfheus, 1918, pg. 337-338).

Depois, certos factos considerados da paixão, são copias de referencias de outros trechos da Biblia. Em Isaias I; 6, o justo é flagellado, maltratado e injuriado; noutro trecho LIII-5, elle soffre, e é mar-

tyrizado para resgatar as iniquidades dos homens. NoPsalmo 21 (22 grego?) se diz: § 17 — "Elles me traspassaram as mãos e os pés"; § 19 — "Repartiram entre si os meus vestidos e lançaram sorte sobre a minha tunica.

São factos que seculos depois se dizem succedidos com Jesus na Paixão.

Tudo isso mostra que a parte da Paixão de Jesus nada tem de historica. Alem de um conjuncto de absurdos e incongruencias sobre o papel de Pilatos, a escolha entre dous criminosos, Barabbas e Jesus; a data da morte em vespera de Pascoa, o processo com a intervenção precipitada de membros do Sanhedrin; ella não é mais do que um ajustamento a trechos anteriores da Biblia e reminiscencias de factos extranhos para justificar o pretendido papel de Messias, attribuido a um condemnado.

Se passarmos agora á analyse dos principios, e affirmações que a religião tem como fundamentaes e necessarias á sua existencia, havemos de ver que, não só são contrarios á sciencia, como ao simples bom senso.

A procreação operada em uma mulher, sem a intervenção do espermatozoide humano, a permanencia da sua membrana hymen ainda depois do parto; a ressurreição de um morto; a subida de um corpo humano pelo espaço afóra, sem o recurso do balão ou do aeroplano; a possibilidade de se juntarem corpos e ossadas dos mortos de todos os tempos, para se reconstituirem perante o juizo final, são verdades da religião, mas são evidentes disparates perante a sciencia.

Se ha sabios, e sabios consagrados, que admittem como verdadeiras affirmações dessa especie, só se pode explicar esse phenomeno por um caso semelhante ao do desdobramento da personalidade.

Emquanto pessoas dessa especie estão embevecidas na pratica, na contemplação ou na meditação dos ritos e dogmas religiosos, nada têm de sabios; equiparam-se aos mais boçaes ignorantes. Se, de outra vez são capazes de assimilar e meditar nos principios da sciencia, hão de estar longe das praticas e pensamentos religiosos.

Demais, ha pessoas que teem por profissão mystificar o ensino, de modo a fazer persuadir os simplorios que a religião não se oppõe á sciencia; para isso foram adaptados desde crianças e tiveram o cerebro mettido no capacete apertado do ensino religioso; para isto vivem, e disto ganham.

Ha outros que, por herança de gerações, teem por instincto um medo tão grande da colera divina, um tal pavor das penas infernaes, que nenhum conhecimento scientifico que pudessem adquirir, as livraria de guardar a sua religião.

E' verdade que para esses é muito rara a acquisição de conhecimento verdadeiramnt scientifico, de ordem philosophica.

Seja como for; o que a consciencia ha de ditar aos espiritos emancipados e livres, é que a fé, a crença em dogmas religiosos é completamente incompativel com a verdadeira sciencia. (2)

E' em vão que um Emille Boutroux em 1919 nos vem com o seu livro de argumentos massudos, um Baron Descamps em 1930 (3) com

---

(2) — Science et Religion dans la Fhilosofhie Contemporaine, Em Flam.

(3) — Le Genie des Religions.

as suas divagações prolixas e diffusas; e querendo conciliar as cousas, pretendem convencer do contrario. Não Convencem.

Os seus livros sem o "Nihil obstat" e o "Imprimatur" dos magnatas da Igreja, hão de ter muita cousa que será por esses reprovada, mas com certeza não podem ter a aceitação da sciencia.

São como esses intrusos que pretendem conciliar partes desavindas; só fazem tomar para si a ogeriza e o desprezo de uma e de outra. Porque ha casos em que a conciliação é impossivel.

Para terminar, lembro sobre o assunto dois livros de epocas bem afastadas, e que sem ostentação de conhecimentos scientificos, com linguagem simples, apelando para o puro bom senso, convencem do que aqui fica dito.

Um é o "Bom Senso do Cura Meslier", seguido do seu testamento". Obra de um padre, apparecida em 1733, commentada por Voltaire, tem uma edição franceza de 1802 na Livraria Garnier. Tem uma traducção portugueza em 1901 da Livraria Central, Lisboa, que não contem o extracto do testamento.

O outro é da pena do Padre Jules Claraz, ex-vigario de Saint Germain — L'Auxerois, em França, 1912. Ernest Flammarion a Paris Tem por titulo "A Fallencia das Religiões". (La Faillete des Religions).

NOTAS

"Hollywood"

Olimpio Guilherme — Cia. Editora Nacional, São Paulo — 1932.

Premiado pela C. C. Fox, ha anos atraz, em um concurso comercialissimo na capital federal, o sr. Olimpio Guilherme partiu cheio de entuziasmo para a cidade de Hollywood, sonhando vir a ser um **astro** de primeira grandeza na sua decantada constelação.

Fracassando, regressou ao Brasil o nosso jovem Olimpio. Trouxe-nos, porém, uma grande surpreza e uma contribuição de valor para a nossa literatura: o seu romance "Hollywood"—uma novéla da vida real — como esclarece no sub-titulo.

Esse livro foi escrito pelo autor na propria cidade que lhe deu o nome. Essa "cidade maravilhosa" (segundo os cronistas distantes) é para todo brasileirinho quase imberbe e que começa a pitar os primeiros cigarros uma estranha fascinação. Vem logo á imaginação tropical o desejo infantil de ser, como um heróe de Pirandello, um **astro** ao lado dos Gilberts e dos Gables...

Foi a vida quotidiana dessa Chanaan moderna, com todos os seus dramazinhos intimos, suas miserias e fistulas sociais, que o sr. O. G. poz a nú, em uma linguagem de revoltado e, muita vez, melancolica e mordaz.

Muito embora tenhamos que atentar ao estado psicologico do autor ao escrever a novéla (fracassado e rebelado contra o imbuste que lhe impingiram como meio de propaganda da Fox no Brasil), "Hollywood", como ensaio de critica social de suas entranhas, é de grande valor.

Inicia o seu romance com a ida de um paulista, muito jovem ainda, para Hollywood, tendo por bagagem literaria algumas crónicas cinematicas, em uma seção social de um jornal sulista, e um **indispensavel** livrinho de versos para ser bom brasileiro...

Esse rapaz, que o proprio Olimpio viveu, foi para a cidade dos filmes como representante de uma revista carioca. Pouco tempo depois é obrigado a tentar o cinema porque a revista carioca abre falencia e o pobre do "enviado especial" fica ás moscas e sem ter animo para voltar com o fracasso sobre os ombros.

Em Hollywood todo mundo é operario de cinema. Todos habitantes dessa cidade apetecida são **extras, astros** ou **tipos**.

Em uma atmosfera completamente diversa da cidade onde escrevia seus versinhos ingenuos e publicava cronicas cinematicas, pejadas de elogios aos **eminentissimos genios** do cinema, o Lucio começa a viver o seu grande drama interior. O pobre rapaz desesperava-se deante da realidade que lhe apresentava a cidade maravilhosa de u'a maneira pungente.

O sr. O. G. passa a narrar a vida de um aglomerado de brasileiros em uma "republica" dirigida pelo Vicentini, um italiano filho do Estado de São Paulo... O esforço que dispendiam para arranjar um trabalhozinho no meio da multidão de **extras**,

que moureja os dias e as noites nas imediações dos **studios** em busca do pão. As desilusões diarias, a volta para casa e, na hora do almoço, todos consternados, desenganados, apertam os cinturões nos ventres. Tudo isso escrito a côres fortes, terrivelmente amarélas, é um brado de alerta aos que ainda se embalam na dôce ilusão de irem brilhar na constelação de "Hollywood". Em sintese: todo livro do sr. Olimpio Guilherme é um grito de ventre vasio.

A cidade de Hollywood é economicamente um agrupamento de fabricas de filmes. O imperialismo ianqui usa dos mesmos meios de estorsão nessa industria como faz nas outras. Sendo uma das mais rendosas os magnatas norte-americanos mercenarizaram-na ao extremo e fizeram dos seus interpretes miseraveis escravos economicos. E' verdade que existe muito **astro** em ótimas condições economicas, porém, a grande maioria, a massa dos **tipos** e dos **extras**, segundo o testemunho visual do sr. O. G., representa uma tristissima pagina de tragedia social.

O ex-astro conseguiu focalizar tudo isso muito bem em o seu romance. Admiravelmente controlado, o novel escritor joga com uma enormissima quantidade de personagens sem, uma só vez, emaranhar-se na historia que resolveu escrever dissecando a sociedade **hollywoodense**. Em "Hollywood" o romancista é antes de tudo um cineasta, daí a sua capacidade de detalhe e a sequencia perfeita das cenas que descreve naturalmente, sem forçar e com certa segurança no estudo do ambiente.

A cena do romance em que o Lucio foi chamado, pelo telefone, pelo proprio diretor Stone, e, quando esperava ser contratado, serviu somente para tirar uma prova vestido de palhaço, é de uma emotividade profunda e trouxe uma influencia bastante forte ao carater do jovem brasileiro. Dizem os reporters internacionais que, de fato, o sr. O. G. experimentou essa decepção. Essa e a do creado comendo uma banana ás pressas, e que foi repetida cinco vezes pelo diretor de cena para o rapaz matar a fome, imprimem ao livro um sentido profundamente humano de comiseração por aquela massa miseravel que o imperialismo explora em nome da setima arte.

Particularidades da vida **hollywoodense**, que só poderiam ser descritas por quem sinceramente sofresse lá com a multidão de obreiros dos "studios", repontam a cada pagina do romance.

A sincronização das comédias de animais e desenhos animados, que são feitas com as vozes humanas, é um trabalho que comove e que nos apresenta o verdadeiro aspecto doloroso da arte, sem os adjetivos perfumados dos agentes de propaganda e sem a falsa beleza da "maquilage" intelectual de quantos escrevem sobre a vida dos "astros", esquecendo-se, porém, dos proletarios do cinema.

O enredo de "Hollywood" é movimentadissimo devido a grande quantidade de personagens de que falei acima, e como tambem pelo numero de acontecimentos que descreve.

A cidade dos filmes tem seus tipos populares como qualquer vilazinha do interior do Brasil, diz o autor.

Salientam-se os seguintes: Katy—a sogra do diretor da "Gralha",— um jornalizinho de escandalos e mexericos que circula de preferencia entre os mais

pobres de Hollywood — os extras. O Orestes, diretor de "Monoculo", tipo de jornalista aretiniano de segunda classe... O Jesus, o dr. Ivan Socolov, que se compenetrou, ao extremo, de que era o nazareno, ao ponto de esquecer a sua antiga personalidade e viver a ler salmos biblicos. A Anne Carter, já velhota, fanatica pela sua posição no cinema, usando de estratagemas de toda especie para não perder a publicidade e passar por jovem aos olhos de todos, quando na verdade já era uma creatura cansada fisicamente e de situação economica precaria, embora aparentasse viver confortavelmente de seus rendimentos...

Uma das figuras centrais do romance é a Vera, a mulher que fazia o papel de "double" de Greta Garbo. Lucio se apaixonou pela "double" e, ao mesmo tempo, tinha mêdo de amar porque em Hollywood o amôr é mecanico, como mecanicos são todos os bonecos humanos que se movimentam diante das cameras e dos gritos dos diretores, chorando e rindo de conformidade com a cena que representam.

Munido de tão fertil material o sr. Olimpio Guilherme escreveu um bom livro e de grande valor como literatura social.

Felizmente o fim do romance fugiu, por um triz, do comum e do banal como todas as peliculas ianquis que terminam com um espalhafatoso beijo casamenteiro.

—A Vera não resistiu á tentação de ficar em Hollywood, preferindo as incertezas de uma gloria ainda que efemera ao convivio pacato de um lar em uma fazenda paulista.

A eterna historia, sempre tragica e muito humana, da mosca de "azas de ouro e granada" atraída pelos raios enganadores de uma luz inatingivel...

A. J.

"A nova Russia"

HENRI BARBUSSE — Editores Irmãos Pongetti — Rio — 1932

Somente agora nos aparece em um ligeiro volume, na versão portuguêsa, sob o titulo de "A NOVA RUSSIA", a serie de artigos que Henri Barbusse escreveu ha quatro anos passados para o seu MONDE e alguns jornaes sovieticos como "Pravda", "Isvetzia", etc., sobre a URSS. Apesar do tempo decorrido, o livro de Barbusse vem nos trazer dados bastantes interessantes sobre este "novo continente instalado sobre o velho continente".

Já conheciamos o seu "LE FEU". Uma nitida fotografia dessa imensa tragedia que foi a grande guerra. Ao mesmo tempo um imenso poema que nos ofereceu, porque afinal Barbusse, dentro da narração desses pequenos dramas das trincheiras que encerram em si uma imensidade, dentro dessa linguagem argot, dessa vida de **cadaver vivo** durante os terriveis quatro anos desse espetaculo que mudou os destinos de um mundo, encerrou inconscientemente uma poesia toda sua, que nós sentimos bem em seus minimos detalhes. E, essa poesia, embora em outros moldes, mas sempre barbussiana, reaparece, principalmente no elemento pictorial da sua NOVA RUSSIA. Ele é um encantado pela terra, por "êsse povo que atirou tudo pelos ares, para longe, para o outro degrau da historia". Extasia-se diante da paisagem russa, paisagem que tão bem representa o estado feliz de um povo. Tudo plano. "No espaço alvo como o linho, pequenas isbas, cabanas escusas, arvores sem conta caiadas de neve e estradas a perder de vista. Creanças coradas pelo frio, homens de botas, boné e barba; vovós risonhas; moças de lenços gaiatos na cabeça e saias pesadas, da côr dos tapetes, dos canteiros muito floridos".

Visitando a URSS, não se limitou a verificar as grandes realidades dos grandes centros. Pouco nos diz sobre Leningrado e Moscou. Vae satisfazer a sua curiosidade, vae **sentir** a verdadeira realidade nos meios pequenos, nos campos, nas cidadesinhas, nas longinquas regiões onde nos pareciam bem dificil chegar profundamente as transformações do regime sovietico. E vê que o habitante da republica proletaria, em todos os recantos, traz consigo uma alegria sincera, quasi infantil pelo regime atual. Em tudo a febre, a alegria, o entusiasmo pelo brinquedo do trabalho. Em todos "saúde, simplicidade, lealdade, correção. Alegria e reserva no tratamento, acolhimento franco". O homem do campo já não tem o aspecto de besta inconsciente e sofredora de antes-revolução, que o brasileiro rural tão bem caracterisa. Já se interessa pelos resultados esplendidos da agricultura coletiva e de Estado, porque afinal o "camponês russo não é mistico do vacuo mas mistico do solido, vae em busca do real; e as cifras têm uma eloquencia satanica".

Barbusse não se limita aos estudos de estatisticas e informações de guias, mal percorrendo capital e cidades principaes como quasi sempre fazem escritores em suas viagens apressadas, para depois nos darem suas reportagens pró ou contra uma coisa que eles mal conheceram. Ele está em toda parte onde o novo estado de coisas penetrou. Refle-

te na grande diferença existente entre os costumes nas praias-sanatorios da Criméa, que até a revolta de 1917 eram um imenso campo de orgia, luxo e prazeres da aristocracia, e a Deauville, padrão das praias burguêsas. Um abismo entre lá onde não existe "segundas intenções" e cá "onde reina as maquinações sexuaes, o semvergonhismo hipocrita". Nos seus olhos estampa-se o panorama admiravel da nova moral sem as peias do falso pudor e das grandes miserias da moral burguêsa. Assiste em todos os recantos o progresso extraordinario da nova agricultura, da nova industria, que o homem novo está impondo nesse grande pedaço da Europa. Examina com particular interesse a literatura e a arte proletarias. O cinema russo, indiscutivelmente o de maior valor mundial, olhado com admiração e respeito pelo capitalismo de Hollywood, dessa Hollywood de cuja vida real Olimpio Guilherme nos deu um ótimo livro, é motivo de um esplendido capitulo onde nos dá uma noção desta obra admiravel que é "O ARSENAL", um grande filme de um proletario moço e genial: Djenko.

Auscultando intimamente a alma russa a respeito do novo estado de coisas, sentindo alegremente a alegria de um povo que deu ao mundo a positivação da maior experiencia que a humanidade assistiu, ele volta-se para seus amigos russos, numa sinceridade edificante, para preveni-los contra "a influencia das modas francesas e do artigo de Paris", referindo-se ás coisas literarias. Porque bem notou Barbusse, e angustiadamente, que "um povo que domina os outros pela concepção vital nova, o plano de arquitectura social de que ele é obreiro, isto é, os domina pelo espirito; um povo que mudou a face da historia, e que assume o dever de mudar a face da terra, que é o fundador e será o antepassado de um periodo historico; que alem disso, esboça, no dominio das artes e das letras (1), realisações que serão de sua grandesa e semelhança — deixa nesta torrente soberba de diluvio, que é saúde e logica, sobrenadar obras mediocres de exportação, e silhuetas de autores estrangeiros, cujos nomes se tem um certo pudor em pronunciar". Pede para que se evite "esse palhaço de imprevistos engraçados, cuja celebre conversão ao catolicismo não passa de cambalhota de picadeiro, que é Jean Cocteau." Esse Paul Morand, "internacionalista de palacio". Marcel Proust, que "passou a vida toda desfiando e separando, minuto por minuto, atomo por atomo, os fátos, os gestos e a psicologia da classe mais estupida entre todas: a casta mundana". Grito de alarme que podemos muito bem estender até nós, até ao nosso meio universitario ou não, tão saturado desses literatos.

Sentimos um prazer bem grande em lermos este volume de reportagens, de Barbusse. Porque afinal traz em si um carater bem distinto, carater esse bem dificil em se encontrar num livro de reportagens: — sinceridade.

ODORICO TAVARES.

---

(1) agosto de 1928.

Freud e a literatura brasileira

E' uma conquista admiravel, no dominio da ciencia, a que Sigmund Freud fez como creador da psico-análise. O severíssimo professor austriaco, que abriu novos horizontes á psicologia, é modernamente um nome que se impõe nos centros de cultura contemporaneos. O seu metódo psico-análitico e a sua volumosa bagagem de conhecimentos fisio-psiquicos, adquiridos graças a um estudo disciplinado atravez de dezena de anos, trouxeram o rumor das grandes descobertas e o sabôr estranho e amargo para o que ainda era misterio aos olhos da ciencia classicamente reacionaria.

Ultimamente, entre nós, têm se divulgado sobremaneira as suas lições de psico-análise em um grande numero de livros que focalizam o assunto. Nesta focalização muitos se irritam e se ensurgem contra a nova ciencia, apegados ainda á moral hipocrita de uma época que, para a felicidade humana, já deveria ter passado. Daí o erro de interpretação da doutrina freudiana refletindo-se dolorosamente em a nossa literatura.

Certos criticos, quando escrevem sobre livros em que os autores narram minuciosamente cenas luxuriosas, não se pejam de vêr a doutrina psico-análitica em todos esses detalhes simplesmente cabotinos. Confundem a libidio da psicologia abissal com o que, grosseiramente, denominam de sensualismo.

Outros mais sensatos, influenciados pela mania do momento, não escapam á nevrose de citar, em suas criticas, o nome do genial professor de Viena.

E' o caso do sr. João Ribeiro que em sua crónica literaria sobre o romance "Menino de Engenho", livro de real valor, lançou extemporaneamente, no meio de seu artigo, a frase seguinte: "Puro Freud". Direi eu que citar o creador da psico-análise a todo instante e encaixa-lo em qualquer ensaio literario é pura literatice.

Os contemporaneos de Cristo deificaram o sonhador. Hoje, os seus discipulos de gabinete vêem no doutor Freud "o satanaz transformado em cientista". E' o que insinua o lider integralista sr. Tristão de Ataíde.

De um reacionarismo doentio os discipulos do filosofo do Monte das Oliveiras acutilam, toda vez que se oferece ocasião, o genial cientista. O tabú da moral de esconde-esconde dos mizoneistas inconcientes é que Freud, ao contrario de Nietzsche, diminui o homem proclamando a vitoria do instinto sobre á razão. Mas se êle chegou á conclusão de que o instinto sexual é a mola impulsora de todos os atos inconcientes do homem, se observou isto em seus clientes, se tem provas concludentes de tudo quanto afirmou e afirma, a unica culpa de Freud é a de ter sido sincero em um seculo positivamente hipocrita e em que a ciencia, aliada ás conveniencias da filosofia escolastica, marcava passo com a psicologia classica de um superficialismo comodo e rotineiro.

Em pleno seculo XX presenciamos a luta aberta entre a psicologia escolastica dos discipulos do Deus-Filosofo e a psico-análise ou psicologia profunda do Satanaz-Cientista, que vem conse-

guindo minar, vitoriosamente, os empoeirados edificios da moral e da ciencia do seculo passado e ainda dos nossos dias.

Ainda é do conhecido pensador brasileiro sr. Tristão de Ataíde a afirmativa de que: "Eu vejo em Freud um Nietzsche sem genio". Muita gente aceita isto como se fosse um axioma...

Parece-me, no entanto, que o sr. Tristão não foi proprio ao escrever tal coisa. Os inimigos de Freud lá na Europa, logo depois de divulgados os livros deste e, portanto, muito antes dos escritos do pensador brasileiro, procuravam mistificar o cientista dizendo-o um imitador de Nietzsche. Assim é que êle, sem saber que o sr. Tristão chama-lo-ia mais tarde de Nietszche sem genio, escreveu em a sua auto-biografia, naturalmente defendendo-se dos inimigos gratuitos: "Nietzsche, outro filosofo, cujos preságios e opiniões coincidem com frequencia, de um módo surpreendente, com os laboriosos resultados da psico-análise, tenho evitado de lê-lo, durante muito tempo, pois mais que a prioridade, importava-me conservar-me livre de toda influencia".

Não poderia ter sido mais infeliz o sociólogo católico na tentativa de definir o complexo mental de Sigmund Freud.

Stefan Zweig, em seu brilhantissimo ensaio critico-biografico sobre Freud e a psico-análise, fotografa, com a fecundidade de seu estilo, as qualidades geniais deste. Deixa patente que o sabio creou um metódo completamente inédito e que a psico-análise é um produto dos estudos acurados do mesmo.

Deante do creador de uma ciencia até então inexistente, não sabemos de que maneira o sr. Tristão vê o genio para chegar a afirmar tamanha estultice. Salvo se existe a pretensão de negar o valor e a idoneidade das suas creações e a revolução que êle operou nos meios cientificos dos nossos tempos com a sua formidavel bagagem psico-análitica. Ninguem, porém, sinceramente negará que a nova ciencia do inconciente deve a sua existencia ao seu incansavel creador — o intransigente e austero doutor Sigmund Freud.

A. J.

La fin du capitalisme

FERDINAND FRIED — Grasset — Paris — 1932

> **Tu n'es capable de sentir "l'histoire" que dans le passé. Comme si ce n'était pas au moment ou elle se fait que l'histoire est la plus émouvante. "Les hommes de bonne volonté", Tomo IV — JULES ROMAINS.**

Este "La fin du Capitalisme", obra não de um homem mas de um grupo que se oculta sob pseudonimo, é uma das manifestações deste spenglerismo de esquerda que começa a brotar na Alemanha, e que se dispõe a encarar o momento presente em seus aspectos com outras disposições dalma que não as do iniciador da morfalogia historica. Neste livro, notavel tanto pelas qualidades como pelos defeitos, o capitalismo é visto como uma fórma economica, especificamente ocidental como o é a tecnica maquinista (pgs. 199 e 259) dele inseparavel, que se expande até o desdobramento final de todas as possibilidades quando suas contradições internas determinam a substituição.

Como elementos perturbadores que agravam a sua crise intima, intervêem a guerra européa e a realização socialista russa que tornam cada vez mais inevitavel a solução revolucionaria (pag. 276). Uma visão final das probabilidades mais proximas, que, porém, não tem em vista a ação da 3ª internacional, apresenta o mundo como uma serie de blocos de economia fechada: o germano-slavo-asiatico, o latino-americano e o australo-oceani o, tendo ainda como consequencia a fusão americana-canadense. Como cidadelas do liberalismo economico restará apenas a Europa ocidental, vivendo a decadencia economica dos paizes bloqueados.

No estudo historico, procura o grupo autor mostrar que tem sido possivel ao capitalismo transpôr as diversas crises de um seculo de vida economica, devido as sucessivas impulsões que garantiram a aplicação das "invenções capitaes" como a industria chimica, a eletricidade de alta tensão, ou o motor a explosão. Mas no momento presente "esta impulsão não se realizará, porque não houve mais (desde o motor a explosão) nenhuma invenção capital". (pag. 25). Mas, em realidade, o termino das possibilidades não está efetivamente esgotado. O proprio Spengler, no "Homem e a Tecnica" mostrou o quanto falsa é a afirmação de que o esgotamento das reservas de energia sob a fórma de petroleo e carvão acarretaria o termino da civilização técnica. Nos ultimos anos, mesmo, os estudos de um Claude mostraram que as pequenas diferenças de temperatura entre as aguas superficiaes e profundas dos oceanos são consideraveis reservas de energia tecnicamente utilizaveis. E dos estudos de um Chadwick póde muito bem derivar a utilização da energia intra-atomica.

Não se trata, pois, de uma impossibilidade material, mas de uma incapacidade proveniente das contradições intimas do proprio capitalismo, porque com uma técnica subvertedora como seria a uti-

Inv/91
Inv. 12019

UFRJ-FD
doação de Dr. Ivo Jr.

340,05
297a

6.2.73
Recife
ex. 2

mv/81

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

Inv. 98 (cc)

ÊSTE LIVRO NÃO
PODE SAIR
DA BIBLIOTECA